

*Ninon Rose Tavares*

# **SOCORRO GOMES FERREIRA – UMA MULHER MARAJOARA DE FIBRA:**

*História de vida, Artesanato e Design nas Tecituras do Jupatí em São Sebastião  
da Boa Vista - Marajó das Florestas/PA*

*Tese de doutorado*

*Belém - PA  
2025*





**Ninon Rose Tavares**

**SOCORRO GOMES FERREIRA – UMA MULHER MARAJOARA DE FIBRA:**

*História de vida, Artesanato e Design nas Tecituras do Jupati em São Sebastião da Boa Vista - Marajó das Florestas/PA*

Tese de doutorado

**Belém, Pará**

**2025**



**Ninon Rose Tavares**

**SOCORRO GOMES FERREIRA – UMA MULHER MARAJOARA DE FIBRA:**

*História de vida, Artesanato e Design nas Tecituras do Jupati em São Sebastião da Boa Vista - Marajó das Florestas/PA*

Tese de doutorado

Tese apresentada como requisito para obtenção do título de Doutora em Antropologia pela Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Profa. Dra. Renata Godoy

**Belém, Pará**

**2025**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará**

**Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

- 
- T231e Tavares, Ninon Rose.  
Socorro Gomes Ferreira uma mulher marajoara de fibra: História de vida, Artesanato e Design nas Tecituras do Jupati em São Sebastião da Boa Vista – Marajó das Florestas/PA / Ninon Rose Barra Tavares. — 2025.  
xiii, 168 f. : il. color.
- Orientador(a): Prof<sup>ª</sup>. Dra. Renata Godoy  
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Belém, 2025.
1. Autonomia, Artesanato, Design. I. Título.

CDD 301

---



**Ninon Rose Tavares**

**SOCORRO GOMES FERREIRA – UMA MULHER MARAJOARA DE FIBRA:**

***História de vida, Artesanato e Design nas Tecituras do Jupati em São Sebastião da Boa Vista - Marajó das Florestas/PA***

Tese de doutorado

Banca Examinadora:

---

Prof. Dra. Márcia Bezerra de Almeida – PPGA/UFPA Examinador Interno

---

Prof. Dr. Érica Quinágua Silva - Examinadora Interna Suplente

---

Prof. Dr. Agenor Sarraf-Pacheco – PPHist/UFPA Examinador Externo

---

Profa. Dra. Rosângela Gouvêa Pinto – PPGCA/UEPA Examinadora Externa

---

Profa. Dra. Lucy Niemeyer – PPDESDI/UERJ Examinadora Externa

---

Profa. Dra. Renata Godoy – PPGA/UFPA Orientadora

**Belém, Pará**

**2025**

*Dedico essa tecitura primeiramente à Socorro, motivo de eu ter chegado até aqui, mulher da floresta, guerreira, que nunca desistiu de seus sonhos e que luta até hoje por sua arte de tecer a fibra. Quantas vezes me emocionei com seus relatos durante as entrevistas e na tecitura do texto. Tenho muito orgulho de ter compartilhado a vida com você por todos esses anos e ver a mulher que você se tornou. Que nossas tecituras continuem entrelaçadas vida a fora!*

*Aos meus filhos Sarah e Rafael, que são os meus motivos de sempre continuar a buscar outras tecituras e que em toda a minha jornada sempre entenderam minhas ausências e torcem por mim incondicionalmente.*

*À minha mãezinha Rosa Maria e ao meu pai João Ramos (in memoriam), o meu Bem, como sempre te chamei. Eu sou hoje essa mulher porque vocês nunca mediram forças para me dar uma excelente educação, que sempre me incentivaram e vibraram em cada vitória minha, e estiveram ao meu lado em todos os momentos.*

*Ao meu neguinho, meu amor, Paulinho, que sempre me incentivou para que eu não desistisse, mesmo nos momentos mais difíceis quando o desespero tomava conta de mim.*

*Aos meus amigos queridos Sydney, Fernanda, Flávio e Simone Cravo que foram meu apoio nos anos mais difíceis da minha vida, que nunca largaram a minha mão e acreditaram em mim.*

*Ao meu eterno orientador, mestre e amigo, Agenor Sarraf-Pacheco, que mesmo não estando*

*mais no programa nunca me abandonou e que pacientemente me ajudou a voltar ao rumo.*

*À Rosângela Gouvêa minha amiga e colega de sala de aula e projetos da UEPA, que nunca largou do meu pé, sempre dizendo que eu conseguiria.*

*À amiga que a vida acadêmica me deu, Lucy Niemeyer, que esteve à disposição para me orientar. Você sentou comigo e me trouxe de volta à tese, mostrando que eu era capaz de chegar até aqui.*

*À minha orientadora, Renata Godoy, que me acolheu e aceitou me orientar em um momento crucial da pesquisa.*

*A mim mesma, porque não foi fácil chegar até aqui. Eu nunca desisti de nada na minha vida sem lutar, e esse foi um momento que quase eu sucumbi. O divórcio, a morte de meu pai e o câncer de minha mãe tiraram o meu chão, mas eu consegui. Não foi como eu gostaria, sei que tenho muito mais potencial, mas eu cheguei! Foram muitos momentos de desespero, de choro, desânimo, impotência, mas eu venci!*

*E todos vocês todos foram responsáveis por essa vitória. Cada um teceu uma fibra dessa tese junto comigo. Gratidão!*

## RESUMO

A tese traz às margens a trajetória de transformação de Maria do Socorro Gomes Ferreira, mulher da floresta e artesã do município de São Sebastião da Boa Vista – Marajó das Florestas – Pará, que trabalha com a fibra do jupati (*Raphia Taedigera*), retirada de palmeira nativa da flora amazônica, a partir da relação construída pela experiência na área de design e artesanato pelo Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Pará – SEBRAE-PA e em projetos de fomento cultural no período de 2004 a 2019. Para orientar o argumento da tese, problematizo as concepções de autonomia e de agência. Com base em abordagens feministas, nos conceitos da antropologia ecológica e da cultura material, essas duas categorias analíticas me ajudaram a investigar, explicar e compreender as condições de ação dos sujeitos, como uma mulher da floresta superou limitações socioculturais, estruturais, subjetivas e de gênero, fatores que conformam o seu contexto, e alcançou sua emancipação por meio de sua artesanaria. Ao mergulhar nas narrativas, compreendo como os fatores culturais e econômicos estão presentes na conformação das dificuldades e das oportunidades com as quais Socorro se deparou e se confrontou em sua trajetória. Essa sua capacidade de ação e resistência foi tecida com e pela fibra do jupati. Em uma relação intrínseca de conexão entre a fibra e a mulher, constroem-se a si mesmas pela ação da agência. A fibra deixa de ser apenas um objeto, ela ganha vida. É nessa tecitura relacional entre artesã, fibra do jupati e antropóloga que se alinhava o objetivo deste trabalho: Propor constructos epistemológicos a partir da história de vida de Socorro no intuito de compreender, com e pelas fibras do jupati, formas de agência e de autonomia feminina entre mulheres artesãs, na Amazônia Marajoara; Etnografar a trajetória de Socorro na busca de si mesma evidenciando a luta e resistência de mulheres ribeirinhas amazônicas que, como Socorro, pelo seu saber-fazer, em sua relação com o design, a partir de projetos culturais, emergem como território de liberdade. Para a tecitura dessa trama, seguirei orientações teóricas da Antropologia Decolonial, dos estudos do feminismo na Amazônia e da cultura material em conexões com o campo do Design, para etnografar, à luz da etnobiografia, as tecituras de vida de Socorro. O processo de afloramento da memória foi contemplado por meio da metodologia da História Oral e da Fotoetnografia. A primeira tecitura tece o início da relação, traz as expectativas e perspectivas minhas e de Socorro com o projeto Turismo Amazônia no Marajó – SEBRAE-PA, apresenta como se deu as primeiras tecituras da relação entre design e artesanato traçadas pelas ações desenvolvidas nos dois anos de projeto, e como nesse processo se apresentam os primeiros ensejos de emancipação. A segunda tecitura traz o reencontro, o recomeço, a esperança de Socorro de voltar a sonhar em viver de sua arte depois de cinco anos de finalização do projeto do SEBRAE, como a pesquisa de campo tecida nos dois anos do mestrado, e seus desdobramentos com o retorno da relação entre design e artesanato, marcam o início do processo de protagonismo de Socorro. A terceira tecitura apresenta o projeto, “Mulheres da fibra de jupati: tecendo a vida com arte” aprovado no edital do Programa Amazônia Cultural do Ministério da Cultura - MINC e os incrementos resultantes desse projeto, marcando o apogeu de Socorro em seu grito de liberdade, mas também todo o processo de luta travada por ela para ter direito de uma vida melhor, a viver por si e para si. Trazer à tona a trajetória de Socorro é aprofundar o debate acerca das questões femininas no contexto amazônico, um imperativo social. Essa abordagem visa construir uma sociedade mais igualitária e, por meio do empoderamento, permitir que mulheres historicamente marginalizadas e silenciadas se tornem agentes de sua própria história.

**PALAVRAS-CHAVES:** Autonomia; Artesanato; Design.

## ABSTRACT

The thesis brings to the margins the trajectory of transformation of Maria do Socorro Gomes Ferreira, a woman of the forest and artisan from the municipality of São Sebastião da Boa Vista – Marajó das Florestas – Pará, who works with the fiber of the jupati (*Raphia Taedigera*), taken from a native palm tree of the Amazonian flora, from the relationship built by the experience in the area of design and handicrafts by the Support Service for Micro and Small Enterprises of Pará – SEBRAE-PA and in cultural promotion projects in the period from 2004 to 2019. To guide the argument of the thesis, I problematize the concepts of autonomy and of agency. Based on feminist approaches, in the concepts of ecological anthropology and of material culture, these two analytical categories helped me to investigate, explain, and comprehend the conditions of actions of the subjects, how a woman of the forest overcame sociocultural, subjective and gender limitations, factors that model her context, and reached her emancipation by means of her handcrafting. By diving into the narratives, I understand how the cultural and economic factors are present in the modeling of the difficulties and opportunities that Socorro had to face and fight. This capacity of action and resistance of hers was weaved with and by the jupati fiber. In an intrinsic relationship between the fiber and the woman, they build up one another through the action of the agency. The fiber is no longer only an object, it gains life. It is this relational weavings between artisan, jupati fiber, and anthropologist that are aligned with the objective of this work: to suggest epistemological constructs from Socorro's life history aiming at understanding, with and by the jupati fibers, forms of agency and feminine autonomy among women artisans, in the Marajoara Amazon; to ethnograph Socorro's trajectory in the quest of herself highlights the fight and resistance of the Amazonian riverine women who, like Socorro, through their know-how, in their relationship with the design, from cultural projects, emerge like territory of freedom. For the weaving of this weave, I will follow theoretical guidelines of the Decolonial Anthropology, studies of the feminism in the Amazon, and material culture in connections with the field of Design, in order to ethnograph, under the light of the ethnobiography, the weavings of Socorro's life. The process of memory recovery was contemplated by means of the methodology of the Oral History and the Photoethnography. The first weaving weaves the beginning of the relationship, brings the expectations and perspectives of me and Socorro's with the Amazon Tourism in Marajó project – SEBRAE-PA, presents how the first weavings of the relationship between design and handicraft were traced by the actions developed in the two years of the project, and how in this process the first opportunities for emancipation are presented. The second weaving brings the reunion, the new beginning, Socorro's hope of dreaming of living from her art again after five years of completion of the SEBRAE project, as the field research woven in the two years of the master's degree, and its developments with the return of the relationship between design and craftsmanship, mark the beginning of Socorro's process of protagonism. The third weaving presents the project, "Women of the jupati fiber: weaving life with art" approved in the public notice of the Cultural Amazon Program of the Ministry of Culture - MINC and the increments resulting from this project, marking Socorro's apogee in her cry for freedom, but also the entire process of struggle waged by her to have the right to a better life, to live by themselves and for themselves. To raise Socorro's trajectory is to deepen the debate about the feminine issues in the Amazonian context, a social imperative. This approach aims at constructing a more equal Society and, by means of empowerment, allowing that historically marginalized and silenced women become agents of their own history.

**KEYWORDS:** Autonomy; Craftsmanship; Design.

**LISTA DE ABREVIACÕES**

SEBRAE/PA	Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Pará
PPGArtes	Programa de Pós-Graduação em Artes
UFPA	Universidade Federal do Pará
UEPA	Universidade do Estado do Pará
MINC	Ministério da Cultura
PPGA	Programa de Pós-Graduação em Antropologia
PPDESDI	Programa de Pós-Graduação da Escola Superior de Desenho Industrial
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
FESARTE	Feira Estadual do Artesanato
FAM	Feira do Artesanato Mundial
SETER	Secretaria de Estado de Trabalho, Emprego e Renda
SEFIC	Secretaria de Fomento e Incentivo à Cultura
FCP	Fundação Cultural do Pará
AARTA	Associação de Artesãos e Artesãs das Comunidades de Nova Pedreira, Vista Alegre e Coroca

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Primeiro encontro com os artesãos, 2004 .....	332
Figura 2 – Produtos com a fibra do jupati do primeiro encontro, 2004 .....	33
Figura 3 – Chapelinhos e chapéus de boneca, 2011. Foto: Aislan de Paula .....	36
Figura 4 – Chapéu de homem, 2012.....	37
Figura 5 – Chapéu de praia, 2012. Foto: Lídia Abraham.....	37
Figura 6 – Casqueti, 2013.....	38
Figura 7 – Trabalho de encapa de garrafas, 2012.....	38
Figura 8 – Furo Santo Antônio, 2011. Foto: Manuela Costa .....	40
Figura 9 – Rio Pará, 2011. Foto: Aislan de Paula .....	41
Figura 10 – Socorro e as artesãs rumo à oficina, 2005.....	41
Figura 11 – Praia de Nazaré, 2011. Foto: Aislan de Paula.....	42
Figura 12 – Primeira oficina de criação, 2005.....	43
Figura 13 – Segunda oficina de criação - produção com a tala de jupati, 2005 .....	45
Figura 14 – Segunda oficina de criação - produção com a fibra de jupati, 2005 .....	45
Figura 15 – Segunda oficina de criação - jogo americano, descanso de panela com a tala de jupati, 2005 .....	46
Figura 16 – Segunda oficina de criação - protótipo de cachepô com a tala de jupati, 2005 ....	47
Figura 17 – Segunda oficina de criação - protótipo de nécessaire com a fibra de jupati, 2005	47
Figura 18 – Segunda oficina de criação - protótipo de nécessaire com a fibra de jupati, 2005	48
Figura 19 – Terceira oficina de criação - produção com a tala de jupati, 2005 .....	53
Figuras 20 e 21 – Terceira oficina de criação - produção com a tala de jupati, 2005 .....	53
Figura 22 – Terceira oficina de criação - produção com a fibra de jupati, 2005.....	54
Figura 23 – Exposição semana do artesão, espaço São José Liberto, 2006 .....	54
Figura 24 – Exposição semana do artesão, espaço São José Liberto, 2006 .....	60
Figura 25 – Exposição semana do artesão, espaço São José Liberto, 2006 .....	61

Figura 26 – Exposição semana do artesão, espaço São José Liberto, 2006 .....	61
Figura 27 – Produção pós-exposição, mesinha em tala de jupati, 2007 .....	62
Figura 28 – Produção pós-exposição, revisteiro em tala de jupati, 2007 .....	63
Figura 29 – Produção pós-exposição, bandeja em tala de jupati, 2007.....	64
Figura 30 – Produção pós-exposição, suporte de plantas em tala de jupati, 2007 .....	64
Figura 31 – Produção pós-exposição, abajures em tala de jupati e paxiúba, 2007 .....	65
Figura 32 – Casa de Socorro. Foto: Aislan de Paula, 2011 .....	65
Figura 33 – Desenhos criados na tecitura, 2011 .....	69
Figura 34 – Desenhos criados na tecitura, 2011 .....	70
Figura 35 – Desenhos criados na tecitura, 2011 .....	70
Figura 36 – Desenhos criados na tecitura, 2011 .....	71
Figura 37 – Apresentação do projeto para as artesãs, 2012.....	71
Figura 38 – Apresentação do projeto para as artesãs, 2012.....	75
Figura 39 – Processo produtivo, 2012 .....	76
Figura 40 – Processo produtivo, 2012 .....	76
Figura 41 – Processo produtivo, 2012 .....	76
Figura 42 – Processo produtivo, 2012.....	77
Figura 43 – Prendedor de cabelo, 2012 .....	78
Figura 44 – Brincos, 2012 .....	78
Figura 45 – Tiaras, 2012.....	79
Figura 46 – Colares, 2012 .....	79
Figura 47 – Processo produtivo, 2012 .....	81
Figura 48 – Interação do grupo durante o processo produtivo, 2012 .....	82
Figura 49 – Colares resultantes do segundo workshop, 2012 .....	82
Figura 50 – Colar resultante do segundo workshop, 2012 .....	83
Figura 51 – Colar resultante do segundo workshop, 2012 .....	83

Figura 52 – Pulseiras resultantes do segundo workshop, 2012 .....	84
Figura 53 – Pulseiras resultantes do segundo workshop, 2012 .....	84
Figura 54 – Prendedores de cabelo resultantes do segundo workshop, 2012.....	85
Figura 55 – Processo produtivo, 2012 .....	86
Figura 56 – Processo produtivo, 2012 .....	87
Figura 57 – Processo produtivo, 2012 .....	88
Figura 58 – Produto inspirado no Círio – manto e chaveiros 2012.....	88
Figura 59 – Produtos inspirados no Natal – bolas de Natal, 2012.....	89
Figura 60 – Feira do Empreendedor, 2012 .....	90
Figura 61 – Feira do Empreendedor, 2012 .....	90
Figura 62 – Produtos inspirados no Natal – móbile, 2012 .....	91
Figura 63 – Produtos inspirados no Natal – bolas de Natal, 2012.....	91
Figura 64 – Produtos inspirados no Natal – móbile, 2012 .....	92
Figura 65 – Produtos inspirados no Natal – enfeites, 2012 .....	92
Figura 66 – Processo de cocriação da identidade visual com o grupo, 2012. Foto: Lídia Abrahim .....	94
Figura 67 – Cartão de visita de Socorro, 2012. Foto: Lídia Abrahim .....	94
Figura 68 – Tag (etiqueta) dos produtos – frente e costa, 2012. Foto: Lídia Abrahim .....	95
Figura 69 – Defesa da dissertação de mestrado – assinatura da ata, 2012 .....	96
Figura 70 – Defesa da dissertação de mestrado – com Socorro, 2012 .....	96
Figura 71 – Socorro no documentário Mulheres de Fibra/da Fibra, 2013 .....	97
Figura 72 – Socorro no documentário Mulheres de Fibra/da Fibra, 2013 .....	98
Figura 73 – Exposição e comercialização dos produtos no dia da defesa de dissertação, 2013 .....	99
Figura 74 – Defesa de mestrado em São Sebastião da Boa Vista, 2013 .....	100
Figura 75 – Exposição de produtos após apresentação da dissertação em São Sebastião da Boa Vista, 2013.....	101

Figura 76 – Exposição fotográfica: “Dessa Fibra Teço o Mundo” após apresentação da dissertação em São Sebastião da Boa Vista, 2013.....	101
Figura 77 – Max Colar, 2013 .....	102
Figura 78 – Croquis de peças para o Círio, 2013 .....	103
Figura 79 – Móbile Nossa Senhora de Nazaré, 2013 .....	103
Figura 80 – Colar, 2013.....	104
Figura 81 – Bolas de Natal, 2013 .....	104
Figura 82 – Socorro tecendo, 2013.....	105
Figura 83 – Momentos de produção coletiva, 2013 .....	106
Figura 84 – Momentos de produção coletiva, 2013 .....	106
Figura 85 – Stand coletivo Arte em Fibra de Jupati na FESARTE, 2014.....	109
Figura 86 – Socorro, outra artesã, eu e Manoela na FESARTE, 2014.....	109
Figura 87 – Stand coletivo Arte em Fibra de Jupati na FESARTE, 2014.....	110
Figura 88 – Oficina de cartonagem, 2014 .....	116
Figura 89 – Tecitura do tapetinho para confecção das bolsas, 2014 .....	1117
Figura 90 – Bolsas criadas na oficina de cartonagem com a fibra do jupati e tecido 100% algodão feito por Moysés Cavalcante, 2014.....	1117
Figura 91 – Bolsas criadas na oficina de cartonagem com a fibra do jupati e tecido 100% algodão feito por Moysés Cavalcante, 2014.....	118
Figura 92 – Socorro sendo entrevistada durante o projeto do MinC, 2015.....	119
Figura 93 – Socorro sendo entrevistada durante o projeto do MinC, 2015.....	119
Figura 94 – Making of do primeiro editorial de moda em Boa Vista. Foto: Manoela Costa, 2015 .....	121
Figura 95 – Making of do primeiro editorial de moda em Boa Vista. Foto: Manoela Costa, 2015 .....	121
Figura 96 – Making of do primeiro editorial de moda em Boa Vista. Foto: Manoela Costa, 2015 .....	122

Figura 97 – Primeiro editorial de moda em Boa Vista. Foto: Moysés Cavalcante, 2015 .....	122
Figura 98 – Primeiro editorial de moda em Boa Vista. Foto: Moysés Cavalcante, 2015 .....	123
Figura 99 – Socorro e as demais artesãs na reunião de aprovação de layout do site, em Boa Vista. Foto: Manoela Costa, 2015 .....	126
Figura 100 – Tela de entrada do site, 2015 .....	126
Figura 101 – Tela de mostruário de produtos.....	127
Figura 102 – Tela de vídeos individuais.....	127
Figura 103 – Segundo editorial – ensaio em estúdio. Foto: Moysés Cavalcante, 2015 .....	128
Figura 104 – Segundo editorial – ensaio em estúdio. Foto: Moysés Cavalcante, 2015 .....	129
Figura 105 – Segundo editorial – ensaio externo em pontos da cidade de Belém. Foto: Moysés Cavalcante, 2015 .....	129
Figura 106 – Segundo editorial – ensaio externo em pontos da cidade de Belém. Foto: Moysés Cavalcante, 2015 .....	130
Figura 107 – Layout do projeto da exposição. Foto: Abraham Design Amazônico – Terezinha Abraham, 2015.....	131
Figura 108 – Espaço de exposição finalizado. Foto: Geraldo Menezes, 2015 .....	131
Figura 109 – Socorro acompanhando a colagem dos adesivos na semana do evento. Foto: Lídia Abraham, 2015.....	132
Figura 110 – Banners com a história de vida das mulheres. Foto: Geraldo Menezes, 2015..	133
Figura 111 – Banner com a apresentação do projeto. Foto: Geraldo Menezes, 2015.....	133
Figura 112 – Banner com o site do grupo. Foto: Geraldo Menezes, 2015.....	134
Figura 113 – Publicidade. Luciane Fiuza de Mello e Vitor Luiz Barros, 2015.....	135
Figura 114 – Abertura da exposição e lançamento do site. Foto: Geraldo Menezes, 2015 ..	136
Figura 115 – Apresentação do site. Foto: Geraldo Menezes, 2015.....	136
Figura 116 – Apresentação do vídeo promocional. Foto: Geraldo Menezes, 2015 .....	137
Figura 117 – Socorro sendo entrevistada na abertura da exposição. Foto: Geraldo Menezes, 2015 .....	138

Figura 118 – Marcos Vianna - Anglogold Ashanti, 2015 .....	141
Figura 119 – Montagem da exposição no espaço Arte à Vista, 2016 .....	142
Figura 120 – Montagem da exposição no espaço Arte à Vista, 2016 .....	142
Figura 121 – Prédio do Arte à Vista no município de São Sebastião da Boa Vista, 2016 .....	143
Figura 122 – Espaço Arte à Vista pronto para a abertura da exposição, 2016 .....	143
Figura 123 – Encontro de encerramento do projeto na comunidade Cristo Rei, 2016 .....	144
Figura 124 – Encontro de encerramento do projeto na comunidade Cristo Rei, 2016 .....	144
Figura 125 – Encontro de encerramento do projeto na comunidade Cristo Rei, 2016 .....	145
Figura 126 – Montagem da loja no Parque Shopping, 2016 .....	146
Figura 127 – Montagem da loja no Parque Shopping, 2016 .....	146
Figura 128 – Loja pronta para a inauguração, 2016 .....	147
Figura 129 – Loja pronta para a inauguração, 2016 .....	147

## SUMÁRIO

<b>PRIMEIRAS <i>TECITURAS</i></b> .....	<b>18</b>
<b>I <i>TECITURA: Caminho de Encontro</i> - Projeto “Turismo Amazônia no Marajó” (2004-2006)</b> .....	<b>32</b>
<b>II <i>TECITURA: Caminho dois a dois</i> - Mulheres entre Enfeites &amp; Caminhos: reencontro, pesquisa, artesanato e design</b> .....	<b>68</b>
<b>III <i>TECITURA: Caminho Reto</i> - Mulheres da fibra de jupati: tecendo a vida com arte</b> .....	<b>114</b>
<b>OUTRAS <i>TECITURAS</i></b> .....	<b>155</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>163</b>

## PRIMEIRAS TECITURAS

A rabeta navega próximo à margem. Sol forte, vento no rosto, cheiro de água doce, sinto-me em casa. A luz do dia que reflete o rio ainda calmo, sem maresia, aponta que a viagem será tranquila. Assim, deixo-me envolver pelo clima e vou registrando minhas percepções pelo caminho das águas (Jardim 2013:80).

O interesse pelos Marajós<sup>1</sup> vem de minha ancestralidade marajoara, por parte de meu pai João Ramos Tavares (*in memoriam*), que nasceu no município de Ponta de Pedras (PA). Essa relação estava latente e desabrochou quando a minha vida se entrelaçou ao saber-fazer artesanal e iniciei minha caminhada como designer junto ao Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Pará - SEBRAE/PA. Começava a ser tecido nesse momento a relação entre design, cultura e sociedade, que seria a linha guia para minha vida de professora, designer e pesquisadora; uma longa jornada de contato com pessoas, lugares, culturas, memórias, patrimônios, saberes-fazer e estéticas. Durante os 15 anos em que fui consultora do SEBRAE/PA, desembarquei em vários municípios dos Marajós, tanto em municípios de floresta, quanto em municípios de campos, como Currealinho, Breves, Muaná, São Sebastião da Boa Vista, Portel, Bagre, Soure, Salvaterra, Cachoeira do Arari e Afuá. Porém, foi pelos caminhos de rio de São Sebastião da Boa Vista, Marajó das Florestas, que se iniciou a *tecitura*<sup>2</sup> de meu percurso como pesquisadora.

O meu entretencimento com o saber-fazer em jupati (*Raphia Taedigera*), que é a matéria-prima usada pelos artesãos locais, uma palmeira nativa da flora amazônica em aspecto de touceira, utilizada para diversos fins, como na confecção do matapi (utensílio usado para a pesca artesanal do camarão), cestos e baús; e chapéus, acessórios de moda e trabalhos de encapa (Jardim 2013), teceu suas primeiras tramas de 2004 a 2006, com o projeto Turismo Amazônia no Marajó, no qual, como designer contratada pelo SEBRAE/PA, tive como objetivo diversificar e potencializar a produção artesanal em jupati. A *tecitura* se fortaleceu no período de 2011 a 2013, quando iniciei a pesquisa de

---

<sup>1</sup> O texto seguirá as orientações de Sarraf-Pacheco (2006, 2009, 2012), ao utilizar as expressões Marajós, Amazônia Marajoara e Marajó das Florestas no lugar de Marajó ou Ilha do Marajó. Em seus estudos, o autor vem problematizando o termo como proposta de leitura das trajetórias dos municípios marajoaras no sentido de valorizar diferenças e especificidades sem esquecer semelhanças e entrelaçamentos.

<sup>2</sup> Durante o texto o termo “tecitura” sempre aparecerá em itálico para fazer referência ao próprio processo de escritura da tese como um entrelaçamento de saberes-fazer ancestrais e acadêmicos, bem como ao enlace de vidas entre a pesquisadora e designer e Socorro, mulher da floresta e artesã na relação design e artesanato.

campo para o mestrado em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes/PPGArtes da Universidade Federal do Pará – UFPA. Na pesquisa, apresento uma cartografia do saber-fazer com fibras de jupati, tecido pelas mulheres do município. A culminância desse entrelaçamento aconteceu com a aprovação do projeto Mulheres da Fibra de Jupati: Tecendo a Vida com Arte, aprovado no edital do programa Amazônia Cultural, do Ministério da Cultura – MINC, em 2014, e os desdobramentos que esse projeto trouxe nos anos subsequentes até 2019.

Durante esse percurso, apesar dos objetivos terem sido primeiramente visibilizar e potencializar o artesanato local a partir das ações desenvolvidas pelos projetos do SEBRAE e editais culturais e registrar o saber-fazer em fibra de jupati pelas mãos das mulheres que tecem essa arte ancestral em São Sebastião da Boa Vista, com a pesquisa do mestrado, pude vivenciar a resistência e as lutas vividas por essas mulheres da Amazônia marajoara na busca de construir sua autonomia a partir do entrelaçamento de seus saberes-fazer com esses projetos. Entendendo a autonomia das mulheres à luz de Vera Soares (2011), que em seu texto *Mulheres, Autonomia e Trabalho* define essa categoria analítica como a “capacidade de tomar decisões livres e informadas sobre sua própria vida, de maneira a poder ser e fazer em função de suas próprias aspirações e desejos, num determinado contexto histórico” (Soares 2011:281).

Porém, é com as fibras de Maria do Socorro Gomes Ferreira (50 anos), ou simplesmente Socorro, como gosta de ser tratada, essa mulher da floresta, artesã, ribeirinha, marajoara, que vou tecer o texto, desvelando pelas *tecitur*as de vida suas artimanhas e estratégias de reexistência na construção de sua autonomia. Pois foi Socorro que desde os primeiros fios dessa trama, dentre todas as artesãs com quem convivi no período de 2004 a 2019, se agarrou às oportunidades que a relação design e artesanato trouxeram para a realização do sonho de viver de sua arte.

Socorro nasceu e vive até hoje no município de São Sebastião da Boa Vista, Marajó das Florestas, Pará; é separada, mãe de seis filhos: Júnior (o mais velho), seguido de Richelly, Rafael, Raylana, Renata e Rayssa; aprendeu a tecer o jupati com Dona Amélia, na época, sua sogra, apesar de a mãe, Dona Marcelina, saber a arte. Ela acredita que seu saber-fazer é importante em sua vida, pois com ele criou seus filhos e é de onde tira para comprar suas coisas, sem depender do companheiro. “Neste sentido, a fibra dá uma certa independência financeira a essas mulheres, que veem essa arte, como algo seu, um conhecimento próprio que ninguém pode lhes tirar” (Ninon Jardim 2013:38). E é pelas

*tecituras* da fibra do jupati que Socorro se apropria do entrelaçamento de sua artesanania com o design e ressignifica sua vida, construindo sua emancipação pessoal, profissional e emocional.

Para tecer essa trajetória, problematizo duas categorias analíticas que me ajudaram a explicar e compreender as condições de ação dos sujeitos, como essa mulher da floresta condicionada por um conjunto de fatores socioculturais, estruturais, subjetivos e institucionais atravessados pelas condições de gênero, entre outros fatores que conformam o seu contexto, na relação com sua artesanania conseguiu conquistar sua emancipação (Silvana Mariano *et al.* 2024). O texto é alinhavado pelas concepções de autonomia e de agência, considerando perspectivas feministas à luz de Mariano *et al.* (2024), mas também a partir de conceitos da antropologia ecológica (Tim Ingold 2012) e da cultura material (Daniel Miller 2013).

No que diz respeito aos apontamentos de Mariano *et al.* (2024), ao reconstruir a narrativa de Socorro, é possível identificar as experiências chave para a compreensão de como a busca por autonomia, por um tipo de “autodefinição”, é permeada por constrangimentos de gênero, mas também por agenciamentos. Ao costurar essa *tecitura*, compreendo como os fatores culturais e econômicos se entrelaçam na configuração das dificuldades, como também das oportunidades com as quais Socorro se deparou e se confrontou ao longo de sua vida. Agência e autonomia, portanto, são conceitos úteis para visibilizar a capacidade de ação e de resistência de mulheres como Socorro.

Nessas discussões, o feminismo decolonial tem sido um importante contraponto no debate sobre desenvolvimento, ao insistir na necessidade de considerar a agência e o status de sujeito das mulheres do “Terceiro Mundo”, atentando para a pluralidade das estruturas econômicas, legais, familiares e religiosas que caracterizam as diversas práticas sociais e culturais do Sul global. (Souza *et al.* 2021 *apud* Mariano *et al.* 2024:3).

Essa capacidade de ação e resistência de Socorro foi tecida com e pela fibra do jupati. A fibra não se resume à matéria-prima retirada de uma palmeira amazônica, ela é uma entidade viva. Socorro age na fibra, ao mesmo tempo que a fibra age em Socorro. É a fibra que permite que Socorro alcance seus objetivos. “Se as pessoas podem agir sobre os objetos que as circundam, então, argumenta-se, os objetos ‘agem de volta’ e fazem com que elas façam, ou permitem que elas alcancem, aquilo que elas de outro modo não conseguiriam” (Ingold 2012:33). Nesse sentido, como deixa ver Miller (2013), as coisas

fazem as pessoas. Entendo coisa de acordo com os apontamentos de Ingold (2012:29):

Assim concebida, a coisa tem caráter não de entidade fechada para o exterior, que se situa no e contra o mundo, mas de um nó cujos fios constituintes, longe de estarem nele contidos, deixam rastros e são capturados por outros fios noutros nós. Numa palavra, as coisas *vazam*, sempre transbordando das superfícies que se formam temporariamente em torno delas.

A fibra é um “acontecer”, um lugar onde vários acontecimentos se entrecruzam na vida de outras mulheres. Pensar a fibra como um objeto é omitir a relação com as mãos que a tecem. É esquecer que antes de tudo ela é o resultado da interação entre uma pessoa, uma mulher que a tece, e um objeto, a fibra. Dessa maneira, ela só pode ser entendida na percepção de que a fibra “[...] seja dotada de um princípio animador interno, uma agência, que a coloca em movimento” (Ingold 2012:33) e que por ela, a fibra, deixa latente às mulheres que tecituras podem seguir em suas vidas. Socorro sentiu essa latência, percebeu o que a fibra sussurrava em seus ouvidos pela *teitura*, e juntas seguiram em frente, resistiram e (re)existiram.

É nesse fluxo relacional entre artesã, fibra do jupati e antropóloga que se tece o objetivo deste trabalho: propor recursos teóricos e conceituais úteis a partir da história de vida de Socorro, para compreender, com e pelas fibras do jupati, formas de agência e de autonomia feminina entre mulheres artesãs, ribeirinhas na Amazônia Marajoara. É necessário ampliar a discussão sobre a pauta de mulheres no contexto amazônico, para a construção de uma sociedade mais igualitária que oportunize trazer às margens sujeitos mais autônomos e protagonistas de si mesmos.

Para alinhar esse argumento, vou etnografar pela fibra de jupati, o saber-fazer ancestral que vem sendo passado pela oralidade por gerações<sup>3</sup>, representação e referência cultural de uma artesanaria tradicional de São Sebastião da Boa Vista que ainda é fonte de renda para muitas mulheres, e desvelar como a trajetória de vida de Socorro em sua relação com o design emerge como território de liberdade, de direito de uma vida melhor, de acesso a novas possibilidades de vida, lutas, resistência, transgressões, transformações, empoderamento, conquistas e sonhos. Como na experiência de mulheres no Rio Negro, no Amazonas, trazida por Alessandra dos Santos Pereira e Iolete Ribeiro da Silva (2023),

---

<sup>3</sup> Mais informações sobre a arte em jupati, consultar Jardim (2013).

etnografar a trajetória de Socorro na busca de si mesma evidencia a luta e resistência de mulheres ribeirinhas amazônidas. “Resistir é a própria vida das mulheres que lutam contra um sistema que insiste em mantê-las na subalternidade histórica” (Pereira e Silva 2023:13). Essas reflexões sobre mulheres, agência, resistência e autonomia, balizadas por desigualdades e assimetrias oferecerem um enquadramento antropológico produtivo para a etnografia.

A minha vivência com a comunidade e mais especificamente com Socorro no período de 2004 a 2019 se traduziu em uma experiência etnográfica, pois aconteceu como uma relação descontínua, fluida e imprevisível (José Magnani 2009). O exercício do olhar (ver) e do escutar (ouvir) a partir de uma participação efetiva na sociabilidade, na cotidianidade de Socorro (Cornelia Eckert e Ana Luiza Rocha 2008) teve uma efetivação mais intensa durante a pesquisa de campo para o mestrado. No texto dissertativo, construí uma descrição densa (Clifford Geertz 2015), pude “navegar” por São Sebastião da Boa Vista pelas mãos das mulheres que tecem a fibra do jupati e olhar, sentir, perceber, experimentar e viver as impressões do lugar, as paisagens praticadas, a casa como lugar de experiências e partilhas, e a sinfonia marajoara, para então mergulhar nas memórias e identidades trançadas por essas mulheres, em suas (reen)tranças com essa artesanaria, o saber-fazer em fibra como modo de fazer e arte de fazer, trançados a partir de relações de afeto, penúria e poder.

O estar lá construiu o fazer etnográfico, não apenas em um ir e vir na coleta de informações e percepções, mas numa coexistência profunda, uma conexão, uma cumplicidade, amizade e respeito (James Clifford 1999). O trabalho de campo antropológico estabelece relações, se deixa “afetar”. Assim, minha vida se entrelaçou à de Socorro. Era necessário, então, entender os sentidos desse saber-fazer para ela, olhá-lo como uma *tecitura* de experiências socioculturais cotidianas com seus significados gestados na feitura das formas e coloridos do trançado, constituídos em processos de afluência de memórias e construção de identidades, mas também perceber como esse saber-fazer a constituiu, como a fibra teceu seu processo de emancipação, de autonomia.

Nesse processo afetei e fui afetada, pois o fazer etnográfico é uma eterna busca de nós mesmos, encontros de limites entre o eu e o outro, entendimento de como vamos nos posicionar mediante todas as informações e “sacadas” encontradas no campo. E qual o meu lugar de fala? Não sou Socorro, por mais entrelaçadas que nossas vidas estiveram em todos esses anos. Simplesmente eu não sou ela. Na realidade, nem sou mais eu mesma

do início de nossa *tecitura*. Então, como bem coloca Urpi Montoya Uriarte (2012), “O Eu não é o Outro. Mas o Eu do antropólogo, sua voz, a posição desde a qual ele fala, não é tampouco daquele pesquisador que iniciou o trabalho de campo” (Uriarte 2012:9).

Nesse sentido, Eduardo Viveiro de Castro reforça qual o meu lugar de fala como antropóloga. A minha voz não é a voz de Socorro, porque uma coisa é o que ela pensa e outra, o que eu penso que ela pensa. O ponto de vista do antropólogo, então, é o de sua relação com o ponto de vista do nativo (Viveiro de Castro 2002). Esse lugar é um novo lugar, um entrelugar, nem cá nem lá. E é desse entrelugar que vamos falar juntas, eu e Socorro, indo na contramão da autoridade etnográfica (Clifford 2008), a interpretação individual do antropólogo sobre uma realidade, sem levar em consideração aspectos como as subjetividades envolvidas no processo de trocas interculturais. O texto é tecido a duas mãos. Portanto, aqui não serei autoridade narrativa. Vou na contramão da "modesta" presença do etnógrafo nas narrativas etnográficas que produzem a sua onipresença como personagem central (Marco Antonio Gonçalves *et al.* 2012), o que também corrobora com os apontamentos de Gayatri Chakravorty Spivak (2010), que aponta ser preciso criar condições para que o outro possa falar e ser ouvido em nossas pesquisas. Socorro escreve comigo, somos autoras do texto etnográfico.

Para que a *tecitura* do texto aconteça a duas mãos, parto do pressuposto que a narrativa da história de vida de Socorro é um documento etnográfico. Trago as reflexões, portanto, sobre biografia e etnografia, no intuito de entender a relação entre observação e ouvir narrativas, uma distinção entre fato e memória (Suely Kofes 2015). Nesse sentido, Kofes (2015) põe em xeque Franz Boas (1943) quando este diz que para o antropólogo compreender as reações individuais às normas culturais, a observação seria o melhor caminho.

Ora, essa distinção problematiza a importância dada ao relato [...] quando é o próprio antropólogo que o torna fato. Isto é, parece dizer que o relato de alguém pode ser considerado como fato, uma vez que esse alguém seja categorizado como informante. Entretanto, esse mesmo relato desse alguém, se referenciado como uma narrativa sobre si mesmo, torna-se memória (Kofes 2015:21)

Mesmo Claude Lévi-Strauss (1996) traz a proposta da “cultura enunciada por dentro”, e o texto etnográfico é tecido por dentro a partir da rememoração da trajetória que vivenciamos juntas no período de 2004 a 2019. Corroboro, portanto, com os

apontamentos de Kofes (2015), ao considerar as narrativas de Socorro como contendo fato e memória, entendendo-as de forma simultânea enquanto experimentação de não oposição entre discurso e narrativa, estrutura e vivido, observável e concebido, assim levando em conta a experiência. “A estrutura da experiência conectaria experiência vivida e os sentidos dados e criados pelos sujeitos” (Kofes 2015:35). O que supõe agência (Ingold 2012; Miller 2013), por considerar nas experiências narradas a ação e o agente, estabelecendo uma relação entre quem narra e quem é afetado pela narrativa. Desse modo, as narrativas, de acordo com os apontamentos de Gonçalves *et al.* (2012), “[...] assumem o papel de pura agência, na medida em que criam e agregam novos significados ao mundo e às coisas ao mesmo tempo em que transformam aqueles que constroem a narrativa etnográfica, seja o antropólogo, seja seus personagens etnográficos” (Gonçalves *et al.* 2012:10).

A partir da tensão desse horizonte de reflexão entre biografia e etnografia se abre caminho para problematizar a relação indivíduo e sociedade pela antropologia, na perspectiva de dar conta das experiências individuais de cada sujeito ancorado em suas próprias percepções culturais de forma simultânea, de uma só vez a um só momento a não mais manter uma relação antagônica entre subjetividade e objetividade, cultura e personalidade. Surge, nesse contexto, uma nova formulação teórica: a etnobiografia (Gonçalves *et al.* 2012). A etnobiografia afeta não apenas a maneira como tratamos as narrativas coletadas em campo, mas também como nossas etnografias contam sobre essas narrativas e seus personagens-pessoas. Pois, segundo os apontamentos de Izabel Cristina Moura Carvalho (2003), ela “[...] é o produto de um discurso autoral proferido por um sujeito num processo de reinvenção identitária mediada por uma relação” (Carvalho 2003:284),

É nessa alternância de discurso entre mim e Socorro que o texto etnográfico é tecido. A força dos relatos de Socorro me faz tecer um texto que procura dar conta desse encontro entre duas mulheres que transformam a si mesmas, gerando o que Gonçalves (2012) conceitua como narrativa-testemunho do encontro. E para dar conta dessa *teitura*, me apropriei do conceito de pessoa-personagem (Gonçalves *et al.* 2012). Com Socorro, ao contar sua história, constrói-se:

[...] como pessoa-personagem, ultrapassando a intimidade pessoal para alcançar um grau de generalização em que se pode aceder a um modo específico de se pensar culturalmente [...] como a produção de uma pessoa-

personagem depende de uma relação, a construção do eu depende de uma alteridade, não de um outro que simplesmente escuta, mas de uma capacidade de evocar um discurso sobre si própria que comunica ao mundo essa potência de ser “eu”, sendo “outro”, por definição (Gonçalves 2012:36).

A questão da representação é um ponto crucial nesse processo de construção das narrativas textuais na etnografia. O que quero enfatizar aqui não é o gênero biografia e sim a dimensão biográfica. Entendendo-se pessoa-personagem sempre na relação do eu com o outro, seja eu (antropóloga) ou Socorro (artesã), construído numa interação “representativa/apresentativa” de construção de conhecimento sobre si e sobre o outro a partir de uma “subjetividade objetificada” (Gonçalves *et al.* 2012).

Para tecer a narrativa-testemunho do reencontro de 15 anos de convivência, valorizando a memória, que possibilita olhar essa experiência não como algo fixo ou como uma verdade absoluta, mas no processo “[...] camaleônico, seletivo, retrospectivo, prospectivo e construtivo da memória” (Agenor Sarraf-Pacheco e Maria Nely Balieiro 2015:63), a História Oral foi um dos recursos metodológicos dos quais me apropriei na *tecitura* do texto etnográfico. Para retomar a história de vida de Socorro, durante as entrevistas, procurei tecer um diálogo com suas memórias e a relação com o saber-fazer em jupati. Relação essa que através da tradição oral e da visualidade vem possibilitando à Socorro novas formas de expressão de vida. Com isso, posso dizer, em sintonia com Sarraf-Pacheco (2006:34) que, como Socorro, mulheres ribeirinhas da floresta “[...] absorveram maneiras próprias de expressar e representar suas vidas [...]”. É possível afirmar, em diálogo com Denise Schaan (2007:100), que essas mulheres “fazem uso da oralidade, da corporalidade e do gestual como maneiras de transmissão de conhecimentos e de compartilhamento de conceitos cosmológicos”.

Através da História Oral, é possível identificar os processos vivenciados por Socorro e compreender como sua arte constrói sua autonomia. Ao mergulhar no dia a dia dessa mulher, é possível desvendar seus universos simbólicos e a maneira como ela percebe e representa o trabalho, o lazer, a moradia e a própria existência. Assim, ativam uma infinidade de sentimentos, conhecimentos, habilidades e crenças, mas sempre articulados culturalmente (Agnes Heller 2008). Quando eu entendo quem é Socorro a partir de suas narrativas, de onde vêm, no que acredita, posso compreender melhor o papel de seu saber-fazer nas mudanças construídas em sua trajetória. Por isso o desafio metodológico dessa *tecitura* me faz recuperar Richard Hoggart (1973:20), que

atualizando o método etnográfico na investigação de experiências urbanas, assinala:

[...] a impressão de se estar imerso numa floresta sem fim, completa nos mais minuciosos detalhes, todos eles diferentes e, contudo, todos eles semelhantes; uma grande massa de rostos, hábitos e ações, onde a maior parte não tem, no entanto, aparentemente quase nenhum sentido... devemos tentar ver para além dos hábitos, aquilo que os hábitos representam, ver através das declarações e respostas o que estas realmente significam (significado que pode ser oposto a essas próprias declarações), detectar os fatores emocionais subjacentes às frases idiomáticas e observâncias ritualísticas.

A cada vez que Socorro revive o passado em suas narrativas, ele se recria, dialogando com o presente e sendo reavaliado a partir das convicções de hoje. A lembrança é uma nova narrativa, pois o tempo moldou nossa percepção e nos transformou. O importante nos relatos não é olhar o ontem e o hoje, em si mesmos, mas como estes dialogam, ou seja, como se apresentam no agora (Ecléa Bosi 1994).

O saber-fazer das mulheres que tecem a fibra em São Sebastião da Boa Vista, é uma memória de rastro/resíduo, presentificado pelos poderes da tradição oral, elementos culturais que colocados em presença uns com os outros pelos processos de colonização resistem pela força da memória e são (re)criados, (re)constituídos, compondo linguagens crioulas e outras formas de arte (Édouard Glissant 2005). Nesse sentido, a memória torna-se, para Socorro, uma maneira de afirmação de si mesma, para si e na comunidade em que vive. Com isso, as narrativas, desveladas no movimento de rememoração, foram dando sentido a todo o processo vivenciado por Socorro para alcançar sua autonomia com e por sua artesanaria.

É perceptível que no processo de afloramento da memória, passado, presente e futuro estão entrelaçados. Nas narrativas de Socorro, o vivido vem à tona pelo saber-fazer aprendido. “Assim também, há uma permanente interação entre o vivido e o aprendido [...]. E essas constatações se aplicam a toda forma de memória, individual e coletiva, familiar, nacional e de pequenos grupos” (Michael Pollak 1992:06). Logo, se é pela oralidade que ela trança suas histórias e visão de mundo, a oralidade e o tecer a fibra são práticas que reforçam o sentido de pertencimento ao lugar, não uma permanência em seu sentido fixo, mas uma permanência que se (re)inventa e se (re)constrói sempre, de forma dinâmica (Pollak, 1989).

Ao mesmo tempo em que fui me entrelaçando pelas tecituras do arcabouço

teórico, também comecei a trançar a pesquisa de campo, que se iniciou em abril de 2024 e findou em setembro de 2025. O campo teve por objetivo rememorar sob o ponto de vista de Socorro a vivência que tecemos no período de 2004 a 2019, com o foco em entender como a relação entre design e artesanato contribuiu na construção da autonomia emocional, profissional e social de Socorro. Para tanto, eu levei aos nossos encontros os textos das *Tecituras* já esboçadas a partir de minhas próprias memórias, além de álbuns de fotografias e registros imagéticos que possuía em meus arquivos de pesquisa.

A leitura das *Tecituras* em conjunto com a visualização das fotografias analógicas e digitais, no processo de reavivamento da memória tanto para mim quanto para Socorro, seguiu os pressupostos da fotoetnografia, em diálogo com Paulo César Boni e Bruna Maria Moreschi (2007) e Luiz Eduardo Robinson Achutti (1997) que, ao cruzar fotografias produzidas na pesquisa de campo com as narrativas dos agentes sociais e leituras teóricas, traz-se um mapa visual desse processo de subjetivação. O estar lá novamente, revivido pela visualização de imagens registradas ao longo desses anos na relação design e artesanato, durante as entrevistas, traz à tona as sensações e percepções daquele momento, não de forma estática, fixa “[...] como uma retrospectiva, um resgate passivo e seletivo de fatias do passado que vêm, como um decalque, compor ou ilustrar o presente [...]” (Jacy Alves de Seixas 2002:45), mas como construções. “A memória não é regressiva [...] ela é prospectiva e, mais que isso, é projetiva [...]” (Seixas 2002:45).

Esses encontros foram muito além de uma coleta de narrativas, foram momentos de retomada para nós mesmas, de reviver toda a trajetória que construímos juntas, tudo o que passamos e aprendemos uma com a outra. As entrevistas foram regadas por muita emoção, choro e risos. Nesses encontros, Socorro conta, fiada pelas fibras do jupati, sua intimidade, seu modo de pensar, suas relações com as pessoas, seu convívio familiar e social, como ela veio se recriando nesse processo, todas as estratégias de resistência e as lutas vivenciadas para não desistir de seu sonho de viver de sua artesanaria. As entrevistas aconteceram em sua residência na zona urbana de São Sebastião da Boa Vista onde reside atualmente, e todas as narrativas foram gravadas.

O modo como as entrevistas aconteceram está de acordo com os apontamentos de Alessandro Portelli (2010), quando explora a ideia de “entre-vistas”, se referindo à visão da História Oral como uma relação mútua, interativa e subjetiva, em oposição à ideia de uma entrevista neutra e objetiva. Para Portelli (2010), a entrevista é um encontro entre duas pessoas, uma “troca de olhares”, em que o entrevistador não é um mero coletor de

informações, mas um participante ativo na construção da narrativa. Nesse sentido, a etnografia adota a estratégia textual de uma *Tecitura* à duas mãos, uma grande conversa entre duas amigas que relembram, analisam e avaliam suas experiências ao longo da jornada.

É entretecido por nessa “troca de olhares” e à luz da etnobiografia, que o texto se constrói, onde cada capítulo/*Tecitura* se intitula com nomenclaturas que identificam os desenhos criados durante o tecer, mas que também fazem referência a relação tecida entre nós, a artesã e a antropóloga, a saber:

A esses desenhos, as mulheres de/da fibra dão o nome de *Enfeites e Caminhos* [...] os *Caminhos* são também padrões compositivos, contudo de menor complexidade visual, normalmente representados em linhas diagonais e em zigue-zague, que também possuem denominações dadas pelas mulheres para identificá-los (Jardim 2013:20).

Escolhi esta metáfora por entender que o texto etnográfico é tecido pelo entrelace de três fios de vida, antropóloga-fibra-artesã, que formam um trançado de relações, um pensamento arquipélago, para lembrar Glissant (2005), aberto, de narrativas que se cruzam e parecem ganhar novos enredos. Somos um “sendo” constante, sempre em presença do outro. Assim, Socorro está por dentro do texto, narrando ao seu modo as circunstâncias de sua vida, suas ansiedades, suas escolhas e suas atitudes. Suas narrativas estão em itálico nas *Tecituras*, para diferenciar de minhas inflexões e dos diálogos com o referencial teórico. As *Tecituras* são urdidas na compreensão do lugar de fala de Socorro, entendendo o espaço como um lugar praticado tecido na experiência humana socialmente compartilhada em sociabilidades e conflitos, táticas e estratégias, perdas e ganhos provisórios (Michel de Certeau 2002), e seguindo as pistas de Bronisław Malinowski (1976), ao criticar uma antropologia que em seus relatos desconsidera os aspectos íntimos da vida dos agentes sociais, que são de suma importância para a compreensão das práticas culturais.

As narrativas foram o suporte empírico necessário que, em diálogo com o arcabouço teórico, trouxeram alma ao texto. Ao explorar esses depoimentos, pude ampliar percepções sobre o papel importante das mulheres na organização sociocultural da Amazônia e como essas mulheres se apropriam de projetos culturais a partir de seus saberes-fazer e reexistem. O que demonstra, segundo Edward Thompson (1998), que

as experiências sociais são importantes, por afirmar, negar ou mediar as formas de identificação e diferenciação nos grupos sociais.

Outro aspecto que foi sendo revelado pelas narrativas é perceber a força de agência de Socorro, agência entrelaçada com a fibra. Elas são uma só, a mão que a tece, e fia, é fortalecida pela resistência da fibra, ente vivo que impulsiona a caminhada de Socorro, pois é a fibra que não a deixa desistir e sucumbir pelas relações conflituosas consigo mesma, com os filhos e o ex-marido. Socorro é uma mulher de/da fibra (Jardim 2013), conceito que exploro na dissertação de mestrado para apresentar as mulheres que tecem a fibra do jupati, e que traduz como se dá essa agência.

Quem são essas mulheres? São *mulheres de fibra*, pois são mulheres que vivem à margem dos Marajós (Sarraf-Pacheco 2006), e mesmo silenciadas, como apresenta Maria Antonieta Antonacci (2006:19) em prefácio ao livro de Sarraf-Pacheco (2006), “[...] resistem, reinventam formas de sobrevivência e continuam pulsando, longe ou perto de nossa atenção e de nosso chão familiar”. Continuam, por gerações, (re)construindo-se, (re)significando-se, (re)afirmando-se pela arte em fibra de jupati, situados em furos e rios de São Sebastião da Boa Vista no Marajó das Florestas. São *mulheres da fibra*, pois a fibra está entranhada em seu cotidiano, como expressão estética, possibilidade de vivência, saber importante às outras gerações, prazer, momento de encontros, movimento da memória (Jardim 2013:36).

O texto foi dividido em três *Tecituras*. A I *Tecitura: Caminho de Encontro* – Projeto “Turismo Amazônia no Marajó” (2004-2006) é a possibilidade, onde começa o trançado, com a designer cheia de expectativas em se entrelaçar com o saber-fazer em jupati e a artesã cheia de sonhos, vendo naquela oportunidade a possibilidade de viver do seu artesanato. É o momento de experimentação e descobertas do que é possível fazer com o jupati. O projeto trouxe as primeiras *tecituras* da relação design e artesanato na vida de Socorro e os resultados desse encontro, em que os primeiros fios da Socorro como coadjuvante de sua vida começam a ser desfeitos.

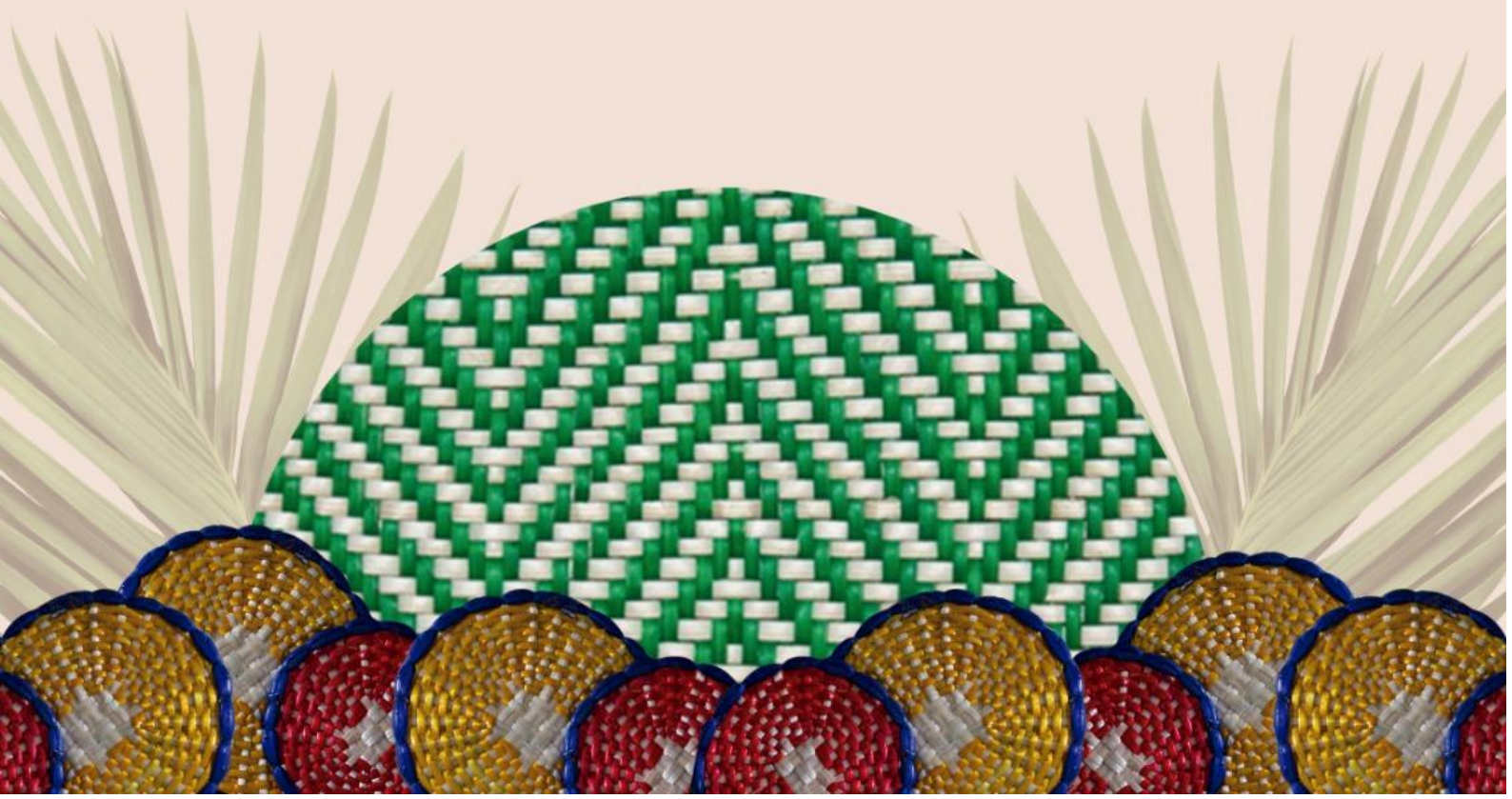
A II *Tecitura: Caminho dois a dois* – mulheres entre enfeites & caminhos: reencontro, pesquisa, artesanato e design é o voltar lá depois de 5 anos, o amadurecimento da relação a partir da pesquisa do mestrado. São as novas *tecituras* para a fibra de jupati, novos desafios de aprendizagem e novos mercados a alcançar. É quando o protagonismo de Socorro começa a ser tecido, mas também é quando ocorrem os primeiros embates na relação conjugal. Táticas de resistência começaram a ser trançadas por Socorro para se manter firme em seu propósito de viver de sua arte.

Na III *Tecitura: Caminho Reto* – Mulheres da fibra de jupati: tecendo a vida com arte é o apogeu da relação, é o grito de liberdade de Socorro, *tecitura* de sua autonomia como mulher da floresta, artesã, ribeirinha e marajoara. É quando sua arte ganha visibilidade e reconhecimento. Porém, é o momento de vivenciar seus maiores desafios pessoais e emocionais com o rompimento da relação abusiva em que vivia.

Em toda essa tessitura, não tenho como olhar de longe, porque essa *tecitura* também é minha. Estarei por dentro do texto, estaremos juntas nas tramas dos escritos e das histórias. Compartilho do mesmo sentimento de Carla Dias (2006) quando fala das mulheres paneleiras de Goiabeiras, para além de objeto de pesquisa, são elas, as mulheres, Socorro, parte de minha vida. Isso porque minha relação com Socorro foi sendo construída e (re)construída durante todos esses anos de convívio. As representações iniciais, lá em 2004, foram aos poucos se (re)significando e (re)fazendo-se. A proximidade, o envolvimento durante esses anos entretecido pela fibra do jupati foi construindo uma grande amizade. É sempre prazeroso para mim estarmos juntas, sinto-me em casa. Da mesma forma, compartilho dos sentimentos expressos por Dias (2006:17), ao falar de sua experiência de pesquisa, “como a convivência era intensamente íntima, acabamos por relaxar na representação. Esta inserção no ambiente doméstico – feminino por excelência – criou laços duradouros de amizade [...]”. Estou entrelaçada por essas fibras e isso estará presente em meu texto.

# I Tecitura: Caminho de encontro

*Projeto "Turismo Amazônia no Marajó" (2004-2006)*



## **I TECITURA: *Caminho de Encontro***

### **Projeto “Turismo Amazônia no Marajó” (2004-2006)**

Em meados de 2004, estive pela primeira vez no município de São Sebastião da Boa Vista. Meu primeiro contato com o grupo de artesãos e artesãs que trabalham com o jupati teve por objetivo apresentar o projeto “Turismo Amazônia no Marajó” (2004-2006), que iria acompanhar como designer por dois anos pelo SEBRAE/PA. Nessa oportunidade, pude conhecer os artesãos e as artesãs locais e um pouco de sua produção, como se observa nas figuras 1 e 2.



Figura 1 – Primeiro encontro com os artesãos, 2004



Figura 2– Produtos com a fibra do jupati do primeiro encontro, 2004

Desde o primeiro encontro a predominância de participação sempre foi das mulheres, o que vai se confirmar em todas as ações do projeto e em toda a *tecitura* do texto. Minha experiência na atuação como designer junto a comunidades artesãs mostra que em projetos dessa natureza são as mulheres as protagonistas, o que reforça os apontamentos de Sarraf-Pacheco *et al.* (2015:64) quando afirma que “as experiências de transgressões femininas nesses cotidianos são diversas e paradoxais, indo de ditos, interditos, assim como usando outras linguagens para inscrever-se nesse contínuo vivido com revelador vigor”. Mulheres que se apropriam de seu conhecimento ancestral como “[...] espaço onde a mulher amazônica se empodera e recupera os direitos de comunicar pelos sentidos” (Sarraf-Pacheco *et al.* 2015:64). A partir de aqui, portanto, nós mulheres assumiremos a *tecitura*.

Esse encontro foi o primeiro fio desse trançado, uma trama que foi se constituindo em uma *tecitura* de vida à duas mãos, duas mulheres com expectativas de futuro: eu, de entrelaçar aquela artesanania com o design e Socorro, de fazer de sua artesanania possibilidade de mudança de sua realidade. *Esse trabalho, professora, pra mim, o início foi uma atitude que eu tomei. A minha profissão só era pesca, então eu tinha seis filhos pra criar, vivia*

*uma vida no interior que não era muito fácil. Então eu decidi procurar uma coisa, além que eu não tinha escolaridade, muito pouca nessa época. E eu resolvi fazer algo que pudesse ajudar na educação dos meus filhos também. Que não queria que eles passassem pelo que eu passei. Que é uma vida humilde, mas um pouco, às vezes, cansativa. Mãe nenhuma quer isso para os seus filhos<sup>4</sup>.*

Esse relato de Socorro corrobora com Pereira e Silva (2023), quando discutem a questão da escolaridade das mulheres na Amazônia, a partir dos estudos realizados por Maria Cristina Maneschy (1999) com mulheres pescadoras, os realizados por Ligia Simonian (1995) com mulheres seringueiras e por Maria Antônia Nascimento (1995) com mulheres da juta. Na Amazônia, as oportunidades de trabalho concentram-se em atividades de subsistência como pesca, extrativismo e agricultura familiar. Essa dinâmica econômica, historicamente, não exigia alta escolaridade. Conseqüentemente, a população, especialmente as mulheres, enfrentava uma carência no atendimento de suas necessidades educacionais. O ensino restringia-se aos quatro primeiros anos do ensino primário. Nas comunidades ribeirinhas, a preocupação dos professores era só “desemburrar” os alunos (Violeta Loureiro 2007). A artesanaria, portanto, para Socorro era o seu saber.

O saber-fazer em jupati entrou na vida de Socorro aos 15 anos, quando aprendeu a tecer a fibra, que é extraída do pecíolo das folhas da palmeira, com dona Amélia (*in memoriam*). *Olha, professora, como eu falei para senhora, eu casei muito cedo, né? Com 15 anos, então... Com 15 anos eu não sabia quase nada, né? Então a minha ex-sogra, ela trabalhava com artesanato e foi uma coisa que eu sempre, quando eu fazia aula de catequese, eu via as meninas trabalhando. Então sempre tive aquela paixão pelo artesanato, não sabia fazer nada, né? Mas aí ela foi me ensinando, eu fui aprendendo<sup>5</sup>.*

Socorro sabe trabalhar com tala e com a fibra, mas é a arte de tecer a fibra que a identifica e pela qual é reconhecida na comunidade, e até pelos atravessadores, pela qualidade no acabamento e na feitura dos Enfeites e Caminhos. *As pessoas já conheciam meu trabalho, as minhas peças, quando eu vendia chapéu no Anísio (atravessador) ele separava, esse chapéu aqui é da Socorro [...] porque eu tinha aquele acabamento, a minha fibra sempre foi bem tingida, não era só com a água da anilina. Porque eu sempre pensei assim, eu vou fazer uma coisa boa, e era procurado, porque sabiam que meu*

---

<sup>4</sup> Entrevista com Socorro, realizada em sua residência, em 13 de setembro de 2024.

<sup>5</sup> Idem.

*trabalho era bem-feito, entendeu?*<sup>6</sup> As comunidades ribeirinhas da Amazônia são marcadas pela presença feminina, a mulher constrói diferentes formas de participação comunitária, e o artesanato é uma delas (Pereira e Silva 2023).

Quando se trata de sua arte, Socorro tem um grande orgulho e capricho. [...] *Porque os desenhos eu mesma sei fazer. Isso é um dom que Deus me deu, que eu sei criar os desenhos. Nunca ninguém me ensinou, né?*<sup>7</sup> Mas Socorro reconhece a rede de apoio criada entre as mulheres que tecem, o que fortalece a perpetuação desse conhecimento ancestral que ainda vem sendo passado para as próximas gerações. *A única coisa que eu tive dificuldade foi nos nomes (criados na tecitura da encapa de garrafas), que foi a Melânia que me ajudou e a finada Amélia, né? Que me ajudou muito, sou muito grata por isso. Ela me ensinou essa parte*<sup>8</sup>.

*Ali era só o básico, né? O chapéu, a garrafa*<sup>9</sup>. Esses foram os produtos que eu encontrei no início do projeto “Turismo Amazônia no Marajó”, o que na percepção de Socorro era “básico”, pois esse saber-fazer faz parte da cotidianidade dessas mulheres às margens dos rios e furos de Boa Vista. São representações e referências culturais de uma artesanaria tradicional do Marajó das Florestas. É ainda fonte de renda para muitos ribeirinhos. É memória viva do rastro/resíduo das sociedades que os antecederam. O termo rastro/resíduo é cunhado aqui como estratégia de resistência e negociação, de reafirmação dessa artesanaria como expressão de mulheres em Boa Vista.

Essa produção tradicional com a fibra do jupati é composta de vários tipos de chapéus, o chapéu de homem (figura 3); os chapelinhos, chapéus em miniatura muito usados nas decorações das roupas juninas, de vários tamanhos e cores, e de boneca (figura 4); os chapéus de praia (figura 5); e os casquetes, que é um chapéu tipo boné (figura 6), produtos que para o design são classificados como adornos e acessórios, “objetos de uso pessoal tais como joias, bijuterias, cintos, bolsas, peças para vestuário etc.” (Eduardo Barroso Neto 2004:23), e o trabalho de encapa que dá colorido e forma às garrafas (figura 7), classificado como decorativo, “objetos produzidos para ornamentar e decorar ambientes” (Barroso Neto 2004:23).

---

<sup>6</sup> Entrevista com Socorro, realizada em sua residência, em 02 de maio de 2025.

<sup>7</sup> Entrevista com Socorro, realizada em sua residência, em 13 de setembro de 2024.

<sup>8</sup> Idem.

<sup>9</sup> Idem.



Figura 3 – Chapelinhos e chapéus de boneca, 2011. Foto: Aislan de Paula



Figura 4 – Chapéu de homem, 2012



Figura 5 – Chapéu de praia, 2012. Foto: Lídia Abrahim



Figura 6 – Casqueti, 2013

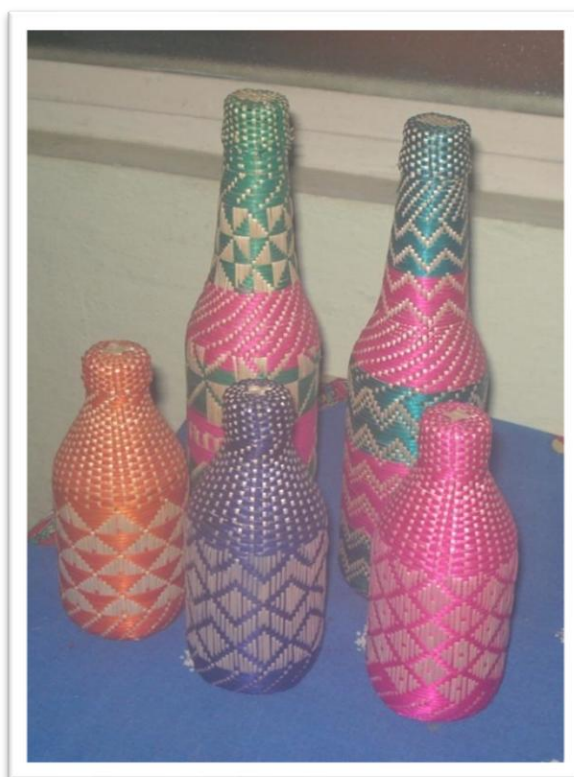


Figura 7 – Trabalho de encapa de garrafas, 2012

O primeiro encontro entrelaçou nossos olhares, vislumbramos a potencialidade daquele saber-fazer ancestral. O olhar da designer ao primeiro contato com aquela artesanaria tradicional desvelou o potencial cultural, estético, simbólico e mercadológico daquela matéria-prima. O olhar da artesã, detentora de seu saber-fazer, entrelaçada por seus sentidos, cosmologias e estéticas do cotidiano, sentia que o jupati tinha outras tecituras, e fazer parte daquele projeto era um caminho possível para as mudanças.

*Então foi quando eu decidi fazer o curso do SEBRAE. Encontrei dificuldades e quase me separava nessa época também, por causa disso. Mas eu participei do curso, foi aonde conheci a senhora, conheci a Belém, conheci as outras professoras que me ajudaram. Então isso foi muito importante para mim, porque eu já sabia fazer o artesanato, mas era só o essencial, que era só a garrafa, o chapéu. Mas a gente sabe que o jupati não era só isso que fazia. Então eu tinha algo mais. Então para eu fazer outras peças, eu tinha que ter curso. Com certas coisas, você tem que participar de curso. Então eu parti para fazer isso, decidi fazer o curso do SEBRAE<sup>10</sup>.*

Este relato mostra porque as mulheres têm forte presença na história da Amazônia, Sarraf-Pacheco *et al.* (2015:64) apontam que essa presença “[...] confunde-se com a intensidade das marcas do silêncio e das táticas por elas criadas para resistir, subverter e problematizar modos de ser e viver no regime patriarcal, enraizado e espreado, de diferentes formas com várias ressonâncias”. E o saber-fazer em jupati, seu entrelaçamento com o design, e a perspectiva de outras mulheres como rede de apoio vai alinhar as experiências de transgressão no cotidiano de Socorro. O jupati transformou-se em instrumento de empoderamento através do qual essa mulher da Amazônia Marajoara pôde começar a recuperar o direito de sonhar com um futuro diferente para si e sua família.

Quando retornei ao município em 2005, já foi para dar início as ações do projeto. Nesse período, eu ainda não tinha uma convivência tão de perto com Socorro, pois ficava hospedada na sede do município. Boa Vista é, segundo Jardim 2013:60,

[...] uma cidade de pequeno porte, instigante na sua singularidade, dividida em Cidade Velha e Cidade Nova pelo Furo Santo Antônio ou furo Humaitá, como alguns chamam. Boa Vista [...] ainda é cortada pelo Furo Jaçuana. Esses caminhos de rio deram o título ao município de a “Veneza do Marajó”, fazendo referência à cidade de Veneza, na Itália.

---

<sup>10</sup> Idem.

Socorro morava no “sítio”, como os boavistenses denominam a zona rural. Então, nossa convivência acontecia nos dias das oficinas, que normalmente tinham a duração de uma semana. Durante os dois anos do projeto, diferente do que aconteceu no primeiro encontro, que foi realizado na cidade de Boa Vista, a prefeitura local deu apoio logístico para que eu pudesse me deslocar juntamente com as artesãs até onde aconteceriam as oficinas, pois a ideia era que essas acontecessem no ambiente das artesãs. O transporte era feito por meio de rabeta ou barco. Saíamos do furo Sto. Antônio (figura 8) e logo virávamos à esquerda no rio Pará, que banha o município (figura 9), rumo às ruas de rio que compunham a zona rural, por onde íamos adentrando em busca de todos que iriam participar da atividade (figura 10).



Figura 8 – Furo Santo Antônio, 2011. Foto: Manuela Costa

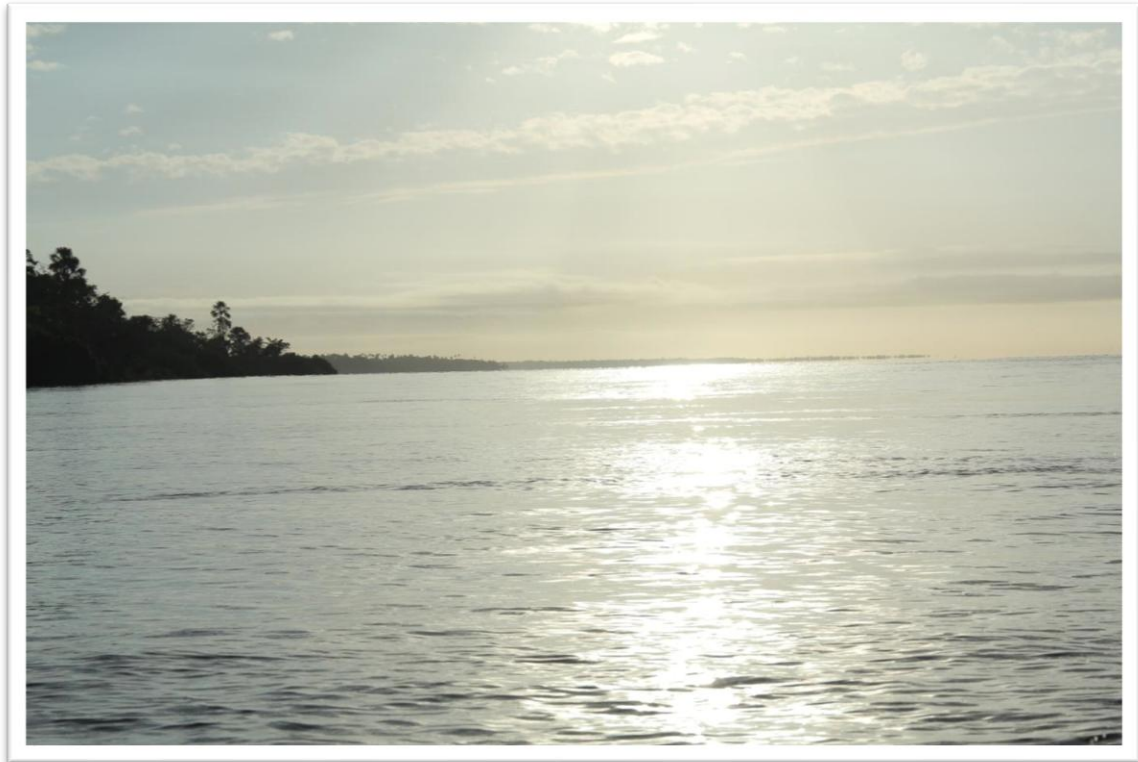


Figura 9 – Rio Pará, 2011. Foto: Aislan de Paula



Figura 10 – Socorro e as artesãs rumo à oficina, 2005

Socorro morava no rio Pirarara, um dos rios de Boa Vista que desemboca no rio Pará, próximo à Vila de Nazaré, figura 11, onde aconteceu a primeira oficina no barracão da igreja. Era o movimento da maré que determinava a chegada de Socorro. Na cheia, ela vinha por dentro do furo, de casco, uma pequena canoa de madeira. Na vazante, tínhamos que entrar no rio Pirarara e ir buscá-la em casa, pois a maresia tornava a viagem de casco perigosa. Encostar na praia de Nazaré nem sempre era uma tarefa fácil. É a maré que manda, como deixa ver Jardim 2013:87, quando relata a relação dos moradores da Vila de Nazaré com o movimento da natureza.

O vento é o companheiro de quem mora por ali, é ele que avisa a hora da enchente, da vazante, da tempestade, da maresia. As atividades da escola e outras que porventura venham a ser realizadas no local, são determinadas pela força da maresia: quando ela está forte não há quem encoste em Nazaré, é arriscado o barco pode afundar, ir para o fundo. Há um respeito muito grande pelos movimentos da maré, dos ventos, do tempo, que determinam o dia a dia.



Figura 11 – Praia de Nazaré, 2011. Foto: Aislan de Paula

Nessa primeira oficina, a parceria foi com a designer Nilma Arraes, que também é artesã. Como não conhecíamos o jupati e suas possibilidades produtivas, exploramos o

processo criativo de cada artesã e o seu domínio com a matéria-prima. *Eu lembro benzinho, foi quando eu aprendi o porta-retrato, [...] lembro que a gente tentou o tingimento colocando a fibra depois de raspada, lembro benzinho de lá, que a gente colocou a anilina no álcool com a goma laca e colocamos a fibra, ela ficou uma cor assim não tão espantada. Ela não aprovou, me lembro benzinho, porque depois que secou ela ficou dura a fibra, [...] não tinha como tecer<sup>11</sup>.* A oficina foi muito mais um processo de experimentação do que de criação, onde pudemos perceber as potencialidades e limites da matéria-prima e as técnicas dominadas pelas artesãs, como se vê na figura 12.



Figura 12 – Primeira oficina de criação, 2005

Socorro sempre esteve presente em todas as ações realizadas nos dois anos do projeto. Entusiasmada e comprometida, se agarrou desde as primeiras ações ao seu sonho de viver de artesanato, ter uma loja para comercializar seus produtos e levar sua artesanaria ao mundo. No processo de afloramento da memória desvelada quando revisitamos as fotos do nosso primeiro encontro e da primeira oficina realizada pelo projeto, Socorro, com sentimento de esperança, relembra de que ali foi o início da conquista de seus sonhos. *Eu lembro, professora. Eu lembro, sim, que foi onde eu vi que era ali uma oportunidade*

---

<sup>11</sup> Entrevista com Socorro, realizada em sua residência, em 02 de maio de 2025.

*que eu estava tendo, entendeu? Porque, como eu falo para a senhora, pela escolaridade que eu tinha, eu tinha que me dedicar a alguma coisa*<sup>12</sup>. Nas primeiras conversas com Socorro, ela já falava de seus sonhos e, para mim, essa foi sempre a sua marca e sua força, a forte agência da fibra em sua vida, foi com a fibra e pela fibra que Socorro nunca desistiu desses sonhos mesmo com todas as situações que ela vivenciou na trajetória que percorremos juntas.

A segunda oficina aconteceu também em 2005, no barracão de uma igreja, no rio Chaves, um dos afluentes do rio Pará. Com a experiência da primeira oficina e a observação que a maioria da produção do grupo já era de objetos utilitários, entendendo que a comercialização de produtos utilitários tem ótima aceitação de mercado, investimos neste segmento, já que um dos objetivos do projeto era geração de renda para as artesãs locais. Participaram artesãs que dominavam tanto a tecitura da tala como da fibra. O objetivo desta vez era mostrar as artesãs que elas poderiam fazer qualquer tipo de artefato com a técnica que elas dominavam. No início da oficina, apresentei em slides produtos artesanias de outros projetos semelhantes que já são comercializados, para que elas pudessem perceber o potencial criativo que tinham nas mãos.

O processo de criação foi livre e de forma coletiva. Todas nós, cada uma com suas expertises, criatividade, domínio da técnica de tecitura, e visão de mercado, pudemos entrelaçar conhecimentos e experiências em um rico e fascinante processo criativo, inspirado nas ideias mostradas inicialmente nos slides. Dessa maneira, foram se materializando pelo saber-fazer artefatos utilitários com a tala e a fibra do jupati, como se observa nas figuras 13 e 14. Apesar da tala não ser a matéria-prima principal na artesanaria de Socorro, ela participou de todo o processo e experimentou outras possibilidades.

---

<sup>12</sup> Idem.

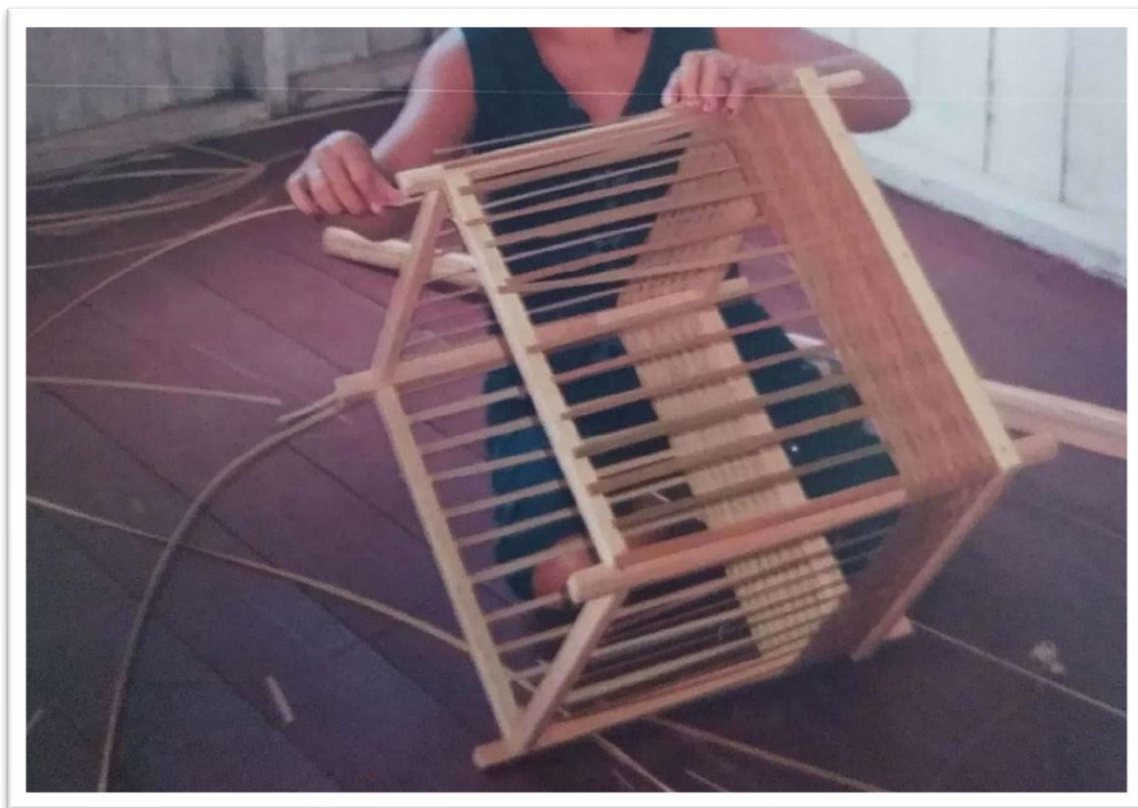


Figura 13 – Segunda oficina de criação, produção com a tala de jupati, 2005

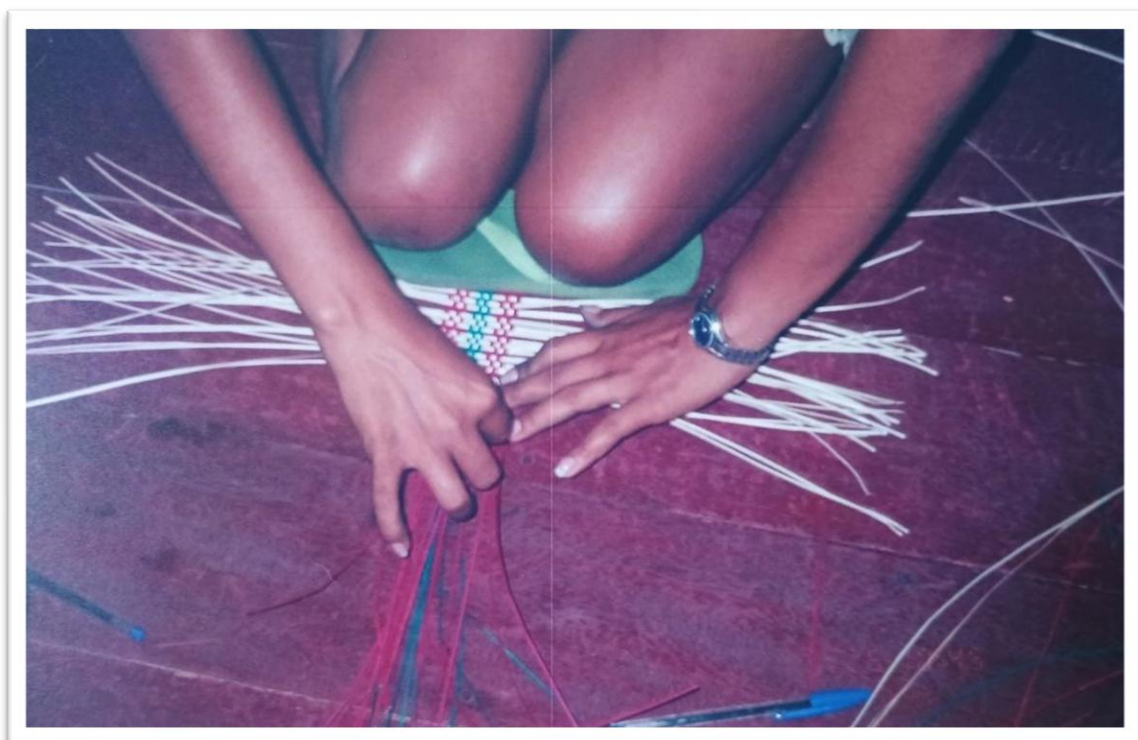


Figura 14 – Segunda oficina de criação, produção com a fibra de jupati, 2005

Os protótipos resultantes desta segunda oficina serviram para avaliar o que é viável produzir, definir melhor como faríamos o acabamento das peças, que matérias-primas locais utilizaríamos na produção juntamente com o jupati e a temática da coleção, que ficou definida como uma coleção de artefatos utilitários para casa, com linhas de jardim, sala, cozinha e luminárias, figuras 15, 16, 17 e 18.



Figura 15 – Segunda oficina de criação - jogo americano, descanso de panela com a tala de jupati, 2005



Figura 16 – Segunda oficina de criação - protótipo de cachepô com a tala de jupati, 2005



Figura 17 – Segunda oficina de criação - protótipo de necessaire com a fibra de jupati, 2005



Figura 18 – Segunda oficina de criação - protótipo de nécessaire com a fibra de jupati, 2005

Nesse período, eu já estava bem mais próxima de Socorro, e quando ia ao município para as ações do projeto, ficava hospedada em sua casa no rio Pirarara. Na chegada, eu desembarcava por volta das 3h da manhã em um pequeno porto no rio Tucupi Grande, em frente a um comércio que levava o nome do apelido do dono do comércio, o Pote. Lá, eu aguardava a chegada da rabeta que vinha da casa de Socorro, pilotada pelo seu ex-marido ou por um de seus filhos, Rafael e Júnior. Levava sempre comigo um rancho para ajudar nas despesas da casa durante o período que ficaria por lá. Já na rabeta, navegávamos até o rio Pirarara, tendo como orientação apenas uma lanterna, a experiência de quem já conhecia aqueles caminhos de rio como a palma de sua mão, e as estrelas. Nas noites de lua, o rastro do luar era o nosso guia: o brilho prateado iluminava os caminhos de rio.

Estar lá se tornou para mim momentos muito além de trabalho. Era sempre uma sensação de voltar para casa, uma reconexão comigo mesma, com a natureza e seus tempos tão distantes das horas do relógio que definiam minha rotina em Belém. Estar lá era sempre um reencontro com uma amizade que a cada ida ia se fortalecendo, sempre uma grande alegria voltar. *Aquela amizade, desde o início foi assim, nem que passe o tempo sem a gente se falar, sempre foi aquela coisa, aquela conexão*<sup>13</sup> A cada ida, nossa

---

<sup>13</sup> Idem.

relação ia ficando mais forte, um entrelaçamento de amizade, respeito e carinho. Em meio a risos e a emoção aflorada pelas lembranças daqueles momentos Socorro conta como foram esses reencontros na sua vida. *Quando a senhora viajava já não era tanto o trabalho, era saber que minha amiga estava de volta, [...] que a senhora é minha amiga, é aquele carinho, aquele respeito, e muitas coisas eu aprendi com a senhora através do trabalho (projeto), entendeu? Então para mim era uma alegria quando eu sabia que a senhora já ia ficar lá em casa, então ficava muito feliz e quando a senhora viajava era uma tristeza, né? (risos). A senhora ia, e eu ia ter que esperar de novo a senhora voltar. Era uma sensação assim tipo... para mim a senhora não é só uma amiga, é uma irmã de coração, sabe?*<sup>14</sup>

Foram por esses encontros e reencontros que pude começar a vivenciar mais de perto toda a cotidianidade de Socorro com o seu saber-fazer em jupati, e seus modos de ser e viver no Marajó das Florestas. Nos Marajós, o movimento é no ritmo da natureza, das marés, e é na produção desses artefatos que uma boa parte da vida de Socorro é tecida. “O fazer segue o compasso do cotidiano em profunda conexão com o tempo e o ritmo da natureza. Isso não quer dizer que a natureza dita todas as regras, mas há um respeito aos seus códigos e mistérios” (Jardim 2013:126). É “a fusão do trabalho com a própria substância da vida” (Bosi 1994:475). Reflexões de Thompson (1998:271) sobre o cotidiano de camponeses na Inglaterra do século XVIII apresentam semelhanças com o viver rural marajoara do século XXI.

[...] na comunidade em que a orientação pelas tarefas é comum parece haver pouca separação entre o “trabalho” e a “vida”. As relações sociais e o trabalho são misturados – o dia de trabalho se prolonga ou se contrai segundo a tarefa – e não há grande senso de conflito entre o trabalho e o “passar do dia”.

A esse respeito, o dia de Socorro no rio Pirarara começava cedo. Para que ela pudesse participar das oficinas, tinha que montar toda uma estratégia com relação as suas atividades cotidianas. *Foi um desafio para eu participar das oficinas, mas quando a gente quer algo pra mudar na nossa vida a gente tem que ir à luta*<sup>15</sup>. No período do projeto (2004 a 2006), os filhos de Socorro ainda eram pequenos e, apesar de ser casada, toda a tarefa doméstica e de cuidados com as crianças eram de sua responsabilidade, pois essa é

---

<sup>14</sup> Idem.

<sup>15</sup> Idem.

a dinâmica que a construção do modelo hegemônico de família patriarcal impõe as mulheres (Nalu Faria 2011). Porém, mesmo com toda essa carga de trabalho, ela organizava a vida de forma que conseguisse conciliar com as atividades das oficinas.

*Porque na época, quando o Júnior estudava pra cá pra Boa Vista eu acordava às 3 horas da manhã, então 3 horas da manhã eu acordava fazia o café pra ele. Eu não gostava dele andar com a roupa dele amarrotada, eu passava a calça dele, eu lembro benzinho: ah, mãe, vou assim? (Junior), não, deixa eu passar. Eu passava, esquento no fogão mesmo que era fogão a lenha nessa época, aqueles ferros de passar (risos), ainda era aquela coisa. [...] O que eu fazia, nessa época não tinha luz pra lá professora, era lamparina [...] a máquina (de açaí) era manual, era rodada mesmo na mão, era cansativo que só. [...] Então era aquela coisa, eu já começava a tecer na lamparina chapéu, já adiantava o meu chapéu, porque eu estava participando da oficina, mas eu tinha que fazer o chapéu para pagar as minhas contas, então eu tecia ali com aquele chapéu até o dia clarear.*

*O dia clareava eu pegava lavava a roupa, já deixava a roupa lavada, temperava a comida que tinha para deixar para eles e já me arrumava e esperava vocês, para eu poder participar da oficina, se eu não fizesse assim eu não participaria da oficina. Quatro horas eu voltava já tinha que fazer a janta, né? As vezes tinha açaí para bater. Minha vida era assim professora, para eu poder participar da oficina, para ser essa pessoa hoje tinha luta (risos), desde as 3 da manhã, porque o barco passava 4 horas. Já quando a Raíssa (filha mais nova) começou a estudar a voadeira chegava 6 horas no porto de casa. Já depois que veio a energia, eu já não fazia as coisas de madrugada, eu já fazia de noite na hora da novela, eu estava tecendo minhas copas de chapéu, já adiantava as coisas<sup>16</sup>.*

A maternidade e os cuidados domésticos são colocados como parte da identidade primária das mulheres. O que deixa ver Faria (2011) em seu texto sobre os desafios para a construção da autonomia econômica para as mulheres.

[...] Essa identidade é introjetada de forma profunda pelas mulheres, e sua vivência está marcada pela avaliação de ser ou não ‘uma boa mãe’ e que, portanto, deve ser dócil, compreensiva, saber cuidar. Esse discurso da boa mãe, nada mais é do que uma construção ideológica para que as mulheres continuem fazendo o trabalho doméstico (Faria 2011:231).

---

<sup>16</sup> Idem.

Essa ainda é a realidade da grande maioria das mulheres marajoaras. “As práticas culturais patriarcais machistas milenares têm investido no silenciamento das mulheres ao longo da história, ao mesmo tempo que promoveram estruturas sociais rígidas de subalternização dessa população” (Santos *et al.* 2024:7). As artimanhas articuladas por Socorro para poder participar das oficinas corroboram com os apontamentos de Pereira e Silva (2023), quando se referem as autoras feministas Perrot, Rago e Del Priori, que em suas abordagens evidenciam as mulheres “[...] como sujeitos que se apropriam de miséria, opressão e dominação que lhes são impostas para romper os limites da ordem social criando tensionamentos, possibilidades e emancipação inscritas em suas histórias pessoais” (Pereira e Silva 2023:2). Mulheres que, como Socorro, estão sempre em processo de resistência e negociação, estratégia de sobrevivência social.

Essas mulheres têm seu cotidiano permeado por situações de opressão e sua própria experiência de vida as impele a construir estratégias de resistência frente à natureza multifacetada e interligada da opressão que vivenciam (Bell Hooks 2015). Isso dialoga com o pensamento de Mariano *et al.* (2024) que à luz de Patricia Hill Collins (2016), reitera que não se pode negar a agência dessas mulheres enquanto sujeitos, pois:

[...] tratá-las como o “outro” objetificado corre-se o risco de se naturalizar sua condição de subalternidade e seu lugar à margem, ignorando que, sob uma aparente passividade e conformismo, são engendradas outras formas de ativismo e resistência às múltiplas estruturas de dominação. Em suma, se a margem é lugar de controle e repressão, é também de luta e resistência, pois a opressão, ao invés de entorpecer, torna-se centelha que forja as condições de resistência (Mariano *et al.* 2024:8).

Com o tempo, os próprios filhos passam a ser a rede de apoio para que Socorro pudesse continuar a investir nos seus sonhos. Rafael assumiu a tarefa do açai e do camarão. *Quando os meninos foram crescendo minha rotina foi mudando, porque o Rafael era o que mais me ajudava nessa parte, já pegava o açai, já batia, já despescava o matapi, já iscava pra tarde, então eu já só tinha o compromisso da comida*<sup>17</sup>. *As meninas ficaram com as tarefas de casa, porque elas não participavam nessa época da oficina, mas elas ajudavam, passavam pano na casa, porque sempre tive esse hábito de ter a casa arrumada, né? Passar o pano todo dia na casa, arrumar*<sup>18</sup>.

---

<sup>17</sup> Idem.

<sup>18</sup> Idem.

Mas apesar da ajuda com as tarefas domésticas Socorro nunca se descuidou dos estudos dos filhos. *Sempre organizava as coisas em casa. Eles tinham as tarefas, os trabalhos de escola. Eu lembro benzinho, professora, eu não tenho muita escolaridade, mas assim, eu ajudava muito os meus filhos. Eu olhava o trabalho deles, o pouco que eu sabia ler eu ajudava, eu me lembro. [...] Mas sempre eu queria que meus filhos aprendessem, sabe? Que tivessem a oportunidade que eu não tive para estudar, porque eu falo, não reclamo da minha vida, mas todos nós queremos dar o melhor para nossos filhos. E a gente luta para isso. [...] Meus filhos são tudo para mim.*

Em meio a lembranças das lutas vivenciadas por Socorro no início de sua caminhada na busca de viver de seu artesanato rememoramos como aconteceu a terceira oficina do projeto, ainda em 2005, em uma das salas de aula de uma escola localizada no rio Chaves. Essa atividade teve por objetivo a produção da coleção para a exposição que aconteceria em março de 2006 na semana do artesão, evento que marcava os festejos do dia de São José, 19 de março, padroeiro dos artesãos, no espaço São José Liberto, Belém, Pará. A partir do conhecimento da matéria-prima e da experiência das outras duas oficinas, percebemos que o foco naquele momento seria a tala do jupati, pois como a coleção foi definida por objetos utilitários, o que se observa nas figuras de 19 a 21, a tala trazia mais possibilidades criativas e seu processo produtivo era mais rápido. Nesse sentido, poucos produtos foram confeccionados com a fibra, como se vê nas figuras 22 e 23.



Figura 19 – Terceira oficina de criação - produção com a tala de jupati, 2005



Figura 20 e 21 – Terceira oficina de criação - produção com a tala de jupati, 2005



Figura 22 – Terceira oficina de criação - produção com a fibra de jupati, 2005



Figura 23 – Terceira oficina de criação - produção com a fibra de jupati, 2005

Socorro aos poucos foi se tornando uma liderança entre as artesãs que participavam do projeto, pois ela sempre foi a mais comprometida e sempre puxava a responsabilidade para si. Como o tempo das oficinas não era suficiente para a finalização de todas as peças que eram criadas, ao final ficavam algumas tarefas e orientações para o próximo encontro. *A senhora deixava aquela tarefa, eu já fazia, eu já tinha aquele tapetinho lá, já deixava para as oficinas, eu já adiantava, sabe? Porque não ia dar tudo naquele tempo, então já era adiantado. Como se eu quisesse ir mais na frente, entendeu? Não era por ambição, mas sim para levar o trabalho, para que quando chegasse o final da oficina ter algum material pronto, porque a senhora sabe que uma oficina às vezes não dá para fazer uma peça, principalmente chapéu grande de mulher. Dá para fazer essas peças básicas. Porque assim, mesmo se tecer o tapetinho, se tecer hoje, não vai dar para eu cortar na mesma hora, ou se eu cortar não vai dar para dobrar, porque o tempo demora<sup>19</sup>.*

Nesse período, Socorro ainda era muito tímida e falava pouco, mas tinha muita atitude quando se tratava de seu saber-fazer, esse sempre foi a sua força. Assim, Socorro era o ponto de apoio, era quem agregava as artesãs para a produção e quem as mobilizava para a continuidade das ações. Aceitava os desafios propostos e acreditava no potencial do grupo e na sua artesanaria. *Quando a senhora desenhava para mim, eu dizia, como é que eu vou fazer isso? Mas a senhora desenhou eu tinha que fazer, aí não dava certo eu desmanchava, mas hoje graças a Deus, eu faço as coisas e sai excelente<sup>20</sup>.* Esse papel de liderança aconteceu de forma natural, eu não precisei pedir que ela assumisse certas responsabilidades, ela mesma as trouxe para si.

Com a coleção finalizada, o SEBRAE disponibilizou às artesãs uma consultoria em formação de preço, para que elas pudessem entender em uma linguagem acessível como formar o preço do produto de forma justa, pois se observou durante o projeto que os preços praticados pelas artesãs não traziam lucro para elas, eram comercializados para atravessadores que pagavam muito pouco por uma artesanaria que tem valor cultural e um processo de beneficiamento e produção rico e complexo, o que não era incluído no preço final do produto. E apesar da excelente qualidade das peças de Socorro seus produtos também eram comercializados por atravessadores.

---

<sup>19</sup> Idem.

<sup>20</sup> Entrevista com Socorro, realizada em sua residência, em 13 de setembro de 2024.

Essa realidade de comercialização é ainda hoje muito comum no Pará, bem como em outros estados do nordeste, os atravessadores ou marreteiros, como também são chamados, são os responsáveis pelo escoamento de vários outros produtos paraenses. Ana Carolina Arantes, Luciana de Carvalho e Veridiana do Nascimento (2024) apresentam vasta referência que mostram essa realidade, “[...] quer da agropecuária familiar no sudoeste do estado (Herrera *et al.*, 2014), quer da castanha na Calha Norte (Krag & Santana, 2017; Silva *et al.*, 2013), quer, ainda, de outros tipos de artesanato (Carvalho, 2011b; Costa, 2021)” (Arantes *et al.* 2024:6).

De acordo com Arantes *et al.* (2024), os atravessadores estão presentes no campo do artesanato desde a década de 50, segundo dados do Banco do Nordeste (2002). Eles dominam a revenda no mercado de bens artesanais, e como acontece com as mulheres do jupati, os artesãos ficam à margem da negociação de preços finais e afastados dos consumidores. No artesanato nordestino, como no paraense, o papel de atravessador muitas vezes é desempenhado por membros da própria comunidade dos artesãos ou agentes externos. Ir de encontro a esse tipo de comercialização culturalmente instituído há muitas décadas é um processo lento e que nem sempre é aceito, pois sem os atravessadores os preços são mais justos, mas as artesãs teriam que assumir os custos da logística de levar a produção até o mercado consumidor, o que não é simples, pois são 8 horas de barco que separam São Sebastião da Boa Vista da capital Belém e de lá até o mercado local. Além disso, quando a encomenda vai para outros estados as dificuldades só aumentam. Este é ainda hoje um grande gargalo para o escoamento da produção do artesanato local. O que faz com que muitas desistam e voltem a entregar sua produção aos atravessadores. As grandes distâncias no nosso país e a falta de recursos das comunidades artesãs favorecem os atravessadores, “para alguns artesãos, esse é o principal ou o único comprador de suas peças” (Jessica Sousa *et al.* 2020:571).

O saber-fazer em jupati está entrelaçado as atividades cotidianas dessas mulheres, e para elas o tecer vai muito além do aspecto econômico. A tecitura se dá nos intervalos das atividades de iscar e desiscar o matapi, bater o açaí, cuidar da casa e dos filhos. Como bem nos conta Socorro, *Eu trabalhava para atravessador ali, acordava 5 horas da manhã, ficava trabalhando das 5 até as 7 da manhã, arrumava meus filhos para irem para escola, depois voltava a trabalhar, então ali era tipo um trabalho escravo. [...] E aí eu vendia para o atravessador, né? Às vezes eu trocava por mercadoria, às vezes*

*eles (atravessadores) compravam roupa e eu comprava deles, era assim*<sup>21</sup>. Como em outras regiões da Amazônia Paraense, essa também era a realidade das mulheres que compõe hoje a Associação Trançados do Arapiuns, nome fantasia da Associação de Artesãos e Artesãs das Comunidades de Nova Pedreira, Vista Alegre e Coroca -AARTA, cuja sede fica na Vila Coroca, Santarém-Pará, “[...] esse ofício normalmente era feito nos intervalos das atividades da roça, da escola, do cuidado com a casa e com os filhos, as mulheres teciam inclusive à noite, à luz de lamparina” (Arantes *et al.* 2024:7). Por esse motivo, essas mulheres não valorizam sua artesanaria por julgá-la como mais uma atividade de seu dia-a-dia. O valor nunca está no objeto, mas sempre na importância que o sujeito dá a ele (Georg Simmel 2005).

Segundo Adélia Borges (2011), para que o artesanato possa seguir em frente, todos os elos da cadeia produtiva precisam ser levados em conta, e é indispensável uma:

Boa distribuição e comercialização, que por sua vez, está ligada às noções de certificação e de comércio justo; incentivos adequados por parte do governo e das instituições de sociedade civil; Boa promoção da produção artesanal, divulgação, marketing e chegada aos mercados em que seu valor será reconhecido (Borges 2011:159).

No processo de valorização do artesanato, muitos grupos buscam mudanças na própria concepção do trabalho artesanal, Arantes *et al.* (2024:7) apontam:

[...] em sentido semelhante ao que Keller (2011) apontou no contexto de Barreirinhas, Maranhão. Tal como lá, pode-se identificar nos relatos das artesãs da AARTA a emergência de processos que indicam o início de um cultivo consciente de uma atitude empreendedora, o objetivo de eliminação dos atravessadores, uma maior atenção ao mercado e a ênfase na (re)organização do trabalho em bases associativas. Outrossim, de modo similar ao narrado por J. Sousa *et al.* (2020) sobre o Alto do Moura, um forte polo produtor de cerâmica em Caruaru, Pernambuco, notam-se esforços para associar a atividade artesanal ao mercado internacional e ao turismo no Arapiuns.

O que, infelizmente, ainda não é uma realidade do artesanato em Jupati, apesar dos esforços de Socorro, ela ainda é uma das poucas que conseguiu enxergar essa perspectiva, e luta com muita dificuldade para que outras mulheres percebam que o saber-fazer em Jupati pode ser o caminho para mudanças significativas de vida.

---

<sup>21</sup> Idem.

Com a consultoria em formação de preços, as artesãs puderam entender sobre margem de lucro, preço de custo e perceberam o quanto eram exploradas. [...] *Hoje eu já tenho horas de trabalho, através do Sebrae eu aprendi a ver o valor da peça, isso eu não tinha. [...] Então isso foi importante para mim esse curso, saber quanto eu gastava, quanto que ia ficar uma peça pronta, porque eu não tinha essa base, hoje eu já tenho [...] se eu vou fazer um chapéu eu já sei quantas fibras eu vou usar, então eu já sei o valor da fibra, quanto ela está pronta tingida, eu vou ver se está bom naquele preço. Então eu já tenho toda essa base, e foi através do curso, né? [...] Hoje eu já não tenho aquele trabalho cansativo, graças a Deus! Então eu acho que todos nós precisamos melhorar, não só na vida como no trabalho*<sup>22</sup>.

*Era isso a minha vontade de mudar, como eu mudei. Há um tempo a Valdira (atravessadora) falou: Socorro não vende mais chapéu para pobre. Vendo, se ela me der o valor que hoje eu vendo, com certeza eu vou receber a encomenda dela, eu vou pegar, porque não há diferença de negócio. Só é que a gente tem que valorizar o que é da gente. É um trabalho ali, é dedicação*<sup>23</sup>. Com a participação no curso suas peças valorizaram ainda mais e, apesar de todas as dificuldades enfrentadas junto aos atravessadores, Socorro foi uma das que não desistiu e se manteve no projeto até o final, e conseguiu comercializar seus produtos por um valor justo.

Mas com o conhecimento vieram também os embates. Quando as artesãs questionaram os atravessadores quanto aos valores de comercialização dos produtos, foram pressionadas com a ameaça de que estes não iriam mais comprar a produção, por isso muitas desistiram durante os dois anos do projeto. *Teve aquela coisa professora, porque eles diziam (atravessadores): Ah, isso daí, esse preço é só agora que a Ninon está trazendo, depois vocês vão vender o chapéu para a Socorro? Aí eles saíam dali do curso porque queriam ficar naquilo vendendo lá para atravessador porque sabiam que todo tempo... como se eles (atravessador) tivessem elas na mão (artesãs), continuaram com eles na mão. Ainda tem esses. Teve muitos que saíram, porque ficavam ali*<sup>24</sup>.

*Mas hoje, graças a Deus, já não tem mais essa coisa do atravessador. Está valorizado. O chapelinho era 5 centavos quando eu comecei a vender, hoje é 2 reais, né? Um chapelinho, 2 reais. Então, é uma oportunidade. E a gente não tem aquela coisa de*

---

<sup>22</sup> Idem.

<sup>23</sup> Entrevista com Socorro, realizada em sua residência, em 02 de maio de 2025.

<sup>24</sup> Idem.

*que eu chegava lá para o atravessador, dizia que eu tinha um chapéu, e dizia (atravessador): Ah, eu posso até comprar de ti, mas eu não tenho dinheiro, se tu quiseres, eu troco por mercadoria. Ele já estava ganhando a mercadoria, [...] às vezes eu tinha que pagar alguma conta com o dinheiro. A gente tem que saber dar valor nas coisas. Porque quando uma pessoa compra um artesanato da gente, ele está sabendo que ali está a dedicação, os horários que a gente joga<sup>25</sup>. Porém, essa não é a realidade de todas as artesãs, diferente de Socorro, a grande maioria continua comercializando sua produção para atravessadores.*

Com a coleção pronta, organizamos a montagem da exposição com a parceira do espaço São José Liberto, Belém (PA). O conceito da exposição era simular ambientes decorados com os artefatos produzidos durante o workshop de criação. Montamos três ambientes: jardim, sala de estar e copa-cozinha, todos os produtos foram expostos com etiquetas (*tags*) provisórias como o preço e origem da produção, e apesar de que procuramos não criar tantas expectativas quanto a comercialização, todos os produtos foram vendidos e foram feitas várias encomendas. O período de exposição seria de uma semana, mas com o sucesso ficou por um mês, como vemos nas figuras de 24 a 27. A abertura da exposição em março de 2006, na semana do artesão, pode contar com a presença de várias artesãs graças à parceria com a prefeitura do município que disponibilizou passagem e hospedagem. *Então, ali eu estava vendo que quando saiu a primeira exposição, que é capaz da gente conseguir, entendeu? Viver uma vida, melhorar de vida<sup>26</sup>.*

---

<sup>25</sup> Entrevista com Socorro, realizada em sua residência, em 13 de setembro de 2024.

<sup>26</sup> Idem.



Figura 24 – Exposição semana do artesão, espaço São José Liberto, 2006



Figura 25 - Exposição semana do artesão, espaço São José Liberto, 2006



Figura 26 – Exposição semana do artesão, espaço São José Liberto, 2006

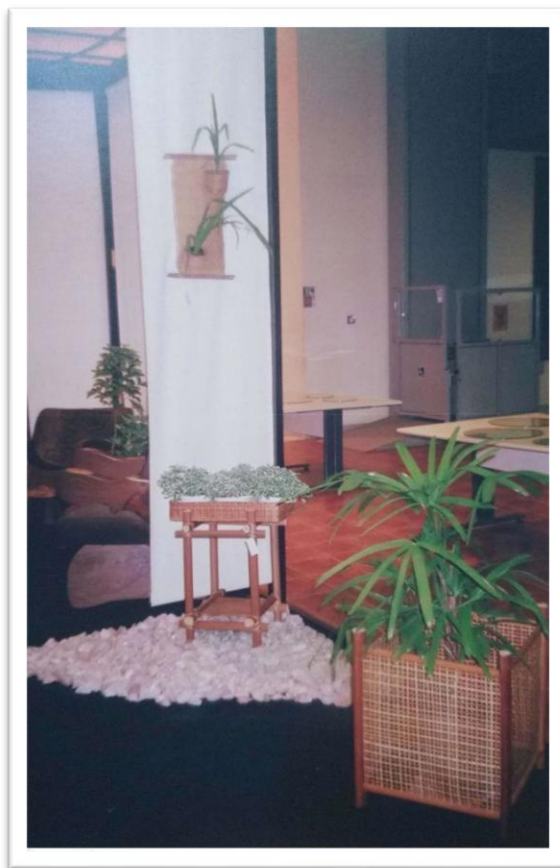


Figura 27 – Exposição semana do artesão, espaço São José Liberto, 2006

Esse projeto foi o início do processo de emancipação de Socorro, mas nesse período ela ainda estava às margens de seu ex-marido, pois o foco no projeto foi a tala e sua expertise é a fibra, porém o sentimento de crescer juntos em parceria estava no entendimento de Socorro. *Foi assim, aquela da fibra não deu certo, parou um tempo, eu tava nele, aí parou, não foi pra frente, ficou a tala, aí ele começou a fazer os abajures, os cachepôs, jogo americano, mesinha de jardim, então eu estava ali raspando, cuidando, ajudando ele, sempre apoiei, sabe? Isso nunca ele vai dizer que eu puxei pra traz, ele cortava o jupati, eu raspava, eu botava no sol, eu tirava*<sup>27</sup>. Ele tinha grande habilidade e criatividade com a tala, seu trabalho se sobressaiu, e além das encomendas e vendas durante a exposição juntamente com outras artesãs que participaram do projeto o cadastro no Espaço São José Liberto para a comercialização das peças ficou no nome dele, e se criou na pessoa do ex-marido de Socorro uma referência em produtos com a tala do jupati.

Até aquele momento não havíamos percebido nenhum problema, pois entendíamos como um trabalho coletivo familiar, da mesma forma que Socorro entendia. Ela e sua família sempre foram o ponto de apoio, o suporte das ações que foram desenvolvidas durante toda a trajetória tecida juntas. O sistema patriarcal em que todas nós mulheres ainda estamos imersas não nos deixou perceber naquela situação que ali estaria o ponto de tensão que logo se revelaria o maior desafio na *tecitura* da autonomia de Socorro.

Após a exposição, retornei ao município com o intuito de ampliar o mix de produtos com a criação de novas peças e melhorar o acabamento, o que possibilitou o desenvolvimento de diversos produtos utilitários, com foco em luminárias, bandejas, mesinhas, cachepôs, revisteiros, dentre outros, como se vê nas figuras 28 a 32



Figura 28 – Produção pós-exposição, mesinha em tala de jupati, 2007



Figura 29 – Produção pós-exposição, revisteiro em tala de jupati, 2007



Figura 30– Produção pós-exposição, bandeja em tala de jupati, 2007



Figura 31 – Produção pós-exposição, suporte de plantas em tala de jupati, 2007



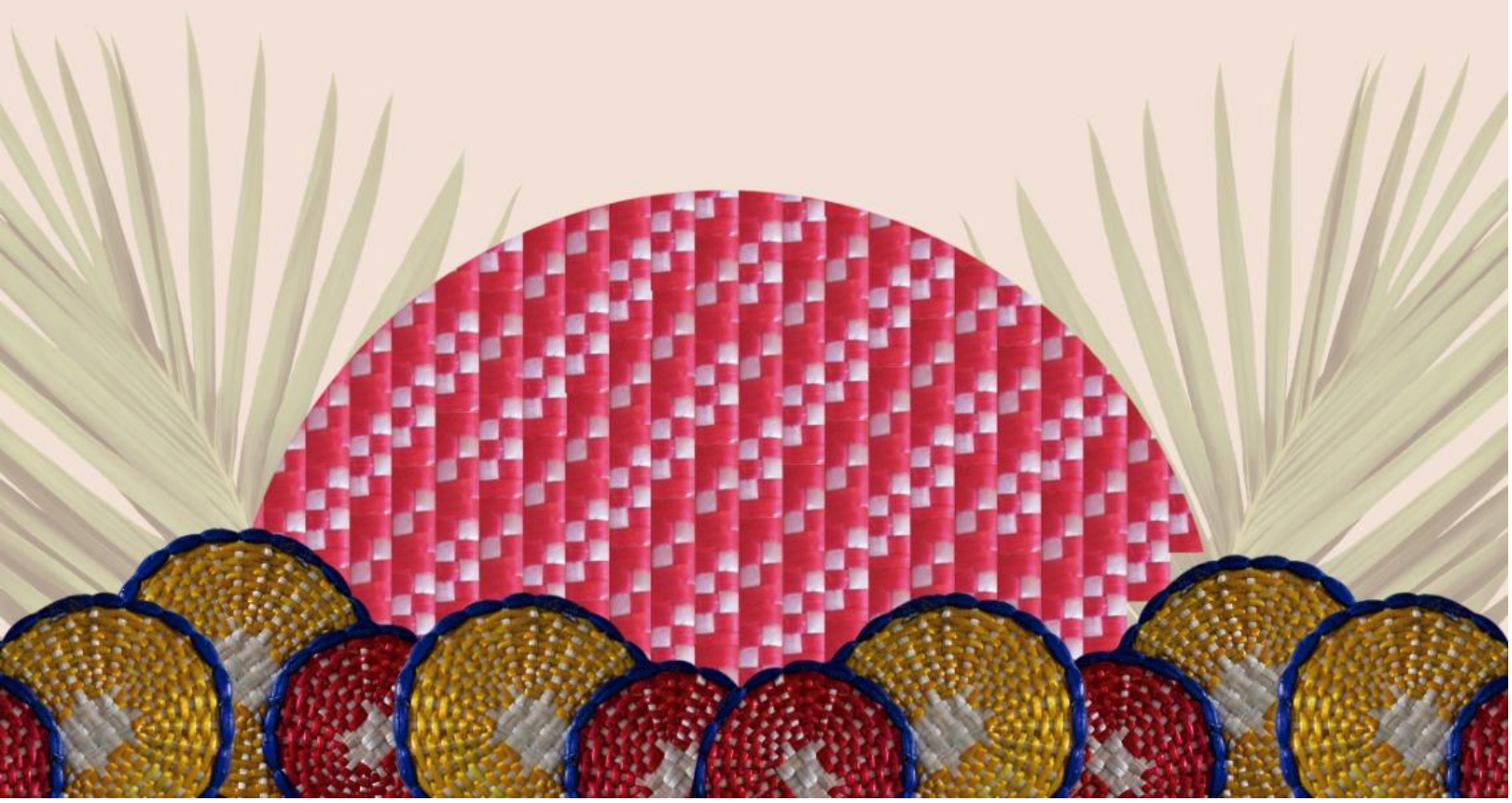
Figura 32 – Produção pós-exposição, abajures em tala de jupati e paxiúba, 2007

A I TECITURA teceu o *Caminho de Encontro*, encontro de duas mulheres que traçariam suas vidas em uma relação de amizade, de expectativas e sonhos. Os primeiros alinhavos do entrelaçamento da artesanaria em jupati com o design e as possibilidades que essa relação foi construindo ao longo dos dois anos do projeto Turismo Amazônia no Marajó, onde Socorro se apresenta em sua cotidianidade, experiências e estratégias de resistência para enfrentar os desafios de ser uma mulher da floresta que acredita que sua artesanaria pode mudar seu destino.

Na próxima TECITURA vou tecer o *Caminho dois a dois*. Juntas vamos desfiar nosso reencontro depois de 5 anos. Os enlaces com a pesquisa de campo para o mestrado e a retomada da relação com o design. Os desafios pessoais enfrentados por Socorro por começar a tomar as rédeas de sua vida e os desdobramentos, enfrentamentos e táticas vivenciadas por Socorro para não desistir de seu sonho de viver de seu saber-fazer.

# II Tecitura: Caminho dois a dois

*Mulheres entre Enfeites & Caminhos:  
reencontro, pesquisa, artesanato e design.*



## II TECITURA: *Caminho dois a dois*

### **Mulheres entre enfeites & caminhos: reencontro, pesquisa, artesanato e design**

Com a finalização do projeto em 2006, foram 5 anos que fiquei afastada de Socorro e do saber-fazer em jupati, mas o encantamento por aquela artesanaria e toda a amizade construída nesses dois anos ficaram latentes em mim. Daí, no primeiro semestre de 2011, na intenção de fazer o mestrado e ainda como aluna especial na disciplina: Arte na Cultura do Contemporâneo, ministrada pelo Prof. Dr. Agenor Sarraf, no Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGArtes), da Universidade Federal do Pará (UFPA), pude retomar os laços construídos durante o projeto.

Retornar a Boa Vista e rever Socorro foi marcante na minha vida. Foi como se o tempo não estivesse passado, como se eu acabasse de sair dali. Fui recebida com muito carinho e alegria, estava voltando para casa (ver figura 33), e rememorar este momento por minha narrativa trouxe toda a emoção vivenciada naquele dia.

O sopro leve da maresia se dilui na calmaria do furo, vamos adentrando mais e mais, [...] de lá já avisto, na enseada ao fundo, a casa de Socorro e sua família. Aparentemente nada mudou, vejo a casa de madeira sem pintura com porta e janela na fachada e um pequeno trapiche onde está ancorado o casco. O motor diminui a velocidade para encostar, Socorro aparece logo na janela e abre aquele sorriso. A rabeta encosta no trapiche, depois de tudo desembarcado, vem o abraço acolhedor, de quem há muito não se via. Adentramos a casa, é hora de contar as novidades e matar saudades (Jardim 2013:92).



Figura 33 – Casa de Socorro. Foto: Aislan de Paula, 2011

Apesar de antes de minha ida termos nos falado ao telefone e de ter explicado por alto o motivo de meu retorno, para Socorro, minha chegada aquecia seu coração de esperança, pois em sua percepção, eu traria novamente a oportunidade de continuidade do projeto. *Era tipo assim professora, porque pra mim parecia assim, ah acabou o projeto, mas aquela amizade ficou, né? Era então sabendo que ali... era voltar de novo ao trabalho, voltar a ter oportunidade. Porque ficou um tempo, a gente ficou só mesmo fazendo as encomendas, vendendo lá para os atravessadores. Então quando a senhora chegou foi tipo assim, poxa tô tendo a oportunidade de novo de levar o trabalho e agora vai ser pra valer, né?*<sup>28</sup>

Inicialmente, o objetivo do retorno foi a pesquisa de campo para o mestrado, e Socorro se tornou meu braço direito nesse processo, pois ela me ajudou a contatar todas as mulheres que entrevistei para a construção do texto dissertativo e esteve comigo em praticamente todas as entrevistas. Durante a pesquisa de campo, fui me entrelaçando muito mais à cotidianidade de Socorro e me encantando mais ainda com o saber-fazer em fibra de jupati e sua diversidade estéticoformal, como se vê nas figuras 34 a 37.

---

<sup>28</sup> Entrevista com Socorro, realizada em sua residência, em 03 de maio de 2025.

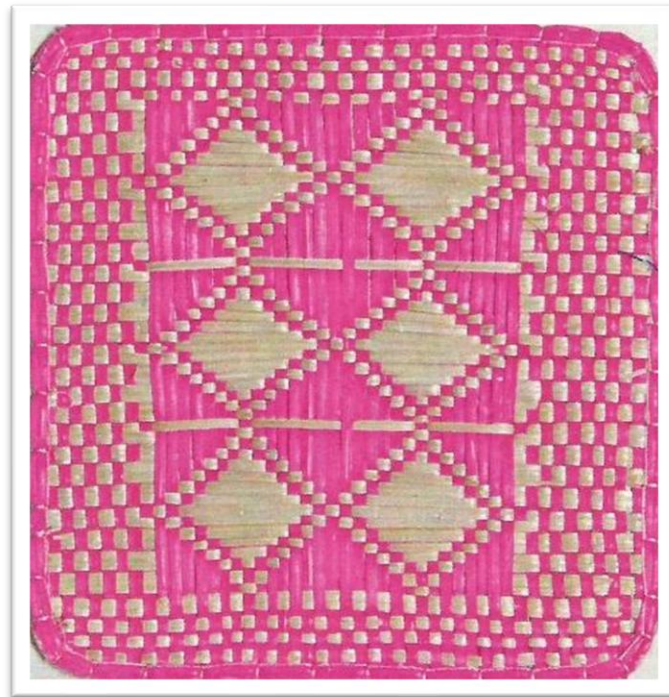


Figura 34 – Desenhos criados na tecitura, 2011



Figura 35 – Desenhos criados na tecitura, 2011



Figura 36 – Desenhos criados na tecitura, 2011



Figura 37 – Desenhos criados na tecitura, 2011

E como não dá para separar a pesquisadora da designer, as ideias começaram a aflorar em minha mente e, entre conversas empolgadas com Socorro, comecei a indagar se a tecitura com a fibra do jupati poderia trazer outras possibilidades na feitura de produtos. Percebi que para além da cartografia sensível que estava construindo das mulheres de/da fibra do jupati no texto dissertativo, o potencial iconográfico dos *Enfeites* e *Caminhos* poderia ser um fator de visibilidade para essa cultura material, que trouxesse à Socorro e outras mulheres uma possibilidade justa de meio de vida, além da produção tradicional de garrafas, canetas e chapéus que elas já faziam, produtos de referência cultural que trazem aspectos da cultura de um determinado povo, os quais, entretanto, estão voltados ao mercado, criados no intuito de diversificar a produção para o aumento das vendas, resultado do diálogo entre artesãos e designers, esses produtos carregam, portanto, um alto valor agregado e são normalmente organizados em linhas ou coleções (Barroso Neto 2004).

No período do projeto inicial (2004-2006), a fibra foi pouco explorada, pois o objetivo naquele momento eram produtos utilitários e a fibra tem um processo produtivo muito mais demorado que a tala. Nesse sentido, naquele momento, não era comercialmente viável se trabalhar com a fibra, pois fazer um “tapete de fibra”, como elas chamam para essa tecitura, demanda tempo, o que eleva consideravelmente o preço de custo do produto. Produtos utilitários e corriqueiros, portanto, não são viáveis de serem produzidos com a fibra, mas adornos e acessórios são artefatos interessantes, pois essa categoria traz consigo um valor percebido considerável. Aqui se observa que a questão de valor da mercadoria está relacionada a utilidade do produto e ao valor percebido pelo consumidor. Para Simmel (1978:63) *apud* Arjun Appadurai (2008:15), “o valor jamais é uma propriedade inerente aos objetos, mas um julgamento que sujeitos fazem sobre eles”.

Para o *Design*, o valor percebido diz respeito a uma avaliação subjetiva que o consumidor faz sobre um produto ou serviço, e está relacionada a percepção dos benefícios que esse produto ou serviço oferece em relação ao seu custo. Essa percepção é moldada não apenas por características objetivas, mas também por fatores emocionais e subjetivos. Produtos que carregam consigo elementos culturais de um determinado grupo social, como é o caso do artesanato em jupati, transmitem ao consumidor “valor”, pois, segundo os apontamentos de Donald Norman (2008), tudo nele diz respeito à mensagem, ao significado e à cultura. Diz respeito à autoimagem e às mensagens que um produto envia às pessoas. Assim, como nos apresenta Appadurai (2008:16) “[...] o objeto

econômico não tem um valor absoluto como resultado da demanda que suscita, mas é a demanda que, com base de uma troca real ou imaginária, confere valor ao objeto”.

Imersa nessas questões, voltei a Belém com brilho nos olhos e mil ideias na cabeça, compartilhei minha empolgação com Lídia Abrahim e Manoela Costa, designers, ex-alunas e parceiras em projetos de design no artesanato, que como eu partilham do mesmo sentimento de que esse saber-fazer ancestral tem potencial de trazer mudança de vida para Socorro e as outras mulheres marajoaras. Foi com esse sentimento que retornei em julho de 2012 à pesquisa de campo, já levando comigo Lídia para que paralelamente às atividades do mestrado fizéssemos um workshop de criação com Socorro e as mulheres que trançam a fibra do jupati, com foco em adornos e acessórios.

Socorro, como sempre engajada, embarca conosco em mais essa possibilidade de *tecitura*, mobilizando as artesãs para o workshop que aconteceu na escola da Vila de Nazaré. Éramos mulheres designers e artesãs aprendendo e experimentando. Como elas já dominavam a tecitura de chapelinhos, pedimos que tecessem mandalas de diversos tamanhos, para que em processo de criação coletiva criássemos várias propostas de colares, pulseiras, chaveiros e brincos, associando a técnica da costura a mão e montagem de acessórios, mostrando que com a técnica que já detinham poderiam criar novos produtos, novos nichos de mercado a esse saber-fazer.

O primeiro workshop foi em julho de 2012. As designers que participaram desse momento inicial foram eu e Lídia. As atividades do workshop foram distribuídas em cinco dias de oficina. Primeiramente, apresentamos a proposta ao grupo, mostrando a elas o potencial mercadológico que a fibra poderia ter em produtos como adornos e acessórios, como se vê nas figuras 38 e 39. Depois deixamos o grupo livre para produzir chapelinhos e mandalas de diversos tamanhos, figuras 40 a 42. A partir da experimentação, criamos várias peças que foram registradas em croquis, para posterior produção. Como Lídia é especialista em montagem de acessórios, ensinou a técnica a todas as artesãs, bem como a parte do acabamento das peças. Identificamos a habilidade de cada uma. Socorro tem um grande domínio na tecitura e “embainha” a peça muito bem, como é chamado o acabamento com a linha. *O que eu não consegui mesmo é fazer as montagens, tipo assim, na linha monto as coisas, mas colocar o brinco, meter as argolinhas, não é pra mim trabalhar com alicate, uma coisa que me complica muito, só mesmo em segundas opções*

*que não tem, aí eu tendo, mas demora muito*<sup>29</sup>. Cada uma pôde se dedicar ao que mais gostou de fazer. Esse processo agilizou a produção e deixou tudo mais prazeroso para todas.

---

<sup>29</sup> Idem.



Figura 38 – Apresentação do projeto para as artesãs, 2012



Figura 39 – Apresentação do projeto para as artesãs, 2012



Figura 40 – Processo produtivo, 2012



Figura 41 – Processo produtivo, 2012



Figura 42 – Processo produtivo, 2012

O novo traz desafios, insegurança, mas traz crescimento. Socorro tinha consciência das dificuldades de experimentar algo novo. Às vezes até ria do entusiasmo que me invadia quando eu vislumbrava algo que naquele momento ela ainda não estava alcançando, mas confiou e deixou que aquela nova *tecitura* começasse a ser trançada. *No início logo pra mim, era tipo assim, quando a gente não sabe das coisas se torna muito difícil, fazer a tela (tapetinho) era uma coisa, a gente já sabia fazer a tela, como eu falei, aí na hora de talhar... No início era difícil, eu pensava que não ia dar certo, meu Deus como é que vai ser isso, talhar? [...] Talhar um brinco até que não era tão difícil, tecer a tela e talhar esse brinco, mas fazer aquele acabamento. No início as coisas é muito ruim, a gente demora... dá aquele desânimo, poxa não vou conseguir... mas assim mesmo eu pensava em algo novo. [...] Então pra mim eu tinha esperança de que desse certo, porque a vontade era essa, que ia dar certo, como deu, né? E a gente criar novas peças, o importante era isso. Mas em momento nenhum eu cheguei a dizer: Ah não vai dar certo.*

*Pensando nessa parte, hoje se torna fácil, mas por quê? Porque a gente passou por todo aquele processo de tecer, de talhar, de fazer o acabamento, né?*<sup>30</sup>.

Essa primeira experiência trouxe resultados muito significativos, mostrando que é viável aplicar a técnica de traçado que Socorro e as outras mulheres dominam na criação de peças com maior valor agregado, como acessórios de moda, mostrando que esse nicho de mercado pode ser promissor para a diversificação da produção de artefatos com a fibra. O que reforça que a relação de parceria entre design e artesanato, em um entrelaçar respeitoso de conhecimentos, pode vir a ser um caminho para que mulheres como Socorro busquem sua autonomia por seu saber-fazer. Os protótipos desse primeiro workshop foram brincos, prendedores de cabelo, tiaras e colares, como se observa nas figuras 43 a 46.



Figura 43 – Prendedor de cabelo, 2012



Figura 44 – Brincos, 2012

---

<sup>30</sup> Idem.



Figura 45 – Tiaras, 2012



Figura 46 – Colares, 2012

O resultado da primeira oficina nos deixou entusiasmadas, o que impulsionou outro encontro em agosto de 2012. Para esse segundo momento pude contar também, além de Lídia, com a Manoela. Juntas, organizamos toda a logística para o segundo workshop de criação. O objetivo agora era, a partir dos protótipos resultantes da primeira oficina, diversificar ainda mais o mix de produtos e melhorar o acabamento das peças. Socorro, como sempre, ficou responsável pela mobilização para esse segundo encontro. Com os resultados da primeira oficina, a mobilização foi muito mais efetiva, pois o entusiasmo de Socorro e das artesãs que participaram do primeiro momento trouxe o envolvimento de muitas outras mulheres. *Sempre foi professora, eu dizia: olha a professora vai vir a gente vai fazer uma coleção de brinco, eu quero que vocês*

*participem, que vocês vá lá conhecer o trabalho, vê o que a gente pode fazer com a fibra que não é só o chapeuzinho*<sup>31</sup>.

A primeira oficina trouxe alguns resultados no que se refere ao acabamento que precisaram ser repensados nesse segundo encontro. O uso do feltro, principalmente para os brincos, não teve o efeito desejado, e a ideia de Socorro de utilizar a fibra para fazer o acabamento dos brincos e colares, como já é feito nos chapéus, além da utilização do viés, trouxe outras possibilidades na criação das peças nesse segundo momento. *Tem muitas pessoas que gosta do viés, pra certas ocasiões o viés pesa um pouco, mas pra muitos, elas já não gostam daquela coisa pesada, então elas preferem a fibra. Fazer o acabamento com a fibra é mais rápido. Com o viés demora mais, porque tem aquela coisa da delicadeza da linha não aparecer os pontos grandes, e a mesma coisa é o acabamento com a fibra, mas o acabamento com a fibra também não tem que aparecer, que pareça a parte de traz do brinco, do colar. A gente tirou muitas coisas, como logo no início a gente colocava o feltro atrás dos brincos, hoje já não é preciso, o acabamento já sai excelente, já não tem aquela coisa pra cobrir de qualquer coisa de erro com ele (risos). A gente só usa no colar, porque é uma parte que toca no corpo na pessoa*<sup>32</sup>.

Foi uma construção coletiva entre mulheres designers e artesãs, entrelace de saberes ancestrais com a criatividade e visão de mercado. Nesse sentido, o segundo workshop foi um intenso processo de criação e produção coletivos que resultou na **primeira coleção de acessórios de moda** do grupo de mulheres que posteriormente iriam se transformar no **coletivo Arte em Fibra de Jupati**. O processo de criação coletiva que trouxemos para essa *tecitura* está de acordo com as reflexões de Ninon Rose Jardim; Manoela Costa e Mariana Faro (2019), que pensam:

[...] o lugar do designer não como provedor de soluções isolado, mas como gestor de um projeto que envolve diferentes *stake holders* para, de forma conjunta, atingirem um resultado comum, seja este um produto, um sistema ou uma linha de mobiliário. Em resumo, seria necessário para tanto, valer-se de dispositivos de conexão, que permitam que os diferentes sujeitos envolvidos nesses processos tragam para o campo de trabalho suas questões de interesse (Jardim *et al.* 2019:56).

---

<sup>31</sup> Idem.

<sup>32</sup> Idem.

Nessa etapa, além dos colares e brincos, foram desenvolvidas pulseiras com processo de encapa, o mesmo processo utilizado no encapo de garrafas e canetas, além de prendedores de cabelo, como se vê nas figuras 47 a 54.



Figura 47 – Processo produtivo, 2012



Figura 48 – Interação do grupo durante o processo produtivo, 2012



Figura 49 – Colares resultantes do segundo workshop, 2012



Figura 50 – Colar resultante do segundo workshop, 2012



Figura 51 – Colar resultante do segundo workshop, 2012



Figura 52 – Pulseiras resultantes do segundo workshop, 2012



Figura 53 – Pulseiras resultantes do segundo workshop, 2012



Figura 54 – Prendedores de cabelo resultantes do segundo workshop, 2012

As duas primeiras ações desenvolvidas nessa etapa de reencontro com Socorro, foram ações voluntárias por parte de nós designers, por acreditar no potencial desse saber-fazer marajoara. Porém, precisávamos de apoio para dar continuidade as atividades, dessa forma, com a coleção em mãos fomos ao SEBRAE buscar recursos para retomar o projeto finalizado em 2006. Mostrando aos gestores do projeto artesanato o potencial de mercado do saber-fazer em fibra. Assim, conseguimos incluí-las novamente por mais dois anos no projeto artesanato do SEBRAE.

Esse aspecto deixa claro que projetos envolvendo o artesanato devem ter um tempo diferenciado, pois as comunidades tradicionais têm um ritmo de vida muito diferente. “Há um respeito muito grande pelos movimentos da maré, dos ventos, do tempo, que determinam o dia a dia das mulheres de/da fibra” (Jardim 2013:88). Por esses termos, é válido acompanhar o que assinala Sarraf-Pacheco (2009b:410):

Na dinâmica marajoara, as populações locais, sempre sensíveis e sintonizadas aos mistérios da floresta amazônica, produziram inteligíveis modos de vida e trabalho, os quais vêm permitindo-lhes dialogar e respeitar temporalidades dos indissociáveis reinos: humano, vegetal, animal e mineral, garantidores do sustento de seu dia a dia.

Essa cosmologia precisa ser entendida e respeitada durante o processo de elaboração de projetos culturais que vão atender essas comunidades. Além disso, esse tempo da natureza também rege a matéria-prima, seu florescer, a retirada da mata e o seu

beneficiamento. Olhar essas questões, portanto, é indispensável para que projetos dessa natureza possam ter resultados significativos para a comunidade atendida.

Assim, retornamos ao município em setembro de 2012 para dar continuidade às atividades. Nesse terceiro encontro, o objetivo foi ampliar a produção, já com a possibilidade de levar as peças para comercialização no espaço São José Liberto – Casa do Artesão, em Belém, e a participação na Feira do Empreendedor promovida pelo SEBRAE, em outubro do mesmo ano, como se vê nas figuras 55 a 57.



Figura 55 – Processo produtivo, 2012



Figura 56 – Processo produtivo, 2012

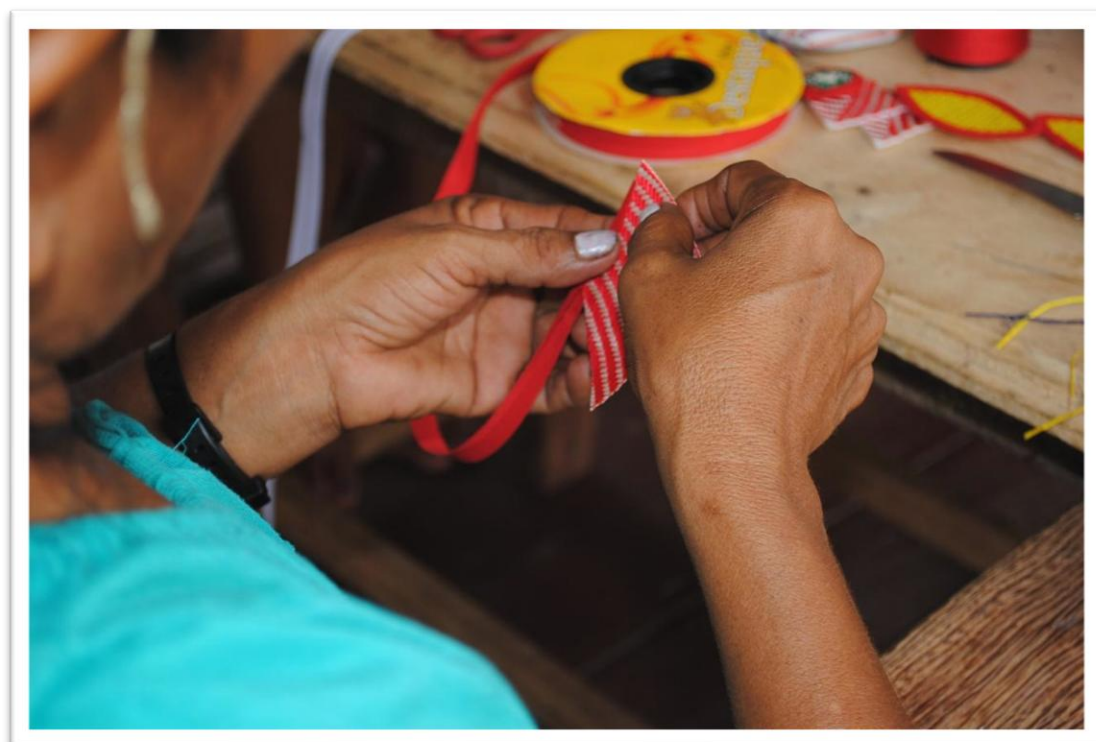


Figura 57 – Processo produtivo, 2012

Durante o processo de produção das peças já criadas anteriormente, outras ideias foram sendo gestadas com pensamento em duas festas importantes: o Círio de Nossa Senhora de Nazaré, que acontece sempre no segundo domingo de outubro em Belém, e o Natal. Nesse sentido, criamos alguns protótipos com essas temáticas, como deixa ver a figura 58 e 59. A diversificação do mix de produtos mostra à Socorro e às outras mulheres que com esses *Enfeites* e *Caminhos* elas podem criar diversos produtos. *Eu pensava que a gente não ia conseguir [...] Depois do curso do SEBRAE a gente já viu que dava pra pensar muitas coisas*<sup>33</sup>. Toda a produção resultante do terceiro workshop, da linha de adornos e acessórios e da coleção Círio e Natal, foi encaminhada ao espaço São José Liberto para comercialização.



Figura 58 – Produto inspirado no Círio – manto e chaveiros 2012

---

<sup>33</sup> Idem.



Figura 59 – Produtos inspirados no Natal – bolas de Natal, 2012

Em outubro, Socorro pôde ver sua artesanaria exposta da Feira do empreendedor, figuras 60 e 61, promovida pelo SEBRAE/PA no Hangar – Centro de Feiras e Convenções da Amazônia., Belém/PA. O espaço na feira foi pequeno, mas possibilitou mais visibilidade para a produção do grupo.



Figura 60 – Feira do Empreendedor, 2012



Figura 61 – Feira do Empreendedor, 2012

O quarto encontro aconteceu em novembro de 2012. O foco desse encontro foi a produção para o Natal. Para ampliar a coleção, criamos novas peças, como móveis natalinos e guirlandas de diversos tamanhos, dispostas nas figuras 62 a 65.



Figura 62 – Produtos inspirados no Natal – móbile, 2012



Figura 63 – Produtos inspirados no Natal – bolas de Natal, 2012

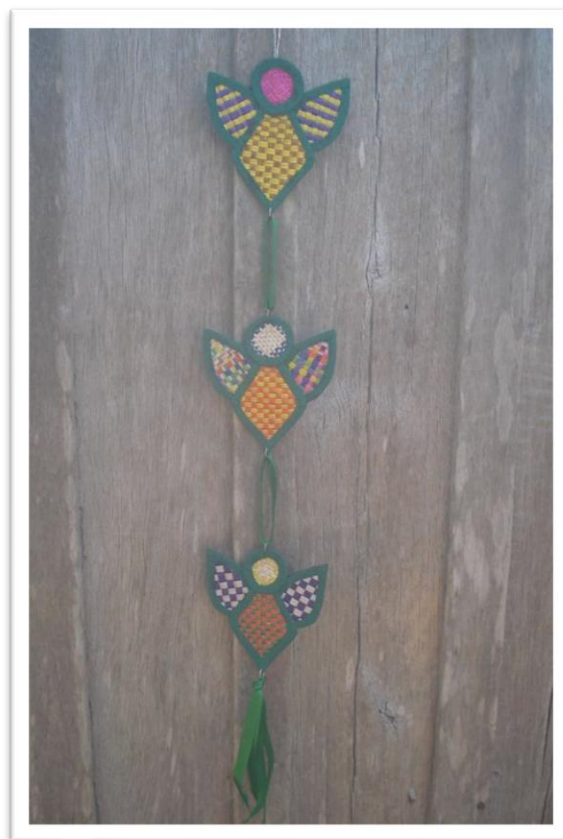


Figura 64 – Produtos inspirados no Natal – móbile, 2012



Figura 65 – Produtos inspirados no Natal – enfeites, 2012

A diversificação da produção com a fibra do jupati trouxe novos mercados para esta artesanaria. A produção tradicional de chapelinhos e garrafas continuou, mas o investimento em acessórios de moda foi o que começou a abrir as portas para as mudanças na vida de Socorro. *Depois que veio (a nova linha de produtos) mudou muito o olhar das pessoas [...] nisso o nosso trabalho agregou, [...] Porque eu lembro, quando eu não participava desse curso eu fazia o chapéu, tinha época que eu perdia a venda, ninguém queria, nem pra troco mesmo. Ah eu tenho grande quantidade... tá empilhado o chapéu aí, eu acho que nem vai servir mais. O preço (novos produtos) compensou o tempo de trabalho, e você não tem tanto gasto com a matéria-prima, né? [...] É um trabalho que é assim, depois do curso do SEBRAE a gente já viu que dá pra compensar com muitas coisas*<sup>34</sup>.

Em 2013, ainda com o apoio do SEBRAE, Socorro e as outras mulheres continuaram a produzir para abastecer o estoque do espaço São José Liberto. Nesse período, foi criada de forma cocriativa pela designer Lídia Abrahim a identidade visual do coletivo de mulheres. Surgia nesse momento a Arte em Fibra de Jupati, como até hoje são conhecidas, conforme se vê nas figuras 66 a 68.

---

<sup>34</sup> Idem.



Figura 66 – Processo de cocriação da identidade visual com o grupo, 2012. Foto: Lídia Abraham



Figura 67 – Cartão de visita de Socorro, 2012. Foto: Lídia Abraham



Figura 68 – Tag (etiqueta) dos produtos – frente e costa, 2012. Foto: Lídia Abraham

Paralelamente às consultorias, fui tecendo o meu texto da dissertação. Além da contribuição acadêmica, o objetivo era que a pesquisa trouxesse de fato um retorno às mulheres, dando ainda mais visibilidade aos seus saberes-fazer, e a artesanania ancestral que vem sendo passada a gerações pela oralidade. Os resultados da pesquisa, portanto, geraram o documentário *Mulheres de Fibrada Fibrada (Life)*, disponível no YouTube<sup>35</sup>, que traz a arte de mulheres que tecem a fibra do jupati. Ele foi apresentado ao final da defesa que ocorreu em junho do ano corrente no teatro da Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará, como podemos vislumbrar nas figuras 69 e 70.

<sup>35</sup> Documentário completo no link: <https://youtu.be/Sypi-oCIzGE?si=D-sa9H1RAM7ezS6X>



Figura 69 – Defesa da dissertação de mestrado – assinatura da ata, 2012



Figura 70 – Defesa da dissertação de mestrado – com Socorro, 2012

Ver Socorro representada no documentário, falando de sua trajetória, como uma das mestras artesãs que vem perpetuando essa arte até os dias de hoje, foi muito gratificante e emocionante. Ainda tímida, mas que a partir do domínio que tem de sua artesanaria, da aprendizagem, da retirada na natureza, do beneficiamento, do processo produtivo, e toda a cosmologia que envolve a tecitura, conseguiu transmitir toda essa sabedoria durante as gravações para mais essa *tecitura* em sua vida, como deixa ver as figuras 71 e 72. *(Risos) Olhar a Socorro lá de trás, né? Às vezes a gente diz que não é possível. Mas quando! Eu não tenho essa coragem, né? Quando a gente vê, já tá dominado ali, a gente consegue o nosso próprio espaço, nosso próprio caminho mesmo, né? Ali não imaginava, pensava que era só aquele chapeuzinho como eu sempre fazia. Eu pensava que o trabalho da fibra era tipo assim, só fazer mesmo para o tempo que encomendasse, acabasse dali pronto, né? Hoje eu vejo que ele é um trabalho que também que não é só pra lhe ajudar, mas também mantém a cultura. Eu não me imaginava assim, um dia, né? Num documentário, eu não me imaginava. Eu me imagina assim, tecendo, trabalhando, levando, mas não que chegasse no patamar que tá hoje*<sup>36</sup>.



Figura 71 – Socorro no documentário Mulheres de Fibra/da Fibra, 2013

---

<sup>36</sup> Entrevista com Socorro, realizada em sua residência, em 03 de maio de 2025.

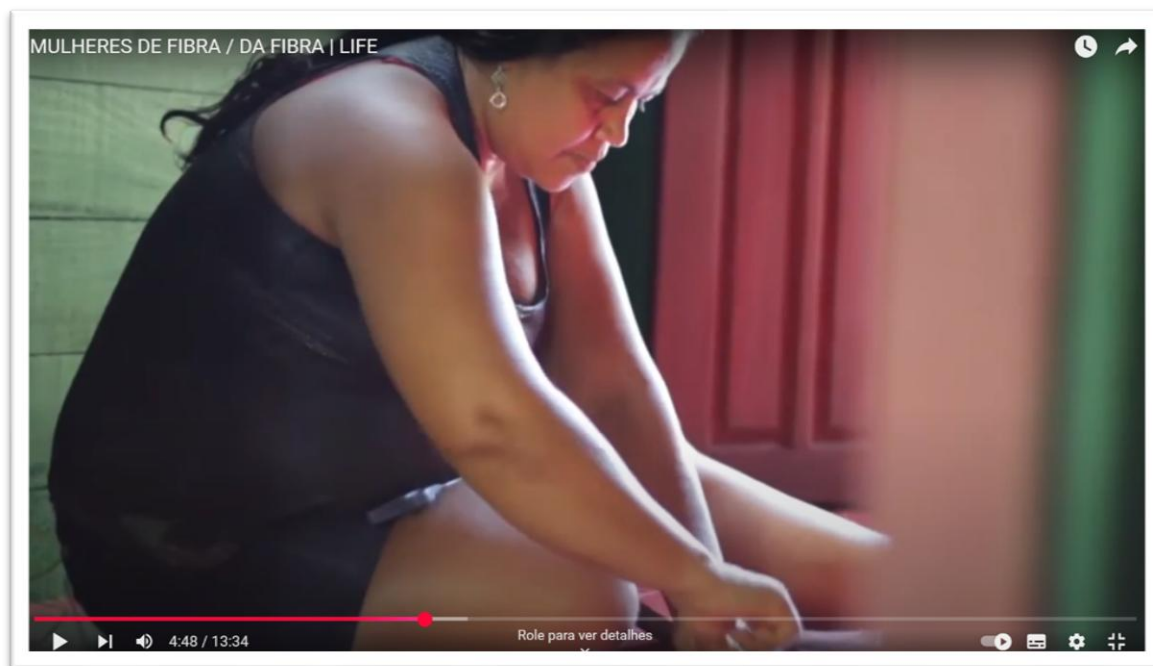


Figura 72 – Socorro no documentário Mulheres de Fibra/da Fibra, 2013

Além do documentário, minhas orientandas de TCC do curso de bacharelado em design da Universidade do Estado do Pará – UEPA montaram no hall de entrada do teatro a Exposição Fotográfica "Dessa Fibra Teço o Mundo", desdobramento do trabalho de conclusão de curso de Manoela Costa e Vanessa Simões (2011), intitulado Design de Superfície e Tradição Artesanal: Produtos inspirados no artesanato em fibra de São Sebastião da Boa Vista. A exposição trazia imagens dos modos de ser e viver dessas mulheres na relação com seu saber-fazer em fibra de jupati. Depois da defesa, os presentes puderam continuar entretecidos por essa artefania.

O momento também contou com espaço de comercialização da coleção desenvolvida durante os 2 anos de pesquisa e consultorias do SEBRAE (2012-2013), com a presença de duas das artistas da fibra, Socorro e Rosinha, que vieram patrocinadas pela prefeitura do município para a defesa da dissertação, que se vê na figura 73. Meu intuito com a pesquisa sempre foi trazer às margens o saber-fazer em fibra de jupati pelas mãos que o tecem. Ancestralidade registrada no texto dissertativo, no documentário, na exposição fotográfica e nas peças comercializadas naquela ocasião.



Figura 73 – Exposição e comercialização dos produtos no dia da defesa de dissertação, 2013

Meu intuito sempre foi que a defesa acontecesse no município de São Sebastião da Boa Vista, pois gostaria que todas as mulheres que teceram a dissertação comigo pudessem estar presentes, porém devido a indisponibilidade de viajar de uma das professoras que compunham a banca, Profa. Dra. Denise Pahl Schaan (*in memoriam*), que tive a honra de ter em minha qualificação e defesa do mestrado, e que na época era professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA/UFPA), não pude fazer a defesa oficial no município. Mas no mesmo dia viajei à Boa Vista, na companhia de Socorro e Rosinha, das designers Lúcia Abraham e Vanessa Simões e de uma das professoras que participou da banca, a profa. Dra. Lucy Niemeyer, do Programa de Pós-Graduação da Escola Superior de Desenho Industrial (PPDESDI) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), para então defender a dissertação em seu lugar de origem. Desde o início dessa *teitura* em 2004, o objetivo em todas as ações, seja de pesquisa ou de consultoria em design, sempre foi visibilizar o artesanato local, valorizar

essa arte ancestral, deixando ver para além dos rios e furos de Boa Vista que essa artesanania em jupati é um patrimônio cultural do município.

Com a parceria da prefeitura conseguimos um barco e juntamente com Socorro saímos pelos rios e furos de Boa Vista em busca das 26 artesãs que participaram da pesquisa e levá-las ao local onde aconteceria a apresentação. Esse momento foi muito significativo, não só para Socorro como para todas as mulheres. Percebi a importância de serem reconhecidas por sua arte. Durante a viagem foram enfeitando os cabelos, se maquiando e vestindo orgulhosas as camisas com a logo do grupo, um dos resultados da criação da identidade visual da Arte em Fibra de Jupati. Para Socorro e as outras artesãs, essa artesanania era corriqueira, e mudar essa perspectiva trazendo os holofotes para essa arte é reconhecer mulheres da floresta que dominam sabedorias ancestrais no tecer e que por essa artesanania podem vislumbrar outros caminhos e perspectivas de vida.

A defesa foi divulgada pela rádio local, com o intuito de que a população pudesse prestigiar. E contou com uma exposição da linha de acessórios de moda criada nos dois anos de projeto, e a exposição fotográfica "Dessa Fibra Teço o Mundo", como se observa nas figuras 74 a 76. Já que não pude fazer a defesa oficial em Boa Vista, procurei trazer toda a atmosfera vivenciada no dia da defesa em Belém.



Figura 74 – Defesa de mestrado em São Sebastião da Boa Vista, 2013



Figura 75 - Exposição de produtos após apresentação da dissertação em São Sebastião da Boa Vista, 2013



Figura 76 – Exposição fotográfica: “Dessa Fibra Teço o Mundo” após apresentação da dissertação em São Sebastião da Boa Vista, 2013

Com a finalização da pesquisa focamos nas consultorias pelo SEBRAE. A criação do coletivo Arte em Fibras de Jupatí foi mais uma etapa na *tecitura* da autonomia de Socorro, que já emergia como uma liderança natural do grupo. Nos meses subsequentes

até novembro de 2013, priorizamos a diversificação do mix de produtos, e a produção para o Círio e Natal, figuras 77 a 81.



Figura 77 – Max Colar, 2013

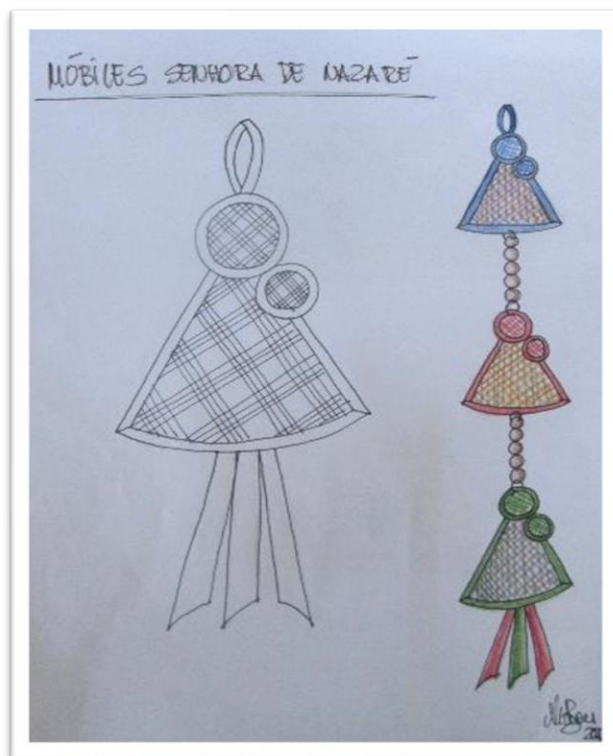


Figura 78 – Croquis de peças para o Círio, 2013



Figura 79 – Móbile Nossa Senhora de Nazaré, 2013



Figura 80 – Colar, 2013



Figura 81 – Bolas de Natal, 2013

Nos períodos que estávamos juntas, a tecitura das peças acontecia quase sempre na casa de Socorro. Esses eram momentos de *tecituras* de novas ideias, em que compartilhávamos conhecimentos, num entrelaçar de risos, conversas e confidências. Nos outros períodos, cada uma tecia em sua própria casa, mas vez por outra se encontravam para tecer, pois estarem juntas trazia motivação, onde uma ajudava a outra, principalmente na parte do acabamento das peças e Socorro era quem mobilizava esses encontros, como se vê nas figuras 82 a 84. Nesses momentos, elas escolhiam o que iam fazer e se comprometiam com essa produção para que quando eu retornasse ao município pudéssemos focar em outras ideias, gerando assim volume para a comercialização. A cada dia, o entrelaçamento de mulheres artesãs e designers se fortalecia, mostrando que o conhecimento ancestral se mantém vivo pela *tecitura* em várias mãos, de mulheres da floresta e da cidade que juntas se tornam fortes e constroem seu próprio futuro.



Figura 82 – Socorro tecendo, 2013



Figura 83 – Momentos de produção coletiva, 2013



Figura 84 – Momentos de produção coletiva, 2013

Com o apoio do SEBRAE, o coletivo Arte em Fibra de Jupati teve diversas possibilidades de divulgação e comercialização de seus produtos, e Socorro sempre foi a que se disponibilizou de representar o grupo nas feiras. Nesse sentido, vale ressaltar que apesar de serem um coletivo, a comercialização era feita de acordo com a produção de cada uma. As *tags* (etiquetas) colocadas nos produtos traziam o código, com informações sobre a matéria-prima, local de produção e artesã que produziu as peças. Esse modo de comercialização foi definido em comum acordo entre elas, pois nem todas priorizavam as demandas vindas do mercado devido a diversos fatores, como as atividades do dia a dia, cuidar da casa, pescar o camarão, bater o açaí. Assim, o retorno financeiro para cada artesã era pela sua produtividade e Socorro era a mais comprometida. Por esse motivo, sempre tinha a maior produção.

Quando as encomendas chegavam, elas se dividiam e definiam qual seria a responsabilidade de cada uma. Porém, muitas vezes quando se aproximava o período de entrega da encomenda algumas desistiam, e Socorro acabava assumindo o compromisso, puxando a produção para si e suas filhas. *Ainda existe no nosso coletivo, aquela pessoa que se compromete com o trabalho, mas aí, chega na hora, pensa que é fácil. Porque eu digo que, quando eu assumo uma responsabilidade, quando eu cheguei para elas, olha, a gente tem essa encomenda, nós temos que fazer essas pulseiras, vocês garantem? Garantimos, vamos fazer. Chegou na hora, teve, a Rosinha foi uma delas, que deixou o marido (interferir), ah, porque ali era só para mim [...] Porque se a senhora faz uma encomenda, a senhora pede um prazo para mim. Então, eu vou dar aquele prazo. Então, a peça vai ter que estar naquele prazo. Porque, eu não sei se a senhora vai dar para alguém, se a senhora vai ainda vender para alguém. Então, tem que estar naquele prazo. E, às vezes, a gente ainda tem essa dificuldade<sup>37</sup>.*

Dessa forma, as oportunidades começaram a aparecer e em outubro de 2013 Socorro, representando o grupo, participou da Feira do Círio, na Praça Waldemar Henrique, numa realização do SEBRAE, levando a produção do coletivo Arte em Fibra de Jupati. Em novembro do mesmo ano, as peças do coletivo puderam ser expostas no Evento Mostra Brasil, com realização do SEBRAE Nacional e apoio do SEBRAE/PA no Espaço Artesanato, no Fórum Mundial em Foz do Iguaçu – PR. Já em 2014, no período de março até outubro, no Programa “Mais Educação”, Socorro ministrou a disciplina

---

<sup>37</sup> Entrevista com Socorro, realizada em sua residência, em 13 de setembro de 2024.

Artesanato Regional na Escola Municipal de Ensino Fundamental - Polo Pedro Nogueira, no Rio Urucuzal – Ilha Chaves, São Sebastião da Boa Vista, Marajó, com carga horária de 2 horas por dia, duas vezes por semana, com aulas práticas para alunos do 6º ao 9º ano, sobre valorização do artesanato local.

Em agosto de 2014, Socorro e mais uma artesã participaram como expositoras do evento Feira Estadual do Artesanato (FESARTE/PA) e Feira do Artesanato Mundial (FAM), realizada pela Secretaria de Estado de Trabalho, Emprego e Renda (SETER), no Hangar, Centro de Convenções. Belém – PA, como deixa ver as figuras 85 a 87. Esse foi um momento de muito aprendizado, mas também de determinação e enfrentamento para Socorro, pois era a primeira vez ela ficava uma semana em Belém sem a presença do ex-marido, o que gerou muitos problemas e ela teve que se impor e ser resiliente para não desistir. *Ali, aquela feira Mundial não só foi uma feira que a gente tava colocando os nossos trabalhos, mas principalmente pra mim ouvir, a gente tem muito a aprender, né? Quando nós íamos lá pra feira com a Rosinha, chegávamos as vezes uma hora da madrugada na casa do filho dela lá no Tapanã. Lá a gente aprendeu, lá também era assim se vendesse tinha que ter logo peça para repor, a gente vendeu bastante dessa vez, vendemos muitas peças também. [...] Foi uma coisa que foi muito difícil porque tive que sair uma semana de casa, passei por tantas coisas na vida, mas fui! Mas foi a primeira feira que a gente tinha, já pensou? Feira Mundial de Artesanato! Muitas pessoas estavam ali, né? A gente tinha a nossa lojinha, o nosso ponto lá. Ali foi muito bom também pra nós<sup>38</sup>.*

---

<sup>38</sup> Entrevista com Socorro, realizada em sua residência, em 03 de maio de 2025.

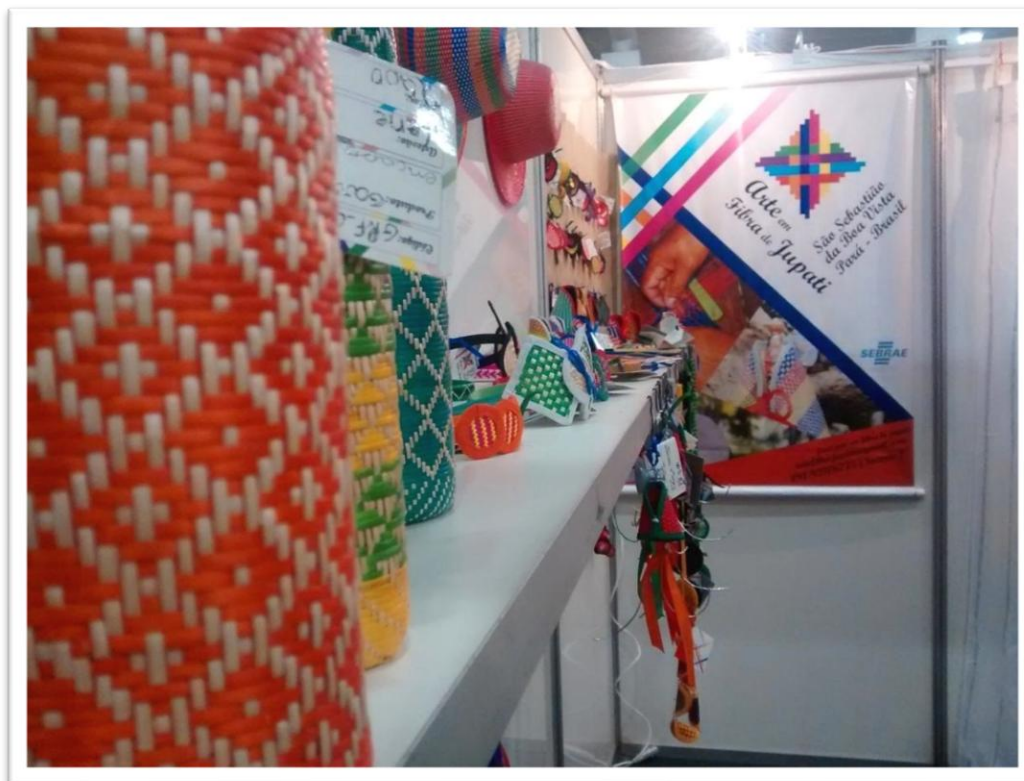


Figura 85 – Stand coletivo Arte em Fibra de Jupatí na FESARTE, 2014



Figura 86 – Socorro, outra artesã, eu e Manoela na FESARTE, 2014



Figura 87 – Stand coletivo Arte em Fibra de Jupati na FESARTE, 2014

Ainda em 2014, nos meses de junho e julho, através do Edital Vitrines Culturais – Evento de exposição de artesanato brasileiro com comercialização, realização do MinC, nas capitais que sediaram os jogos da Copa do Mundo de futebol, o grupo Arte em Fibra de Jupati teve seus produtos expostos, bem como no aeroporto internacional de Belém pelo projeto Pará na Copa, organizado pelo SEBRAE, no mesmo período.

Toda essa visibilidade despertou no ex-marido de Socorro ciúmes, e a estrutura patriarcal machista que ainda rege a maioria das relações nos Marajós não o deixou perceber que eles poderiam crescer juntos. Esse era o pensamento de Socorro, mas ele não entendeu assim. Enquanto o foco era a tala do jupati e ele era o protagonista da situação não houve problemas, mas quando começamos a investir na fibra e Socorro começou a se sobressair, a situação mudou, pois agora ela era a protagonista. Desde então, foram muitas as estratégias e lutas vivenciadas por Socorro para que continuasse a tecer as mudanças em sua vida em busca do sonho de viver de sua artesanaria. *Quando veio que vocês começaram a ter oportunidade com a fibra, que a gente foi mexer na fibra [...] eu comecei a trabalhar, eu vi que ele começou não querer, tipo assim, como se eu tivesse tirando o direito dele, mas o meu pensamento era completamente diferente, meu*

*pensamento era, eu vou trabalhar com a fibra, ele trabalha com a tala, ele corta o jupati pra mim, eu tiro a tala, ele aproveita a tala e eu teço a fibra. O dia que não der pra eu ir pra feira ele pode ir, o dia que não der pra ele ir eu posso levar as peças dele, entendeu? Era esse meu pensamento, não era tirar um direito dele e sim vontade de seguir junto, ele com o trabalho dele e eu com o meu. Era um trabalho mesmo que o outro. Aí começou aquela coisa, ele começou com aquela raiva, as vezes ele não cortava o jupati, [...] as vezes eu pedia para o Gê (irmão) ou o Júnior (filho) cortava, as vezes eu cheguei cortar jupati com a Luciane (amiga). Mas assim mesmo eu não desisti!<sup>39</sup>*

O patriarcado é um sistema de organização social, consolidado há milênios, que estabelece uma hierarquia de gênero. Nesse sistema, o poder masculino é privilegiado, resultando na dominação e exploração das mulheres (Heleieth Saffioti 2015), que implica na "[...] valorização desigual atribuída pela sociedade e legitimada pela cultura patriarcal aos corpos e subjetividades das pessoas" (Flávia Timm 2012:185). Nessa perspectiva, as dinâmicas de poder e dominação do patriarcado influenciam diretamente a forma como os indivíduos se socializam. Essa influência se reflete na produção e reprodução das relações sociais e na constituição das subjetividades humanas, entendidas como algo material e socialmente construído (Oliveira *et al.* 2023) E é nesse contexto que Socorro começa a perceber com muito mais força esse poder em sua relação conjugal, e os conflitos se tornam mais presentes e desafiadores na busca de sua autonomia.

Essa TECITURA entreteceu pesquisa, design e artesanato, trouxe as mudanças que essa relação foi constituindo na vida de Socorro, um *Caminho dois a dois*, que consolidou nossa amizade, criou novas perspectivas de *tecitura* com a fibra do jupati no desenvolvimento de acessórios de moda, o que trouxe ainda mais reconhecimento à Socorro por seu saber-fazer, momento de criação do coletivo Arte em Fibra de Jupati, e visibilidade advinda de todas as ações em que Socorro participou. Teceu também os desafios, os novos usos da fibra, os mercados trazidos pelas ações do SEBRAE, e as táticas que Socorro teceu para resistir e não desistir de seu sonho, diante do regime patriarcal vivenciado em seu relacionamento.

Continuando a tecer, a III TECITURA alinhava o *Caminho Reto* do trançado, apresenta o projeto: Mulheres da fibra de jupati: tecendo a vida com arte e os desdobramentos que esse projeto trouxe à vida de Socorro na consolidação de sua

---

<sup>39</sup> Idem.

artesanaria com o design, o rompimento com a relação abusiva que vivia e seu processo de libertação e de reencontro consigo mesma. Sua emancipação e autonomia, a partir de sua artesanaria, como mulher da floresta, artesã, ribeirinha e marajoara.

# III Tecitura: Caminho reto

*Mulheres da fibra de jupati:  
tecendo a vida com arte.*



### III TECITURA: *Caminho Reto*

#### **Mulheres da fibra de jupati: tecendo a vida com arte.**

No intuito de ampliar as oportunidades de financiamento para o coletivo Arte em Fibra de Jupati continuamos a buscar outros recursos para que o saber-fazer em jupati continuasse vivo. Foi então que em meados de 2013 foi lançado o edital do Programa Amazônia Cultural do MinC, com o objetivo de contemplar projetos de produtores da região norte do Brasil. Foi o primeiro edital do Ministério da Cultura lançado exclusivamente para o incentivo de projetos de produtores residentes nos sete estados da região. Lançado em uma parceria da Secretaria de Fomento e Incentivo à Cultura (SEFIC), da Representação Regional Norte e do Fórum de Gestores de Cultura da Região Norte, nasceu com o objetivo de fomentar, incentivar, valorizar, estimular, fortalecer, capacitar e difundir ações da cultura brasileira na Região Norte do País.

Em um entrelaçar de ideias, eu e as parceiras de sempre, as designers Lídia Abraham e Manoela Costa, conseguimos tecer o projeto: **Mulheres da fibra de jupati: tecendo a vida com arte.** O projeto visava dar visibilidade e oportunidade de mercado às mulheres que trabalham com a fibra do Jupati. Para tanto, o projeto propôs como resultado um site que disponibilizasse ao mundo a história dessa arte tradicional marajoara, com suas cosmologias e estéticas do cotidiano, seu processo produtivo e criativo, e a produção dessas mulheres para comercialização, além de capacitação de gestão da comercialização através do site. Ao final, o projeto previa evento de lançamento com exposição e comercialização de produtos na cidade de Belém, no espaço São José Liberto.

Ao todo, foram inscritos 522 projetos e selecionados 81 destes, dos quais 55 projetos classificados receberam recursos do Fundo Nacional da Cultura para sua execução. O projeto vigorou no período de março de 2014 a dezembro de 2015 e teve como equipe: Maria do Socorro Ferreira, artesã proponente; Ninon Rose Tavares, Lídia Abraham e Manoela Costa como designers executoras; Nilma Arraes como designer oficinaira; Bernardo Magalhães na criação do site; Moysés Cavalcante e Geraldo Menezes no audiovisual; Amanda Pris no editorial e ensaio fotográfico; Sarah Jardim como modelo e Luciane Fiuza na assessoria de imprensa. A sintonia da equipe foi

fundamental para o sucesso do projeto, pois todos os envolvidos tinham a sensibilidade necessária para atuar em projetos dessa natureza.

Em toda a *tecitura* que construímos juntas, eu e Socorro, a experiência trazida pelo projeto Mulheres da fibra de jupati: tecendo a vida com arte foi o entrelaçamento perfeito entre saberes e fazeres tradicionais e acadêmicos, uma sinergia de ideias, criatividade e resultados, que marcou, a meu ver, o momento de maturidade profissional e pessoal da relação design e artesanato tanto para Socorro quanto para mim. *O projeto do MinC foi um início para o meu trabalho hoje, eu vi muita oportunidade, além de eu sair daquela minha vida que... era oprimida. [...] Era uma coisa que eu tava tendo uma oportunidade, sabe? De não só levar o artesanato, mas de manter aquele sonho vivo, né? Era a oportunidade que eu tinha de realizar o meu sonho*<sup>40</sup>.

O projeto contou com um cronograma de ações em Boa Vista e Belém. Em Boa Vista, as ações foram de mobilização da comunidade artesã; levantamento e registro do processo produtivo e criativo das mulheres de fibra para utilização no site, no catálogo e no evento de lançamento; aprimoramento do acabamento dos produtos em 6 módulos, uma vez ao mês; registro fotográfico das ações do projeto para a construção do site; gestão do artesanato para comercialização virtual em 10 módulos, uma vez ao mês; ensaio fotográfico; registro audiovisual das mulheres de fibra, seus modos de ser e viver nos Marajós, sua produção, tecitura e aprendizagem; e assessoria de imprensa.

As ações do cronograma executadas em Belém foram a elaboração de ficha técnica da iconografia do trançado; criação dos textos institucionais do site; produção de peças gráficas do evento; assessoria de imprensa; cobertura de evento - foto/ filmagem/ edição do evento; ensaio fotográfico; projeto completo de construção do site; projeto arquitetônico da exposição; projeto gráfico evento; montagem e desmontagem da exposição com manutenção de expositores e instalação elétrica; e projeto gráfico do catálogo digital.

Na primeira ação, que aconteceu em maio de 2014, juntamente com Socorro, pelos rios e furos de Boa Vista, visitamos as artesãs da fibra do jupati para sensibilizá-las e mobilizá-las para participar do projeto. No dia seguinte, no barracão da comunidade católica do Cristo Rei, localizada no rio Pirarara, apresentamos às artesãs que

---

<sup>40</sup> Entrevista com Socorro, realizada em sua residência, em 03 de maio de 2025.

compareceram os objetivos do projeto, a saber: desenvolver uma linha de acessórios em fibra com produtos diferenciados para atingir o consumidor final e agregar valor ao trabalho artesanal; site do grupo; ensaio fotográfico para elaboração do catálogo da coleção; lançamento do site e exposição com comercialização; e divulgação nos meios de comunicação dos resultados do projeto. A partir desse primeiro contado, o grupo ficou formado com a participação de 12 mulheres da fibra: Socorro; Raylana e Renata, filhas de Socorro; Lili, na época nora de Socorro; Rosinha; Marli e Lene, mãe e filha; Beth e Mara, mãe e filha; Marisa; Érica e Marília.

Dentre as ações de aprimoramento do acabamento dos produtos, tivemos uma oficina de cartonagem ministrada pela designer Nilma Arraes. Como a ideia era ampliar a linha de acessórios de moda, a oficina teve por objetivo ensinar à Socorro e às outras mulheres a criarem bolsas usando essa técnica. Todas participaram, mas mantivemos o que já havíamos feito em outras atividades: todas aprenderam a técnica, mas cada uma ficou livre para se dedicar ao que tinha mais afinidade. Dessa maneira, Socorro se dedicou bem mais a tecer os tapetinhos que iriam ser utilizados nas confecções das bolsas, como se vê nas figuras 88 e 89. Como resultado dessa oficina de cartonagem, criamos de forma coletiva vários modelos de bolsas, conforme se vê nas figuras 90 e 91.



Figura 88 – Oficina de cartonagem, 2014

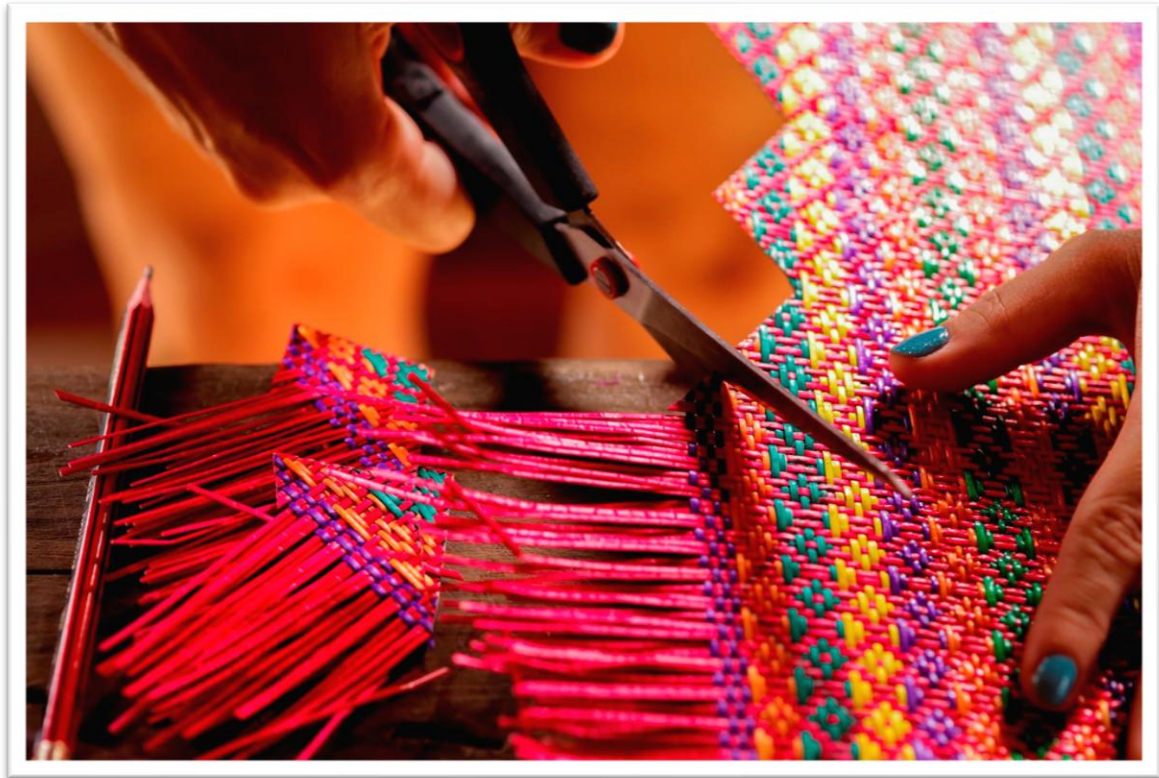


Figura 89 – Tecitura do tapetinho para confecção das bolsas, 2014



Figura 90 – Bolsas criadas na oficina de cartonagem com a fibra do jupati e tecido 100% algodão feito por Moysés Cavalcante, 2014



Figura 91 – Bolsas criadas na oficina de cartonagem com a fibra do jupati e tecido 100% algodão feito por Moysés Cavalcante, 2014

Além dos momentos de produção da linha que ia compor a exposição de lançamento do site, Socorro e as outras artesãs foram entrevistadas para construção dos vídeos que fariam parte do site, contando suas histórias com o saber-fazer em jupati, como aprenderam a tecer e qual a importância dessa arte em suas vidas, o que se pode constatar nas figuras 92 e 93. Com o tempo, Socorro vai ficando mais desinibida e se sentindo à vontade para falar de sua artesanaria nas entrevistas. [...] *Hoje eu falo assim, eu já me sinto mais...porque eu tive aquela coisa, já por lá (MinC) já fui fazer uma entrevista, já fui perdendo mais a vergonha, eu me encostava muito, coisas que eu deixava, era uma necessidade que eu tinha, pra mim ainda era muito difícil. Tem coisas que você tem que vê a hora que você está preparada para aquilo. Hoje eu acho assim, que eu sou preparada pra falar sobre o meu trabalho*<sup>41</sup>

---

<sup>41</sup> Idem.

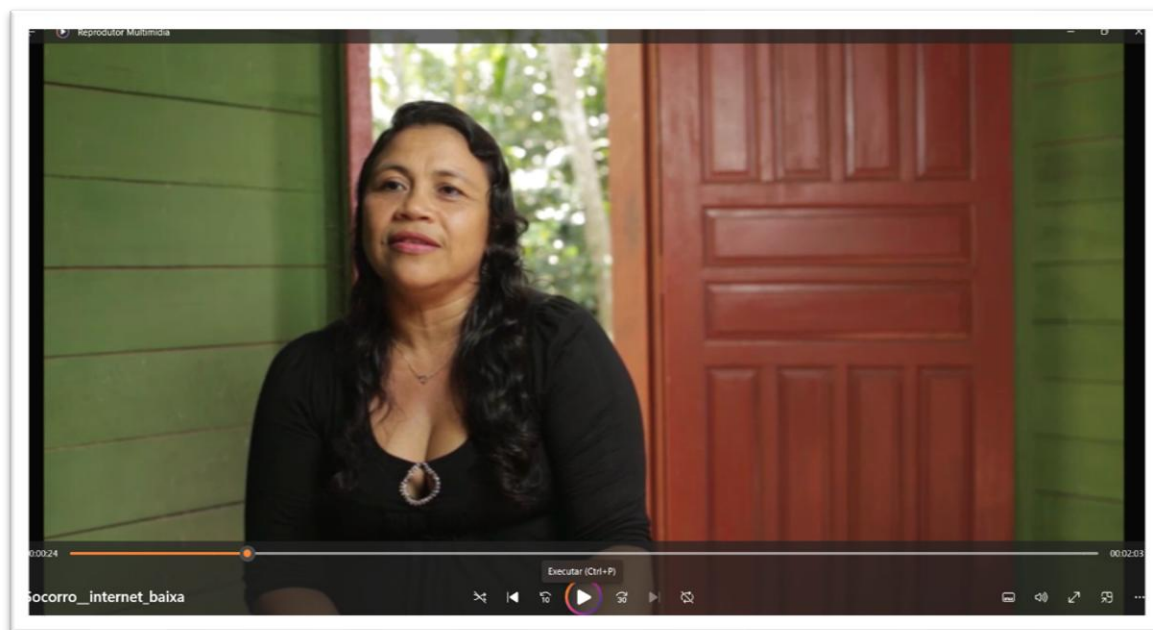


Figura 92 – Socorro sendo entrevistada durante o projeto do MinC, 2015



Figura 93 – Socorro sendo entrevistada durante o projeto do MinC, 2015

O projeto do MinC intensificou o processo de mudança na vida de Socorro. Sua emancipação veio sendo tecida desde 2004 e aos poucos Socorro foi se empoderando e entendendo que precisava se priorizar. Porém, esse processo não foi fácil, pois em seu entendimento, as melhorias que estavam acontecendo seriam valorizadas por seu companheiro e sua família, o que não aconteceu. *Professora, a mudança, como eu falei pra senhora, em 2004 pra cá, foi quando eu olhei pra mim, né? E vivi a minha vida, né?*

*Que foi uma coisa que eu não vivia, né? Eram as pessoas que viviam pra mim. Então, quando eu decidi ser dona da minha vida, ser dona dos meus sonhos, ser dona da capacidade que eu tinha de chegar em algum lugar, elas foram uma mudança e tanto, que resultou, né? Que eu pensava que essas mudanças iam ser uma mudança pra melhora pra mim, pra minha família. Mas quando a mudança foi boa pra mim, pras pessoas que eu dizia que estavam ali do meu lado, não foi, né? Não agradou elas<sup>42</sup>. Em meio aos desafios, Socorro se volta para si, entende que é ela que tece seu destino e o que importa realmente é o que ela pensa de si mesma. E o que eu quero dizer pra senhora é que o que importa é o que você é, o que você pensa e o que você quer. Porque o que o outro pensa, a opinião do outro não vai ajudar em nada, entendeu? Quando a gente deixa as pessoas terem opinião na nossa vida, deixa elas viverem a nossa vida, a gente acaba deixando de viver, entendeu? E deixa que elas vivam. Era o que acontecia comigo<sup>43</sup>.*

Com a coleção pronta, organizamos a estrutura para o primeiro editorial de moda, que aconteceu na Vila de Nazaré e no rio Pirarara, em Boa Vista. Para esse editorial, a proposta era mais conceitual: trazer a cotidianidade dessas mulheres para o catálogo. Propusemos que as filhas de Socorro, Renata e Raylana, fossem as modelos, porém elas não aceitaram, então trouxemos a modelo Sarah Jardim, que retrata bem a beleza das filhas de Socorro, para fazer as fotos do editorial. A experiência foi gratificante, em ver a comunidade curiosa e participativa durante todo o editorial, o que se observa nas figuras 94 a 98.

---

<sup>42</sup> Entrevista com Socorro, realizada em sua residência, em 13 de setembro de 2024.

<sup>43</sup> Idem.



Figura 94 – Making of do primeiro editorial de moda em Boa Vista. Foto: Manoela Costa, 2015



Figura 95 – Making of do primeiro editorial de moda em Boa Vista. Foto: Manoela Costa, 2015



Figura 96 – Making of do primeiro editorial de moda em Boa Vista. Foto: Manoela Costa, 2015



Figura 97 – Primeiro editorial de moda em Boa Vista. Foto: Moysés Cavalcante, 2015



Figura 98 – Primeiro editorial de moda em Boa Vista. Foto: Moysés Cavalcante, 2015

Paralelamente ao processo de capacitação do grupo e do editorial de moda, iniciamos em Belém com o designer Bernardo Magalhães o planejamento e arquitetura da informação do site, além da criação dos textos institucionais que o comporiam. Reunimos com o Berna e apresentamos o projeto As mulheres de fibra e a arte em jupati, mas reforçando que seria necessária uma visita ao município para vivenciar o lugar, as pessoas, as estéticas, os modos de ser e viver marajoaras, para que o site tivesse a essência delas e de sua arte, onde Socorro e as demais se sentissem representadas.

Com essas informações preliminares, ele elaborou uma primeira proposta de interface. Aqui reitero o porquê da importância da imersão no cenário em projetos dessa natureza, pois a proposta apresentada trouxe uma paleta de cores e elementos iconográficos de um Marajó que não era o Marajó de São Sebastião da Boa Vista. A proposta trazia tons terrosos e o tradicional vermelho, preto e branco característico da cerâmica Marajoara, que faz referência à esteticidade de municípios do Marajó dos Campos, como Soure, Salvaterra e Cachoeira do Arari, o que não condiz com a estética presente no Marajó das Florestas, onde está São Sebastião da Boa Vista, que é de um colorido intenso em formas geometrizes.

Essa visão homogeneizada que as representações populares têm da estética marajoara pode ser entendida a partir dos apontamentos de Márcia Bezerra (2014) quando discute as representações que artesãos de Joanes - Marajó dos Campos, fazem do patrimônio arqueológico local no desenvolvimento de produtos para turistas. A autora destaca que essas representações estão impregnadas em nossas referências e faz parte da “‘identidade’ ‘paraense’”, como no caso da Vila de Joanes, são rearranjadas e compõem as identidades, “são reorganizadas, reconfiguradas e ressignificadas, de acordo com a perspectiva individual do artesão, da sua comunidade de origem e da visão do outro” (Bezerra 2014:428).

De acordo com Desise Schaan (2006), essas narrativas visuais impregnam nosso imaginário desde a década de 70, quando um morador de Icoaraci, distrito de Belém, Raimundo Saraiva Cardoso, na época com cerca de 40 anos, Mestre Cardoso, como ficou conhecido posteriormente, visitou uma exposição de arqueologia no Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém. Começaram aí 30 anos de pesquisas sobre a cerâmica arqueológica marajoara e tapajônica que influenciaram e influenciam ainda hoje muitas gerações de ceramistas não só em Icoaraci, mas também em Santarém, no Amapá e nos Marajós. Essa “tradição inventada”<sup>44</sup> (Hobsbawm 1983 *apud* Schaan 2006) criou essa imagem homogênea dos Marajós e não nos permite perceber outras especificidades estéticoformais dos 16 municípios que compõem o arquipélago.

Essa maneira de ver os Marajós apenas pela perspectiva do acervo imagético da cerâmica marajoara se espalha em vários suportes, na arquitetura, no artesanato, nas identidades visuais, nos objetos (Schaan 2012), em artigo no qual reflete sobre a cerâmica marajoara como ícone dessa identidade, mostra que essa “estética marajoara passou a ser utilizada como signo de ancestralidade e herança cultural, fazendo parte ativa de discursos sociais sobre identidade, pertencimento e nacionalidade” (Schann 2012:122).

Por isso é importante reforçar os apontamentos de Sarraf-Pacheco (2006, 2009a, 2012), que em seus estudos, problematiza a homogeneização do termo Marajó, mas que

---

<sup>44</sup> Eric Hobsbawm define as “tradições inventadas” como um conjunto de práticas, normalmente governadas por regras aceitas aberta ou tacitamente, de natureza simbólica ou ritual, que buscam inculcar certos valores e normas de comportamento pela repetição, que automaticamente implica continuidade com o passado. De fato, onde é possível, normalmente tenta-se estabelecer uma continuidade com um passado histórico adequado... Entretanto, ainda que exista tal referência ao passado histórico, a peculiaridade das tradições ‘inventadas’ é que a continuidade com ele é largamente fictícia. Em resumo, existem respostas a novas situações que tomam a forma de referência a velhas situações ou que estabelecem seu próprio passado por uma repetição quase obrigatória” (Hobsbawm 1983: 1)

também tem ressonância no artesanato, na estética, na arquitetura. De acordo com suas assinaturas:

[...] os restritos, excludentes e homogêneos sentidos que o termo ‘Ilha do Marajó’ carrega para falar do maior arquipélago flúvio-marinho do mundo, região que desde o chamado período pré-colombiano tornou-se importante frente de encontro com outros lugares de além-fronteiras. Nesse sentido, temos interrogado imagens e discursos historicamente confeccionados sobre a ideia de ilha, interpretada quase sempre como uma parte de terra recortada e cercada por águas, isolada, cuja paisagem física, exótica e única invisibiliza suas diversas populações conformadas em diferentes matrizes étnico-raciais e seus contatos interculturais. Se geograficamente não é possível falar em ilha, pois cada um dos 16 municípios da região é conformado em muitas ilhas, historicamente o uso do termo reafirmou isolamentos e formas de dominação de suas paisagens e populações (Sarraf-Pacheco 2012:219).

Para que Berna e a equipe responsável pelo site pudessem perceber esses outros lugares da esteticidade dos Marajós, viajaram para a comunidade em junho de 2015, junto com os fotógrafos, assistentes e as designers responsáveis pela logística e mobilização do projeto. Ficamos hospedados na casa de Socorro no rio Pirarara, onde Berna e a equipe puderam vivenciar a cotidianidade de Socorro e das demais mulheres que tecem a fibra do jupati. Assim, conseguiram mergulhar na esteticidade, na cosmologia e nos modos de ser e viver dessas mulheres e seus saberes-fazer, para traduzirem tudo isso na criação do site. A nossa proposta era uma plataforma que fosse muito além de um espaço de comercialização, mas que pudesse trazer a história dessas mulheres marajoaras, o que a arte de tecer a fibra representava em suas vidas e como o processo produtivo e criativo está entretecido com a natureza e as cosmologias do lugar. Socorro e as outras artesãs aprovaram a interface do site em reunião na casa de Socorro. As figuras 99 a 102 mostram um pouco do encontro de aprovação do layout e como ficou o site.



Figura 99 – Socorro e as demais artesãs na reunião de aprovação de layout do site, em Boa Vista. Foto: Manoela Costa, 2015



Figura 100 – Tela de entrada do site, 2015

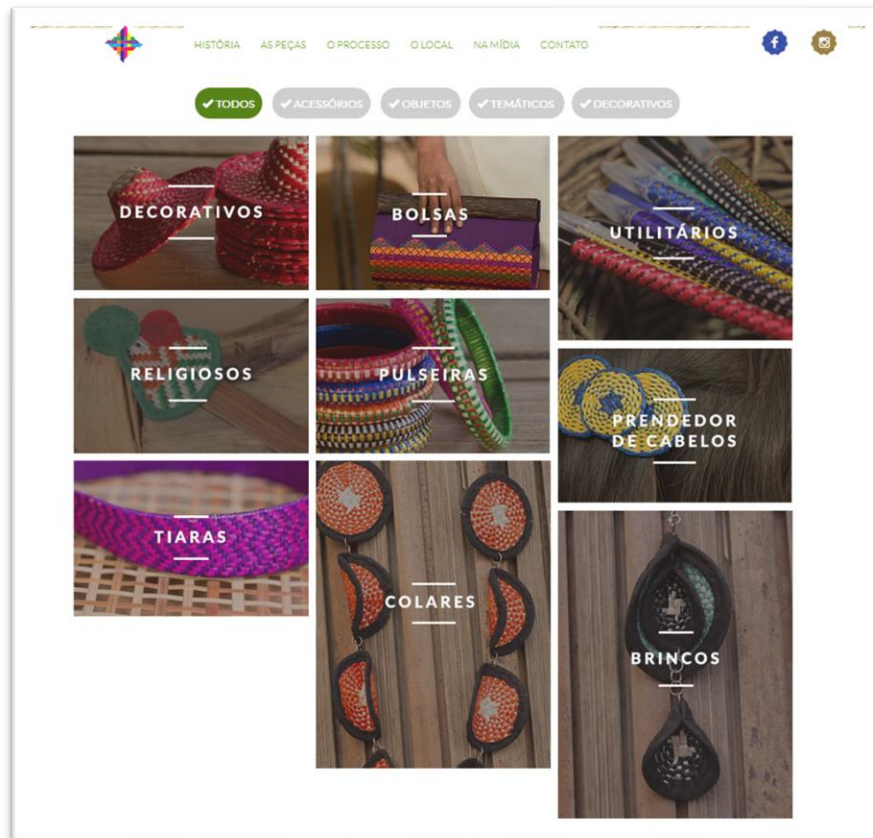


Figura 101 – Tela de mostruário de produtos

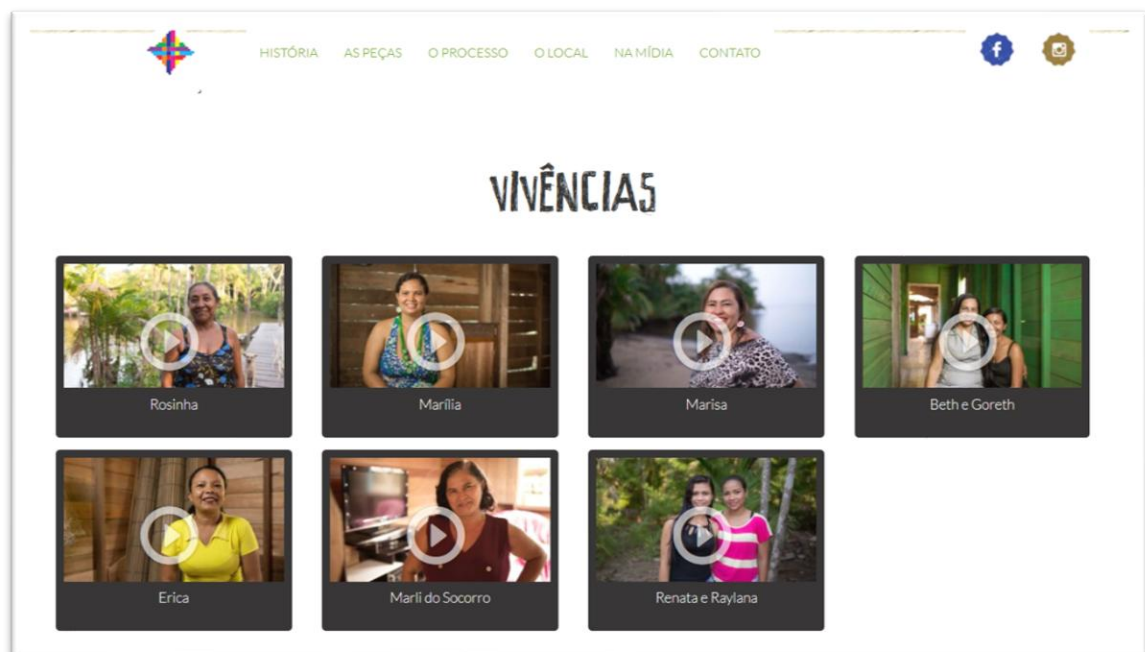


Figura 102 – Tela de vídeos individuais

O segundo editorial aconteceu em Belém, pois a proposta era mostrar que os produtos de Socorro e das outras artesãs do grupo poderiam ser usados em contexto urbano. Assim, esse editorial contou com ensaio produzido em estúdio, como se pode ver nas figuras 103 e 104, e em alguns pontos da cidade de Belém, o que aparece nas figuras 105 e 106.



Figura 103 – Segundo editorial – ensaio em estúdio. Foto: Moisés Cavalcante, 2015



Figura 104 – Segundo editorial – ensaio em estúdio. Foto: Moysés Cavalcante, 2015

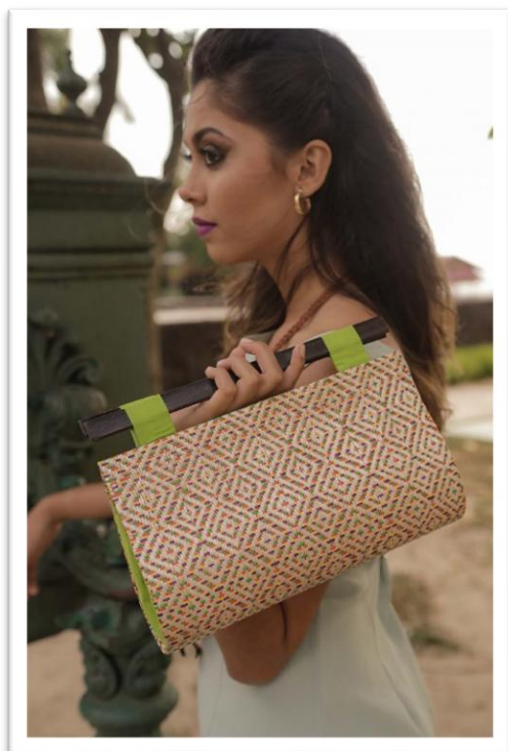


Figura 105 – Segundo editorial – ensaio externo em pontos da cidade de Belém. Foto: Moysés Cavalcante, 2015



Figura 106 – Segundo editorial – ensaio externo em pontos da cidade de Belém. Foto: Moysés Cavalcante, 2015

Em agosto de 2015, começamos a pensar na organização do evento e como seria a exposição. O projeto arquitetônico trouxe um pouco do dia a dia das mulheres, explorado as iconografias e cores do trançado. Queríamos que o espaço desse a ideia ao visitante de como é o lugar de trabalho das artesãs. Nesse sentido, a proposta da arquiteta Terezinha Abraham foi um espaço aconchegante e colorido, que mesclou expositores em madeira e vidro, trazendo um ar elegante aos produtos expostos, e a simplicidade de painéis feitos com a tala de jupatí. Ela também colocou em exposição a fibra de jupatí *in natura* e nas diversas cores que as artesãs costumam tingir com anilina, aproveitando os móveis que o próprio espaço disponibilizava. As figuras 107 e 108 mostram o layout do projeto e o espaço finalizado.



Figura 107 – Layout do projeto da exposição. Foto: Abraham Design Amazônico – Terezinha Abraham, 2015



Figura 108 – Espaço de exposição finalizado. Foto: Geraldo Menezes, 2015

O projeto gráfico ficou por conta da designer Lídia Abraham e o conceito definido teve como tema central a explosão de cores identificadas no cotidiano de Socorro, nos rios e furos de Boa Vista. A figura 109 apresenta Socorro acompanhando a adesivagem dos expositores. As mulheres da fibra do jupati foram apresentadas por 6 banners com a foto, nome e característica de cada uma, figura 110. Além do banner de apresentação do projeto, em parceria com o MinC, conforme figura 111, e um banner com o site que foi lançado no dia da inauguração da exposição, figura 112. O espaço São José Liberto acolheu a exposição, com data para novembro de 2015, o espaço já recebeu diversas exposições de caráter cultural e é muito frequentado por turistas e pessoas da cidade de Belém, por isso mesmo foi um local estratégico para montar a exposição e lançar o site.



Figura 109 – Socorro acompanhando a colagem dos adesivos na semana do evento. Foto: Lídia Abraham, 2015



Figura 110 – Banners com a história de vida das mulheres. Foto: Geraldo Menezes, 2015



Figura 111 – Banner com a apresentação do projeto. Foto: Geraldo Menezes, 2015

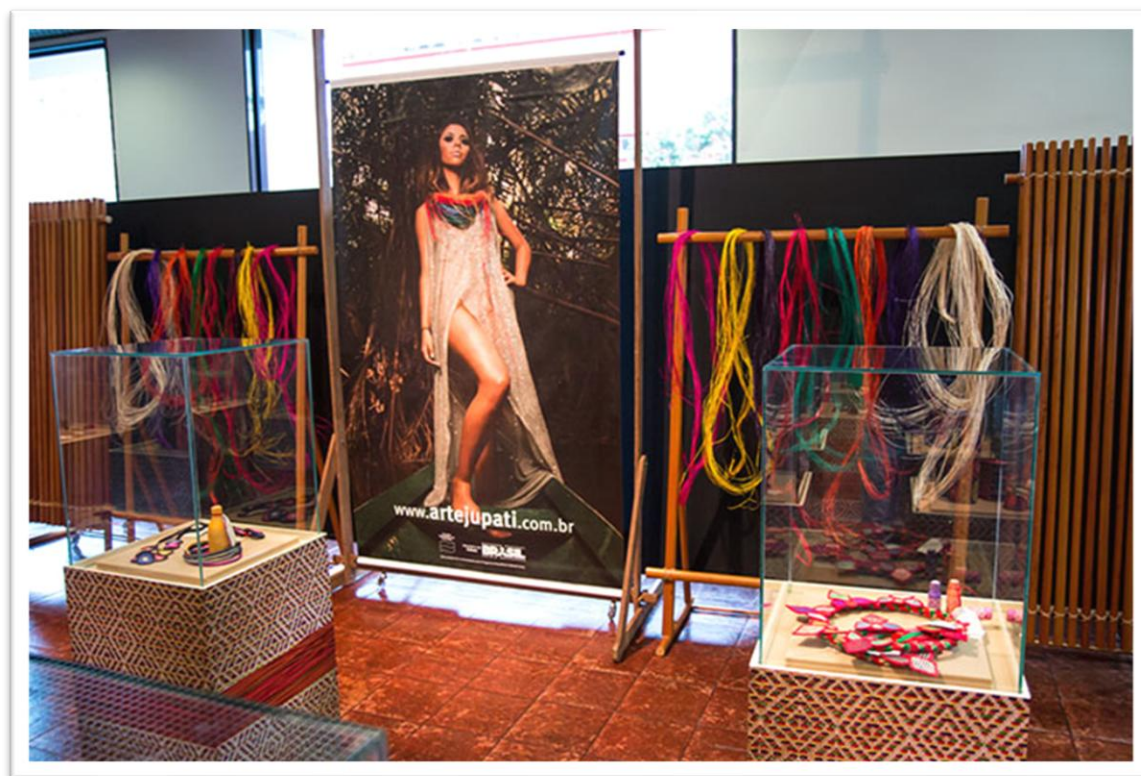


Figura 112 – Banner com o site do grupo. Foto: Geraldo Menezes, 2015

O projeto teve assessoria de imprensa de setembro a dezembro de 2015, de Luciane Fiuza, pois mesmo depois do lançamento em novembro era necessário promover mídia espontânea e divulgar os resultados obtidos com o projeto. Como resultado, tivemos uma ampla repercussão nos meios de comunicação locais, o que destacou o MinC como apoiador do projeto e deu visibilidade e reconhecimento à Socorro e às demais artesãs que participaram, com divulgação nos jornais de grande circulação no estado e nos blogs de moda e artesanato. A figura 113 mostra um pouco de toda essa publicidade.

**LeiaJa**  
TUDO QUE VOCE PRECISA SABER

É o Mundo que muda  
de repente

BRASIL  
SÉRIE BRASIL  
SÉRIE BRASIL

NOTÍCIAS | POLÍTICA | CARREIRAS | ESPORTES | ENTRETENIMENTO

## Exposição destaca produção artesanal de mulheres do Pará

No Espaço São José Liberto, em Belém, "Mulheres de Fibrá" mostra o trabalho em jupatá de artesãs do município de São Sebastião da Boa Vista, no Marajó

LeiaJa por Raiany Pózeim | 18/12/2015 - 11:08

A beleza de produtos artesanais ganha destaque na mostra que acontece no Espaço São José Liberto, em Belém, até o próximo dia (20). A exposição "Mulheres de Fibrá" é um trabalho das artesãs do município de São Sebastião da Boa Vista, localizado no arquipélago do Marajó, no Pará. Resultado da aprovação de um projeto pelo Ministério da Cultura (MinC) em parceria com o Programa Amazônia Cultural, artesãs do Grupo Arte em Fibrá desenvolvem um trabalho voltado para a produção artesanal familiar.

A exposição reúne bolsas, brincos, colares, baras, broches, braceletes e outros acessórios que revelam a sutileza do trabalho feito com a fibra de jupatá, que é extraída de uma palmeira característica do Norte do Brasil. A prática é repassada de geração em geração entre as mulheres da família. A mostra foi ambientada pela arquiteta Terezinha Abrahim, que criou um espaço onde é retratado o cotidiano das artesãs ribeirinhas, e todo o processo produtivo e criativo do grupo.

A coleção vem sendo trabalhada desde 2012, pelas designers Nínon Rose Jardim, Lídia Bráhm e Manoela Costa, e visa divulgar o trabalho das artesãs e principalmente valorizar a produção artesanal do município. Segundo Nínon Rose Jardim, as cores e os desenhos feitos no tecido da fibra que formam diversas composições geométricas são os grandes diferenciais dessa coleção. "Essa exposição é para mostrar um pouco da arte tradicional do município e, mais importante ainda, todo o processo produtivo que vai desde a extração da fibra do jupatá, até a sua comercialização", disse.

Segundo Nínon, para dar visibilidade e oportunidade de mercado às mulheres artesãs, um site foi desenvolvido no qual os produtos podem ser adquiridos e encomendados. No site, também é possível encontrar muitas informações dessa produção marajopara que é feita em fibra de jupatá.

Para Nínon, a valorização da cultura local está diretamente ligada a uma melhoria de vida das artesãs. "Valorizar toda essa produção que é feita por essas mulheres contribui para que elas possam viver do artesanato. Então esperamos que elas possam, a partir da exposição, poder mostrar o produto delas para o mundo", afirmou.

A designer acredita que esse é um trabalho que não está ligado apenas à questão econômica, mas a uma questão cultural familiar. "Quando você compra uma peça não está comprando só o artesanato, mas a história de vida dessas mulheres", destacou Nínon.

Serviço:

A mostra "Mulheres de Fibrá" segue aberta ao público até o próximo domingo (20), no horário de 9 às 18 horas, no Espaço São José Liberto, na Cidade Velha. Mais informações pelo site das artesãs.



5/5

Expositoras no Espaço São José Liberto, em Belém  
Geraldo Menezes

É HORA DE OPERAR DE FORMA SIMPLES

SAP

Figura 113 – Publicidade. Luciane Fiuza de Mello e Vitor Luiz Barros, 2015

No dia da exposição, fiz a abertura do evento e apresentei Socorro, a proponente do projeto e as demais artesãs. Das 12 mulheres que participaram, 4 estiveram presentes no lançamento do site e abertura da exposição, como se vê na figura 114. A apresentação

do site foi feita por Berna Magalhães, responsável pela equipe de criação. Ele explicou itens de menu do site, que além de mostrar os produtos em fibra também fala sobre cada uma das artesãs, da história do trançado, da cidade de Boa Vista e dos produtos desenvolvidos durante as várias oficinas e capacitações, figura 115. Além disso, ele fez uma demonstração de pedido on-line. Antes da abertura oficial da exposição, o público presente pôde assistir ao vídeo produzido com os relatos das mulheres da fibra do Jupatí, como se observa na figura 116.



Figura 114 – Abertura da exposição e lançamento do site. Foto: Geraldo Menezes, 2015

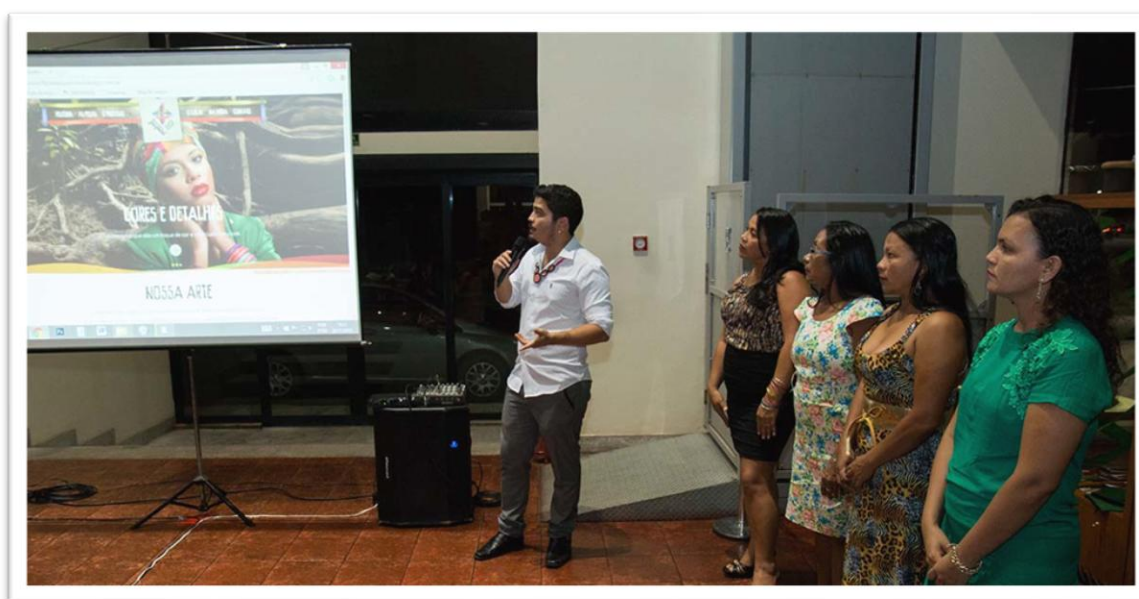


Figura 115 – Apresentação do site. Foto: Geraldo Menezes, 2015



Figura 116 – Apresentação do vídeo promocional. Foto: Geraldo Menezes, 2015

Com a exposição aberta à comercialização, Socorro foi entrevistada para falar sobre a experiência de participar do projeto, figura 117. Toda a *tecitura* até aquele momento mostrou à Socorro que ela era capaz de mudar sua realidade a partir de sua arte de tecer a fibra. *Então, eu estava para fazer diferença. Que eu era capaz de alguma coisa. Vendo o meu trabalho ali, aquelas pessoas dando entrevista, nem eu mesma me reconhecia, né? Porque eu, aquela pessoa que tinha vergonha de tudo, às vezes até de falar, né? Era aquela coisa assim, professora*<sup>45</sup>.

---

<sup>45</sup> Entrevista com Socorro, realizada em sua residência, em 03 de maio de 2025.



Figura 117 – Socorro sendo entrevistada na abertura da exposição. Foto: Geraldo Menezes, 2015

O evento fez tanto sucesso que as artesãs foram convidadas a estender a exposição, que seria de 26 a 29 de novembro, para até o dia 20 de dezembro de 2015, o que aumentou a divulgação do coletivo e de seus produtos. Socorro se sentiu orgulhosa de suas conquistas, que vão muito além do aspecto profissional, mas que possibilitaram o seu auto (re)conhecimento, quando ela pôde olhar para dentro de si, se ver, se perceber, se amar. O projeto do MinC foi um marco em sua vida. *Meu Deus, como eu era, né? Não que o passado da gente sirva para machucar a gente, né? (emoção...) Mas... Sabe, é... Sem palavras, sabe...? Quando você dá uma volta por cima, quando você consegue o seu objetivo, não tem preço, sabe? [...] Então, para mim, nesse lançamento do MinC foi quando eu vi que eu era capaz, sabe? Que eu não estava ali só mais uma pessoa no mundo*<sup>46</sup>.

---

<sup>46</sup> Idem.

Toda a visibilidade que o projeto do MinC trouxe serviu para impulsionar as mudanças que começaram lá em 2004. Superação, lutas internas e lutas contra o patriarcado em que ainda estava imersa. [...] *Eu digo assim, eu enfrentei tudo isso, sabe? Eu lutei por mim, eu lutei pelos meus filhos, lutei pela minha vida também, como uma mulher!* E o artesanato foi a arma de luta de Socorro, foi com ele e por ele que ela enfrentou todas as dificuldades em toda a *tecitura* construída na relação com o design. *O artesanato foi a base da minha vida! Foi a única coisa que eu vi que eu poderia me agarrar e conseguir, sabe? Não só pra mim, e sim mostrar para outras mulheres, entendeu?*<sup>47</sup>

Éramos amigas confidentes, e Socorro compartilhava conosco suas questões com o ex-marido e juntas tentávamos contornar as situações para que ela não desanimasse, porém muita coisa ela não nos contava e resistia sozinha às violências vivenciadas em seu relacionamento. *A primeira oportunidade que apareceu foi eu começar com o artesanato, ter as encomendas do primeiro projeto que eu passei (prêmio). Foi uma coisa, tem uma parte foi uma alegria e por outra uma tristeza, que foi tipo um massacre, sabe? Quando eu tinha que viajar era pouco eu ia me meter com macho. O que ele queria, que eu pegasse aquele dinheiro do projeto (prêmio) e comprasse uma voadeira, (ele dizia) porque o dinheiro eu ia botar pra senhora, ia dar pra Lídia, pra Manuela, ia dar para os meus machos, que eram os meninos que iam pra lá, que tinham idade de ser meu filho. Era assim... Ai a vida virou aquilo, quando eu quisesse levar as pessoas lá pra casa, que eu tava satisfeita que a casa vivia cheia de macho, cheia de gente. Era professora, a tortura era horrível, só que eu nunca demonstrava [...] Era coisa que eu guardava comigo, aquilo me fazia muito mal, muito mesmo*<sup>48</sup>. A esse respeito, Oliveira et al. (2023) argumentam que, ao longo da história, as mulheres foram inferiorizadas cultural, social e politicamente, além de serem vítimas de múltiplas formas de violência, todas enraizadas no sistema sexo-gênero. A violência é um fenômeno antigo, profundamente enraizado nas relações humanas. Ela afeta a vida de todas as mulheres, manifestando-se de diversas maneiras, como a violência física, sexual, patrimonial, financeira, psicológica, epistêmica, moral e política.

Receosa do que poderia acontecer, Socorro deixou sob nossa responsabilidade toda a movimentação financeira do projeto do MinC, por medo de que o ex-marido

---

<sup>47</sup> Idem.

<sup>48</sup> Idem.

acabasse utilizando o recurso do projeto para outros fins. *Eu até entreguei meu cartão pra senhora. Professora só não quero que meu nome vá para o SPC (Serviço de Proteção ao Crédito), resolva as coisas, que muitas coisas a senhora já resolvei por lá (Belém)*<sup>49</sup>. *Mas era por causa disso, dessas torturas. Éramos 4 mulheres, eu, Socorro, Lídia e Manuela que nos desdobrávamos para que o andamento do projeto acontecesse como tínhamos programado. Como o ex-marido de Socorro me “respeitava” na figura de professora, eu usava esse recurso para manter Socorro no projeto. Assim fomos resistindo e lutando. Professora, para mim, foi uma coisa assim... Hoje, eu olho assim e digo... Meu Deus! Como Deus é maravilhoso, né? Tinha coisas ali... Professora, tinha horas que eu dizia assim... Meu Deus, eu não vou conseguir, sabe? Será que um dia eu vou conseguir... Sair dessa pessoa? Porque era tipo um bicho do mato, né? Aquela pessoa lá que não sai para nada, que não sabe nem se quer passar um cartão. Porque a minha vida era o meu marido que vivia, né? Então, depois do projeto do MinC, foi quando eu me libertei, sabe? Eu tive vida própria, entendeu? Porque eu não vivia a minha vida, entendeu? Eu tive a minha vida própria. Foi quando eu decidi viver a minha vida*<sup>50</sup>.

No mesmo ano, paralelamente ao projeto do MinC, inscrevemos Socorro no Prêmio “Manifestações Culturais”, do Programa Seiva, da Fundação Cultural do Pará (FCP). Socorro foi premiada. A iniciativa teve como finalidade premiar mestres e grupos/comunidades que promovem e transmitem os valores das diversas expressões culturais paraenses e Socorro foi condecorada como Mestre em Artesanato de Fibra de Jupati. Também participou do Prêmio “AngloGold”, a convite da designer Thaise Farias, para trançar o artesanato em jupati que compões a joia conceitual em ouro denominada “Em Tramas”, como se vê na figura 118, uma das quatro peças finalistas na categoria Revelação do AuDITIONS Brasil 2015 - o maior concurso de design de joias em ouro do mundo, promovido pela AngloGold Ashanti, que nesta edição trabalhou com o tema Recombinações. Thaise conheceu Socorro quando ainda como aluna do curso de design da UEPA, quando me acompanhou em algumas de minhas idas ao município.

---

<sup>49</sup> Idem.

<sup>50</sup> Entrevista com Socorro, realizada em sua residência, em 13 de setembro de 2024.



Figura 118 – Marcos Vianna - Anglogold Ashanti, 2015

A visibilidade que o projeto Mulheres da Fibra de Jupati: Tecendo a Vida com Arte trouxe à Socorro e ao coletivo possibilitou muitos desdobramentos para o ano seguinte. Em janeiro de 2016, em parceria Pingo de Ouro, como é conhecido José Raimundo Tavares Pereira, e que em 2004 quando iniciamos nossa *tecitura* era o secretário de cultura de Boa Vista, conseguimos montar a exposição no espaço Arte à Vista, que fica localizado na praça matriz da cidade, figura 119. O objetivo era apresentar os resultados do projeto aprovado pelo MinC em uma exposição e comercialização de objetos decorativos, utilitários e acessórios de moda confeccionados em fibra de jupati pelo grupo de artesãs “Arte em Fibra de Jupati”. Aproveitamos a festividade de São Sebastião, padroeiro da cidade, e fizemos a exposição no mesmo período de 10 a 20 de janeiro, época em que a cidade fica movimentada. As figuras 120 a 122 mostram a montagem do espaço para a abertura da exposição, que contou com uma palestra de abertura onde foram convidadas as autoridades municipais e a comunidade em geral, divulgação feita na rádio local. Os resultados ao final da exposição foram muito significativos para o coletivo que ganhou visibilidade local e teve uma excelente comercialização no período da exposição.



Figura 119 – Montagem da exposição no espaço Arte à Vista, 2016



Figura 120 – Montagem da exposição no espaço Arte à Vista, 2016



Figura 121 – Prédio do Arte à Vista no município de São Sebastião da Boa Vista, 2016



Figura 122– Espaço Arte à Vista pronto para a abertura da exposição, 2016

No final do mesmo mês reunimos toda a equipe que participou do projeto do MinC e retornamos ao município para fazer a culminância do projeto juntamente com Socorro e o coletivo. Foi um momento de confraternização e comemoração dos resultados alcançados. Ficamos todos hospedados na casa de Socorro e o encontro de encerramento

aconteceu no barracão da comunidade do Cristo Rei, no rio Pirarara. As figuras 123 a 125 apresentam parte desse momento.



Figura 123 – Encontro de encerramento do projeto na comunidade Cristo Rei, 2016



Figura 124 – Encontro de encerramento do projeto na comunidade Cristo Rei, 2016



Figura 125 – Encontro de encerramento do projeto na comunidade Cristo Rei, 2016

Um dos resultados significativos que o projeto do MinC trouxe ainda em 2016 para Socorro e as outras artesãs do coletivo foi o convite do Parque Shopping, localizado na Rod. Augusto Montenegro em Belém-PA, para que a exposição “Mulheres de Fibra: Vivendo a Vida com Arte” acontecesse no shopping no período de 01 a 31 de maio, uma mostra de acessórios de moda, produtos decorativos e utilitários. O objetivo do shopping era contribuir com a valorização e fortalecimento dessa expressão cultural, levando ao mundo a história desta arte tradicional marajoara, com suas cosmologias e estéticas do cotidiano, seu processo produtivo e criativo e a produção desse grupo de mulheres, possibilitando, assim, a troca de conhecimento, de experiências e de desenvolvimento socioeconômico às mulheres.

O shopping disponibilizou sem custo algum um espaço de loja com uma boa infraestrutura de expositores. Com um espaço amplo, pudemos trazer além dos acessórios de moda em fibra de jupati também os artefatos utilitários com a tala do jupati, como luminárias e produtos para o lar, resultado do projeto Turismo Amazônia no Marajó, de

2004 a 2006. Após alguns dias de montagem do espaço, como se vê nas figuras 126 e 127, a inauguração foi marcada com um pequeno coquetel que contou com a presença de Socorro, da direção de marketing do shopping, alguns convidados e a equipe do projeto. As figuras 128 e 129 mostram um pouco do dia da inauguração do espaço.

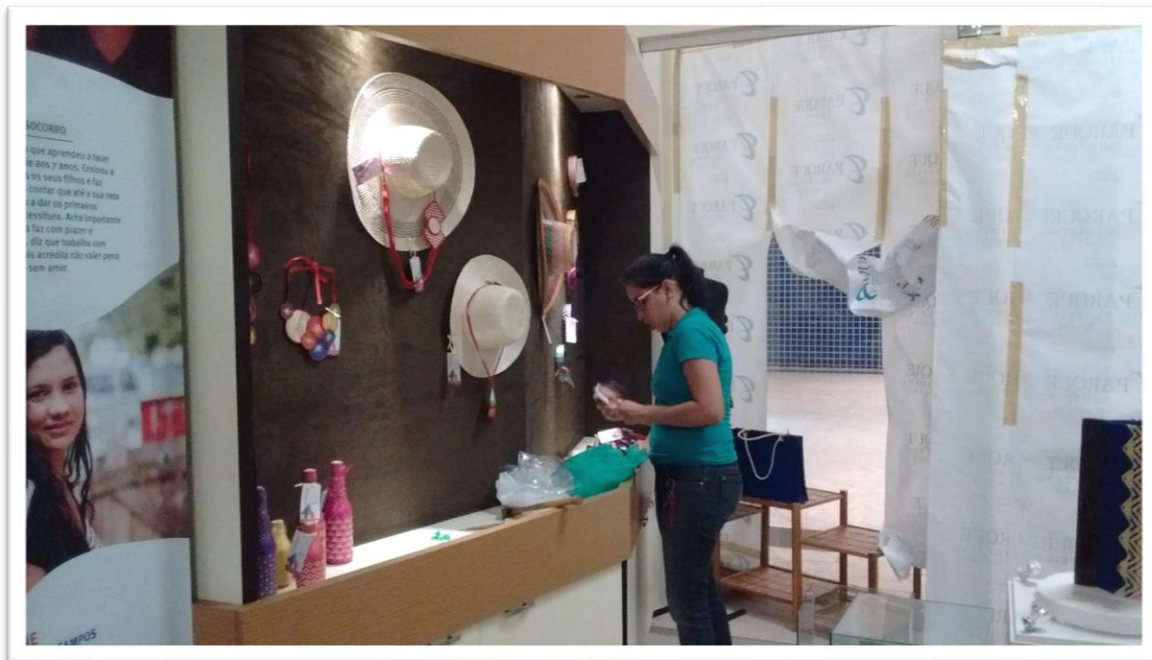


Figura 126 – Montagem da loja no Parque Shopping, 2016

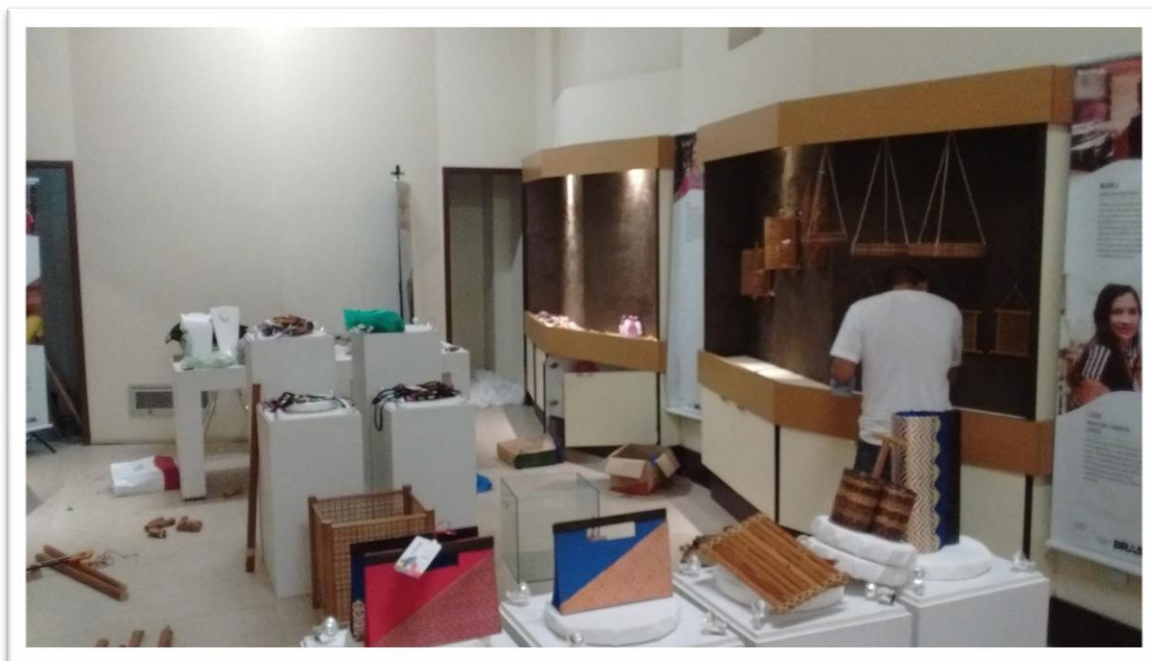


Figura 127 – Montagem da loja no Parque Shopping, 2016

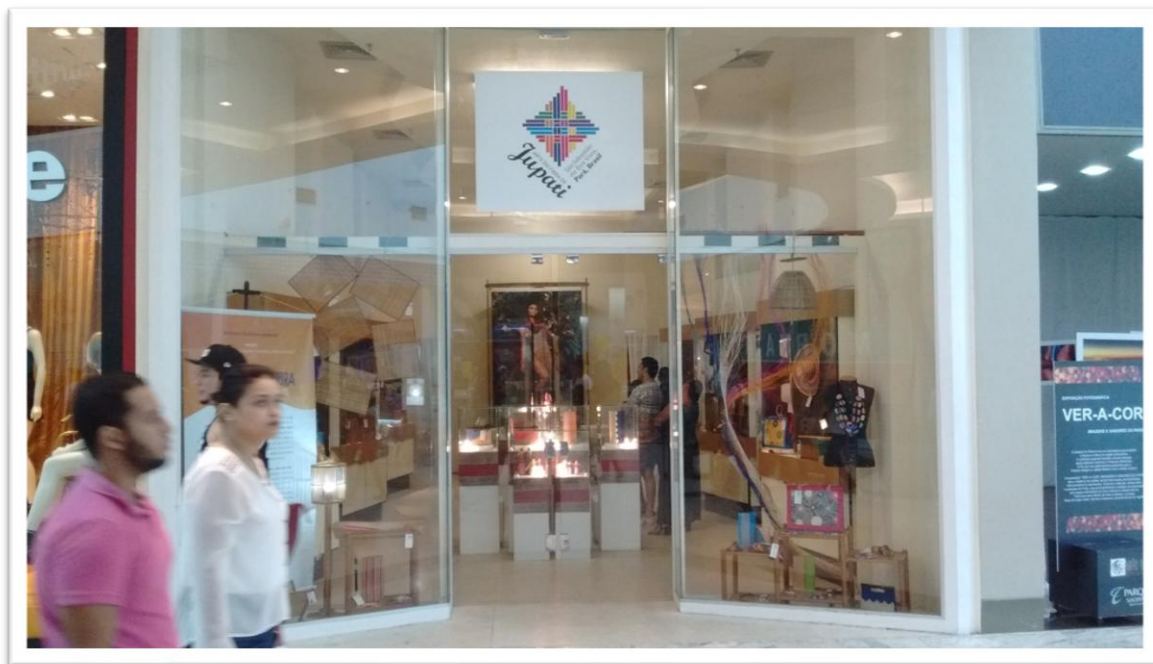


Figura 128 – Loja pronta para a inauguração, 2016



Figura 129 – Loja pronta para a inauguração, 2016

Aceitamos o desafio, porém a dinâmica de funcionamento de um shopping de domingo a domingo exigiu de todas nós estratégias para que conseguíssemos manter a loja funcionando. O ideal seria que Socorro e as outras mulheres do coletivo assumissem o atendimento na loja, mas precisavam produzir para manter o estoque. Além disso, a

logística para ficar em Belém era complicada: as questões familiares e financeiras dificultaram esse processo. *Quando a nossa loja foi inaugurada no shopping, ali eu me vi, poxa, tendo um espaço de um shopping, sabe? Poxa! Vendendo, quando a gente vendia chegava final do mês aquele dinheiro lá. Pra mim, professora, era uma coisa incrível, sabe? Era uma gratidão imensa, sabe? Poder chegar o mês e ter aquele dinheiro, quando vocês chegavam pra ajustar quanto é que deu de cada uma, né? Mas eu falo pra mim, muitas das vezes eu fui a mais que recebeu dinheiro lá, porque eu era mais que produzia. Não pra querer ser mais que aquele, mas sim pra ter em estoque<sup>51</sup>.*

Ao mesmo tempo que para Socorro estar no shopping era um sonho, pois financeiramente os resultados foram excelentes, precisávamos equacionar o desafio do binômio artesanato e mercado. O artesanato tem um ritmo que não é o do shopping, pois ele exige uma capacidade de produção que muitas vezes o artesanato não atende. Mesmo concordando com Ricardo Lima (2005), que nesses casos, é preciso um trabalho de conscientização do consumidor, para que este entenda que o objeto artesanal está inserido em um cenário socialcultural complexo, organizado em um ritmo diferente do vigente no meio urbano. O fluxo de circulação de pessoas nesse tipo de estabelecimento comercial requer uma mudança de exposição de produtos nas vitrines dinâmicas. Para resolver a situação em parceria com o curso de design da UEPA, recrutamos estagiários que ficaram responsáveis pelo atendimento e comercialização dos produtos. Eles foram treinados para que tivessem condições de falar com os clientes e visitantes sobre as mulheres e seu saber-fazer em jupati, a importância sociocultural dessa artesanaria marajoara. Devido ao horário de shopping, montamos uma escala de 4h por dia, por estagiário.

Um ponto de destaque é que a concessão da loja no shopping era de um mês, contudo com o sucesso de comercialização dos produtos o shopping disponibilizou o espaço até dezembro do ano corrente. E só não ficamos além disso, porque a logística de manter a loja aberta era grande e não tivemos mãos e nem recursos para dar conta dessa demanda. *A loja foi uma coisa que fechou, era uma coisa que eu não queria, mas porque se eu fosse tomar conta da loja lá, ficar no espaço porque terminou o (estágio) dos meninos, né? Quem ia produzir? E as meninas não, elas não tinham essa noção nessa época, elas pensavam: botar aquelas peças e tá lá. Delas pensarem: vou fazer outra peça, vou criar outra, vou criar outra pra colocar lá. Porque shopping é novidade! Ali uma hora tem que ter uma coisa, e toda hora tem gente, vem um compra, depois vem outro, e*

---

<sup>51</sup> Entrevista com Socorro, realizada em sua residência, em 03 de maio de 2025.

*se não tem em estoque como é que vai funcionar? Como é que vai manter uma loja? Foi isso que aconteceu com a gente. Só que foi muito, graças a Deus as coisas que foram pra lá a gente vendeu, a gente recebeu encomenda, né? A mulher mesmo da loja (marketing do shopping) falou que se eu quisesse mesmo uma loja, onde fosse, nem que fosse na outra esquina ela me ajudaria. Sabe, ter a oportunidade de ter um espaço foi uma coisa incrível!*<sup>52</sup>

Entender o quanto é importante ter políticas públicas de investimento em projetos que incentivam a cultura, continuar a *tecitura* da emancipação de Socorro como mulher por sua arte e artesanato só foi possível com a aprovação no edital do MinC. *O primeiro passo do nosso coletivo foi o projeto do MinC, ele foi um passo inicial. Lá a gente teve aula, teve aquele das bolsas, a gente teve aquele pra fazer os colares, a gente teve recurso pra comprar material para as oficinas. Mas ali a gente teve a oportunidade*<sup>53</sup>.

As outras mulheres do coletivo não tinham a mesma visão de Socorro, ela entendia que a autonomia do grupo dependia da gestão do artesanato. *Mas muitas das meninas elas não viam que a gente já tinha um início, mas que aquele início a gente podia multiplicar. Então quando vendesse uma peça, olha hoje eu tenho alguém que está me dando o viés, a agulha, a linha, o que fosse dali da oficina pra produzir aquilo, mas daqui pra frente eu tenho que levar eu mesma, vou comprar, vou vender, vou tirar. Então ele estava te dando oportunidade (MinC)*<sup>54</sup>.

A grande questão que perpassa os projetos de incentivo à cultura, bem como projetos financiados pelo SEBRAE é o depois, pois a grande maioria dos grupos têm dificuldade na gestão do artesanato e esse é o grande gargalo para que outras mulheres como Socorro consigam continuar vivendo de sua arte e artesanato. *Então é assim, o MinC, ele deu... só que tinha um prazo de terminar. Eu pensava assim: meu Deus quando terminar... olha até mesmo quando terminou ficou só 7 mulheres, tinha vezes que eu falava... tá, mas não vou fazer (elas), aí ficou naquilo, algumas pegavam já, nem colocaram mais no São José Liberto, já não foram mais ver o dinheiro, queriam que a outra fosse. E foi a força da *tecitura* com as filhas que manteve Socorro produzindo. Em um ritmo menor, nunca pararam mesmo com a finalização do projeto. Então ficou um pouco assim, chegou aquele*

---

<sup>52</sup> Idem.

<sup>53</sup> Idem.

<sup>54</sup> Idem.

*momento mesmo de desistir. Só não desisti porque ficava eu com as pequenas (filhas) sempre trabalhando, sempre aparecia encomenda, devagar mais aparecia*<sup>55</sup>.

Ainda no mesmo ano, o projeto do MinC trouxe outros desdobramentos positivos: Socorro, representando o coletivo, ganhou o Prêmio “SEBRAE TOP 100 de Artesanato - 4ª edição”. O Arte em Fibras de Jupatí foi uma das 100 unidades produtivas do Brasil que se destacaram pela qualidade dos seus produtos e pela sua prática de gestão. As peças foram expostas na Feira do Empreendedor, em novembro de 2016, promovida pelo SEBRAE/PA, no Hangar – Centro de Convenções, Belém-PA, e integraram um catálogo exclusivo preparado pela organização do evento. Nessa ocasião, Socorro foi homenageada no Espaço do Projeto Desenvolvimento do Artesanato Paraense.

No mesmo período, Socorro foi convidada a participar da Rodada de Negócio “Prêmio Top 100 de Artesanato”, no Centro de Referência do Artesanato Brasileiro, Rio de Janeiro – RJ, mas as questões com o ex-marido impediram que ela fosse. Quanto maior a *tecitura* que as ações dos projetos traziam à Socorro, piores se tornavam os problemas conjugais. Nesse contexto, Socorro ainda é uma exceção, pois a maioria das mulheres às margens dos Marajós não conseguem se libertar dos relacionamentos abusivos e continuam à sombra de seus companheiros. Quem representou Socorro nesse evento foi a designer Lídia Abrahim.

*Tinha aquela coisa assim, tipo assim, ele pensava no meu pensamento eu achei, achei não, eu tenho certeza, que ali eu estava tirando o direito dele, eu ia a frente, né? Quando eu acho que falava, que quando não desse pra ele ir eu ia, aí já ficou uma coisa, ela vai, aí já vai tirar o meu direito. E outra coisa, não era tanto dele levar as minhas coisas, as peças que eu poderia fazer, mas é que eu já não ia tá ali submissa a ele. Eu creio que seja isso, porque ele criou um ódio[...] Mas eu não, depois que eu vi que deu certo, eu disse que eu ia correr atrás do meu sonho*<sup>56</sup>. O sonho de viver de sua arte era a arma de resistência de Socorro. Assim, ela continuou sua *tecitura* em busca do que acreditava.

Em dezembro do mesmo ano, Socorro participou da Feira de Natal do Grêmio Literário Português, exposição com comercialização de produtos, no salão de festas do

---

<sup>55</sup> Idem.

<sup>56</sup> Idem.

Grêmio Literário Português em Belém – PA. Participou também da Exposição Top 100 de Artesanato, exposição com comercialização de produtos artesanais, no Espaço Morada Da Tribu, Belém – PA.

Em 2017, ainda como resultado do Prêmio “SEBRAE TOP 100 de Artesanato - 4ª edição”, os produtos da Arte em Fibra de Jupati fez parte do Espaço TOP 100 organizado pelo SEBRAE Nacional em duas feiras de importância nacional, no período de 06 a 16 de julho na 18ª FENEARTE, Olinda – PE, e na 28ª Feira Nacional de Artesanato em Belo Horizonte – MG, no período de 05 a 10 de dezembro. O Espaço TOP 100 nesses eventos funcionou como uma grande loja que foi administrada por uma empresa contratada pelo SEBRAE local, que se responsabilizou pelas vendas com pessoal especializado. Ainda no mesmo ano, em Belém, Socorro participou com o coletivo da VI FESARTE/PA - Feira do Artesanato Paraense, no período de 14 a 17 de dezembro, levando para a feira 184 peças em acessórios de moda. No ano seguinte, os produtos do grupo também estiveram presentes no Espaço TOP 100 na 29ª Feira Nacional de Artesanato em Belo Horizonte – MG, no período de 04 e 09 de dezembro de 2018.

Através dos resultados de minha pesquisa de mestrado sobre a arte em fibra de jupati, do documentário Mulheres de/da Fibra, disponível no Youtube, e da visibilidade gerada pelo Projeto do MinC, fui contratada em 2019 para capacitar o grupo a fazer parte da Rede Artesol – Rede Nacional do Artesanato Cultural Brasileiro que, segundo a Cartilha de capacitação da Rede (2019), é:

Um projeto que mapeia e conecta os principais núcleos de artesãos e artistas populares brasileiros aos demais agentes da cadeia produtiva do artesanato no Brasil, tais como lojistas, pesquisadores, instituições culturais e consumidores, através de uma moderna plataforma digital de livre acesso.

Em outubro desse ano retornei à casa de Socorro, juntamente com Theo Grahl, o fotógrafo da Artesol que me acompanhou na capacitação. Com a entrada do grupo na plataforma da Rede Artesol, surgiram inúmeras possibilidades, que até hoje vêm gerando frutos, como encomendas e convites para participação de editais. *Depois começou aquele grande quando o Theo veio pela Artesol. A gente entrou na plataforma da Artesol professora, esse projeto do MinC (Projeto Bem Maior) foi indicado pela Artesol pra*

*gente, eu lembro benzinho que foi a Helena que mandou, Helena explicava quem era coletivo, o que que era preciso, o que era que a gente podia fazer, ela explicava num vídeo lá. Então foi pela Artesol que a gente recebeu, a encomenda da Ecoarte foi por lá, então muitas encomendas que eu recebo é pela Artesol. Eu peguei seu contato na Artesol, eles me indicaram, eu quero fazer isso daqui (dizem as pessoas que contactam Socorro pela plataforma). Até a mulher que encomendou agora esses tempos de novo, foi por lá. A mulher de Manaus, foi por lá. Ele abriu as portas, eu falo assim, a gente se associar a Artesol foi um passo excelente. Se tudo que a gente tem hoje já está no 5º projeto, foi por lá indicado. [...] Um grupo que eu sou bem atendida na Artesol, muito mesmo. Isso é uma coisa excelente<sup>57</sup>.*

Depois desse momento veio a pandemia e por força da situação nos afastamos novamente, mas nos falávamos vez por outra. Nesse período, Socorro estava trabalhando como doméstica na casa da sogra de sua filha Richely. Foi quando pegou a Covid, foi internada e mesmo estando doente foi descontada pelos dias que não trabalhou. *Eu adoeci. [...] Que eu trabalhava doméstica. Foi quando eu decidi sair da dona Augusta. [...] Acabou que eu trabalhando, fui internada, ela ainda descontou do meu dinheiro, os dias que não trabalhei. E logo em seguida a Ecoarte fez a encomenda e eu comecei a pagar minhas contas<sup>58</sup>. E foi a arteiania que pôde manter Socorro e as outras mulheres. Na época da pandemia eu poderia ter encontrado muita dificuldade, [...] Mas devido ao trabalho, ele me ajudou, porque o trabalho, eu fiquei ali dentro de casa. Então, as meninas também trabalharam dentro de casa. Então, foi a época que a gente pegou a encomenda da Ecoarte, pra senhora vê! Foi uma encomenda grande, a gente não precisava sair da casa. Então, todo mundo trabalhou dentro de casa, né? [...] Foi uma coisa, assim, incrível que isso eu falo. [...] Já pensou, a gente fazia mil e quinhentas pulseiras? Então, foi uma coisa que não foi só pra mim, foi pra todas as meninas do grupo. A Marlene, principalmente, foi uma que agradeceu tanto que ela não ia sair da casa, tava ali trabalhando aí na casa com os filhos, né? E ela fez, acho 300 pulseiras só ela.<sup>59</sup>*

Como aconteceu em muitos relacionamentos no período da pandemia, o de Socorro não foi diferente, chegou no seu limite e ela pôde de libertar de toda a violência

---

<sup>57</sup> Entrevista na casa de Socorro em 13 de setembro de 2024.

<sup>58</sup> Idem.

<sup>59</sup> Idem.

que vivenciou por muitos anos e que se intensificou quando em 2004 começou a *tecitura* de sua emancipação. *E aí veio a minha separação, veio tudo junto. [...] Muitas mudanças, foi muita coisa. [...] Porque eu lutei, professora, lutei muito pelo meu casamento, lutei muito para conquistar. Mas, tipo assim, dá murro em ponta de faca, depois eu vi que não valia a pena. Não valia a pena, que ia ser todo o tempo aquilo, todo o tempo. Quem ia se acabar era eu. Era o que estava acontecendo*<sup>60</sup>.

Naquela época era Socorro quem sustentava a família pois o vício de seu ex-marido no jogo levava tudo. Ele não produzia mais seu artesanato e dependia apenas da bolsa família que recebia do governo. *Eu trabalhava ali, parece uma condenada, sabe? E o que eu recebi em troca? Era maus-tratos, palavrão, porque tem palavras que doem mais do que qualquer uma bofetada. É você ser uma pessoa e o outro desenhar você diferente. Mostrar para você que você é um lixo, que você não vale nada, entendeu? (emoção). Isso que dói em uma pessoa*<sup>61</sup>.

A violência e a falta de perspectiva de mudança da relação fizeram com que Socorro, enfim, tomasse uma atitude, mas não foi fácil. Porém, toda essa *tecitura* serviu para tecer a Socorro de hoje. *Mas quando você decide de dar um basta nisso ou não, é o mais importante. Pra mim não foi fácil hoje estando aqui, tem muita coisa pra encarar, né? Cada coisa que eu consegui foi em horas chorando sozinha no banheiro, chorando fazendo faxina, cansada, esgotada... sabe o que é? Não foi fácil não... (emoção). [...] Tudo que eu passei serviu pra uma lição, sabe? Foi pra me fortalecer, foi pra me fazer forte! Pra me sentir capaz, sabe? Porque se eu deixasse aquilo me abater talvez eu tivesse me acomodado naquilo, mas não.*

Assim, Socorro foi urdida na *tecitura* de sua artefania com o design. *Tecitura* que começou em 2004, mas que não termina aqui, se entretetece em outras *tecituras*, em busca de novos sonhos, e de levar seu exemplo a outras mulheres que ainda estão às margens dos Marajós.

---

<sup>60</sup> Idem.

<sup>61</sup> Idem.

# OUTRAS TESSITURAS



## OUTRAS TECITURAS

Desde a primeira vez que vi Socorro e tive oportunidade de conversar com ela, quando me contou de seu sonho de ter uma loja de artesanato, vi um brilho em seus olhos, uma força interna que estava ali, mesmo escondida por detrás de sua timidez. Nossa conexão foi imediata, e poder etnografar as *tecituras* que constituíram a Socorro de hoje foi uma honra. Pude presenciar cada mudança, e ver Socorro florescer pouco a pouco foi gratificante. Durante toda essa *tecitura* me vi diversas vezes emocionada ao ver aquela mulher falar com tanta propriedade e segurança de seu saber-fazer e de seus sonhos, durante as entrevistas e filmagens para o projeto e o mestrado. Nem parecia aquela Socorro tímida que conheci em 2004. Mesmo durante a pesquisa de campo para o doutorado, poder conviver com toda a sabedoria ancestral que Socorro tem me fez várias vezes encher os olhos de lágrimas.

*[...] A gente não imagina, só vê quando a gente tá lá, que a gente olha lá atrás e olha na frente, e vê o quanto a gente evoluiu. [...] É uma sensação assim, pra muitas pessoas podem dizer: Ah ela tava se expondo! Mas eu acho assim que quando você fala a verdade não é se expor, é sim botar uma realidade ali, né? Uma realidade que aconteceu, que foi uma mudança, principalmente não só no trabalho professora, mas como pessoa, sabe? Como pessoa! Sair daquele convívio, tipo oprimida assim, sem vida, né? E ir pra um lugar onde você é capaz de tudo! Sabe? Acho que é importante.<sup>62</sup>*

Saber que essa mudança se deve ao entrelaçamento do saber-fazer em fibra pela arteficialidade de Socorro na relação com o design é uma sensação de estar no caminho certo. O design pode ser um instrumento de transformação sociocultural se a relação com o conhecimento tradicional for respeitosa. *Foi porque assim, sou eu sabendo tecer, mas se eu não tenho ali, aquela parceria do que eu vou fazer com o que eu tecei, entendeu? Se não fosse pelo design não seria hoje essa pessoa. Mesmo eu sabendo tecer lindas telas, mas ali eu precisava de uma aula, sabe? De um direcionamento pra fazer a peça, sabe? Mesmo se eu quero fazer uma casa, eu tô com todo o material lá, mas eu não sei a estrutura, não sei como ela vai ficar, vou precisar de um engenheiro, um mestre, um pedreiro pra fazer. Então tem coisas que conciliam uma à outra, sabe? Os dois juntos. Eu precisava dessa coisa, então não foi à toa que Deus colocou a senhora no meu*

---

<sup>62</sup> Entrevista com Socorro, realizada em sua residência, em 03 de maio de 2025.

*caminho, não foi por acaso, foi coisa do destino. Não só como amiga nossa relação, mas sim de trabalho também (emoção)*<sup>63</sup>.

Essa *teitura* mostrou que essa relação design e artesanato pode contribuir com a perpetuação do conhecimento tradicional. Socorro se preocupa, pois, muitas mestras na arte de tecer a fibra já faleceram e outras já não tecem mais, e as jovens não têm interesse de continuar na *teitura*. O saber-fazer em jupati ainda é pouco valorizado e muitas acabam indo para outras atividades que dão mais retorno financeiro. *As pessoas já não valorizavam mais né? Olha como eu falo assim, tem muitas pessoas que já nem teciam, e tinha tanta gente que tecia o chapéu, tinha tanta pessoa que já fazia. Mamãe falava que nesse Cocal eles vendiam no navio. Então esse negócio do chapéu era de muito tempo, né? Só que não era reconhecido, entendeu? [...] Não só chegar com o acessório que hoje tem, mas continuar, sabe? Manter a nossa cultura viva, sabe? É uma coisa que ali ninguém vai tirar de você, sua raiz mesmo, sabe? A gente é rica aqui no Marajó e não sabe que a matéria-prima é uma coisa que em muitos lugares não tem [...] E às vezes a pessoa ainda passa por certas situações, a gente pode mudar a situação pra uma realidade melhor.*<sup>64</sup>

As mudanças na vida de Socorro foram alinhavadas ponto a ponto pela *teitura* da fibra, processo de autodescobrimento, de reconstrução de sua autoestima, de seu poder de decisão. Suas narrativas são atravessadas pelas decisões que tomou, marcadas por vários momentos de ruptura, nos termos de Bernard Lahire (2004). As *teituras* de Socorro são impregnadas de autoavaliação e autodefinição (Collins 2016). *Professora, a mudança, como eu falei pra senhora, em 2004 pra cá, foi quando eu olhei pra mim, né? E vivi a minha vida, né? Que foi uma coisa que eu não vivia, né? Eram as pessoas que viviam pra mim. Então, quando eu decidi ser dona da minha vida, ser dona dos meus sonhos, ser dona da capacidade que eu tinha de chegar em algum lugar, elas foram uma mudança e tanto, que resultou, né?*<sup>65</sup> Quando mudamos, nem sempre quem convive conosco acompanha o nosso ritmo. Mudar é sair da zona de conforto, é se expor e, nesse processo, Socorro sentiu que a luta iria ser grande. *Que eu pensava que essas mudanças iam ser uma mudança pra melhor pra mim, pra minha família. Mas quando a mudança*

---

<sup>63</sup> Idem.

<sup>64</sup> Idem.

<sup>65</sup> Entrevista com Socorro, realizada em sua residência, em 13 de setembro de 2024.

*foi boa pra mim, para as pessoas que eu dizia que estavam ali do meu lado, não foi, né? Não agradou elas*<sup>66</sup>.

A *tecitura* artesanato, fibra do jupati e design urdiu a Socorro de hoje. Mas as lutas foram muitas, e para não desistir de seus sonhos as estratégias e táticas de resistência a ajudaram a superar medos, uma relação abusiva, preconceitos. Sua crença, sua determinação a impulsionaram. Socorro olhou para dentro de si: aquela jovem que se casou muito cedo, aos 15 anos, e vivia em função do ex-marido, hoje se vê, se valoriza e é valorizada pela sua arte de tecer a fibra. *O que eu me vejo é uma pessoa que lutou, entendeu? E que conseguiu vencer os medos, os desafios, sabe? Os preconceitos também, porque ouvi muitas vezes que mulher não é pra isso, né? [...] Tem muitas pessoas ainda que não vê o meu trabalho, porque a gente não é reconhecido. Mas pra quem trabalha nesse aqui, daqui a algum tempo eu quero que as pessoas vejam a Socorro lutou*<sup>67</sup>.

E a luta é por si, pelo crescimento pessoal, para mostrar que sim é possível viver dignamente com o conhecimento tradicional, e manter vivo esse saber-fazer ancestral que é referência cultural de São Sebastião da Boa Vista, poder dizer que contribuiu para esse processo. [...] *Eu quero que as pessoas vejam [...] que a Socorro manteve a cultura viva, porque a nossa cultura, professora, a gente tem que mostrar o que a gente tem. Entendeu? O que a gente é. Então, o que eu tenho, o que eu aprendi foi o artesanato, e eu tenho vontade de mostrar da melhor forma, sabe? E dizer que o artesanato não só serve pra manter a cultura viva, e sim pra ajudar, sabe? Pra incrementar a vida pessoal. Porque todas as coisas que eu compro, que eu pago, minhas contas são com esse trabalho, entendeu?*<sup>68</sup>

Nessa caminhada, a *tecitura* não foi tarefa simples. O contexto sociocultural de Socorro, que coloca ainda a mulher às margens nas relações familiares, trouxe muitas dúvidas e inseguranças, o medo de ser julgada, discriminada por suas atitudes. Trouxe também muitos questionamentos internos à Socorro. *A senhora não pode imaginar o quanto eu venci! Os medos, principalmente. Aquela coisa de, tinha horas que eu pensava assim, meu Deus, será que é o certo o que eu estou fazendo? Será que eu não vou deixar alguém com raiva? Porque a gente pensa assim. Mas eu vi que era isso que eu tinha que fazer. Por mais difícil que fosse, por mais que doesse nas pessoas, porque as pessoas, às*

---

<sup>66</sup> Idem.

<sup>67</sup> Idem.

<sup>68</sup> Idem.

*vezes, professora, elas não se entristecem com a sua derrota, e sim com a sua vitória, sabe? Pra elas, elas querem te ver ali naquela tua vida acomodada, ali elas dizem que tu tá bem, sabe? Não são aquelas pessoas que tem vontade que tu sigas, que tu subas na vida, que tu sejas alguém, sabe? Mas o que eu digo assim, que eu enfrentei tudo isso, sabe? Eu lutei por mim, eu lutei pelos meus filhos, eu lutei pela minha vida também, como uma mulher<sup>69</sup>.*

Hoje, Socorro tem consciência que pode ser exemplo de resistência para outras mulheres marajoaras, que é possível mudar sua condição pela *tecitura* da fibra. Contudo, essa tarefa requer luta por direitos, e é na fé que ela se agarra para não desistir, pois ela acredita que Deus não a colocou no mundo para sofrer e ser menos do que ela pode ser. *Vê outras mulheres tendo oportunidade, professora, porque tem muitas mulheres que as vezes... ah eu não me separo, porque infelizmente ainda tem aquela mulher que espera pelo homem. Além de que, eu falo assim, tem muitas mulheres hoje que estão morrendo, né? Por falta de coragem, por falta de... de querer se olhar, né? Como eu já passei por isso, mas quando eu decidi, você vê o que é que deu. Eu fui ameaçada, eu fui... Mas eu fui atrás dos meus direitos, porque hoje tem lei. Hoje você tem que botar, procurar os seus direitos, as suas leis. Porque você não é um objeto que Deus jogou no mundo para qualquer um vir e tirar sua vida, a vida nossa depende de Deus, foi Deus que nos colocou, então a gente tem que lutar por ela. Tem que ir à luta, tem que procurar a sua melhora, entendeu? Eu acho assim, eu penso assim!<sup>70</sup>*

Muitas mulheres pelos Marajós ainda vivem a realidade que Socorro vivenciou por muitos anos, vivendo subjugada pelo companheiro, preocupada com o julgamento de outras pessoas, vivendo uma vida que não é sua e sim de outros, o que foi a realidade de Socorro por muito tempo. *Ainda tem muitas mulheres que não têm a oportunidade que eu tive de sair, e aquelas às vezes pode ser por medo, pode ser por pensar o que o outro vai pensar, porque eu também pensava assim! Eu dizia: tem coisas que eu não vou fazer porque o fulano vai pensar. Hoje eu vejo que independente do que o outro vai pensar, eu tenho que pensar primeiramente em mim, entendeu? Primeiramente em mim, porque ninguém vai viver por você. Ninguém vai!<sup>71</sup>.*

---

<sup>69</sup> Idem.

<sup>70</sup> Idem.

<sup>71</sup> Idem.

As *tecituras* não terminam aqui, continuam entrelaçando outros sonhos e objetivos, na luta de que outras mulheres possam ter as mesmas oportunidades. *Espero nunca desistir dos meus sonhos, meus objetivos, por mais difícil que os obstáculos que pareçam, eu sempre vou estar ali, não quero ser rica, como sempre falo, mas quero ser uma pessoa bem-sucedida, bem reconhecida, não só pelo trabalho, mas sim por ter sonho, sabe? De chegar pra essas mulheres e incentivar elas, sabe? Como uma pessoa que passou por aquilo, de dar uma palestra de superação, sabe? (Risos) [...] mostrar para as pessoas que as vezes a realidade parece que é tão difícil pra gente. Ah eu não vou conseguir, eu vou me acomodar, porque eu cheguei no momento de pensar em me acomodar, sabe? Ficar lá, vou ficar assim, vou esperar a morte, vou morrer.... mas no fundo tinha uma coisa mais forte. Que nada! A gente tem que lutar até os últimos suspiros, colocar Deus na frente e seguir os seus objetivos, os seus sonhos*<sup>72</sup>.

E hoje, a missão do coletivo Arte em Fibra de Jupati é manter viva essa arte ancestral, sendo fonte de renda justa na vida dessas mulheres marajoaras. *E não pensar só em si mesmo, sabe? Pensar em outras pessoas, porque eu ainda tenho vontade assim de ver esse coletivo, as meninas se formando, tendo outros alunos e outras pessoas entrando para o grupo, sabe? E o artesanato indo além, e não só aqui em Boa Vista, mas nos outros estados, sabe? Ai pra fora! Se eu não estiver mais aqui, mas que tenha uma pessoa que consiga. Mas enquanto isso, espero que eu ainda vá muito a luta!*<sup>73</sup> O que corrobora com a trajetória histórica de que são as mulheres ribeirinhas que assumem um papel fundamental na organização sociocultural das comunidades. Como deixam ver Pereira & Silva (2023:6),

Na maioria das comunidades, as mulheres realizam o trabalho doméstico e se ocupam de atividades como plantar e fazer artesanato. [...] Essa ligação torna possível a interrelação entre os processos subjetivos sociais e individuais, em uma combinação altamente potente e capaz de integrar a pessoa à condição de protagonista de suas experiências de vida.

As comunidades ribeirinhas da Amazônia são marcadas pela presença feminina. Elas detêm saberes-fazer singulares, pois estão imbricadas individual e coletivamente com o lugar em que vivem. Por isso, a construção de estratégias de resistência nas

---

<sup>72</sup> Entrevista com Socorro, realizada em sua residência, em 03 de maio de 2025.

<sup>73</sup> Idem.

*tecituras* de vida de Socorro me permite pensar criticamente, como se dá o percurso de potencialidade e limitações na trajetória de mulheres artesãs ribeirinhas na Amazônia paraense. Pensar a *tecitura* dessas trajetórias, nos convida a compreender criticamente sobre os caminhos que levam essas mulheres a continuarem a tecer, a perpetuar o saber-fazer em jupati em suas vidas e assim manter vivo esse conhecimento ancestral, “[...] compreendendo os sentidos e os significados construídos no entrelaçamento entre história de vida e práticas cotidianas, trabalho e lutas travadas no contexto familiar, social e político” (Pereira & Silva 2023:16).

Trajetórias como as de Socorro são relevantes para trazer à tona o tema da autonomia porque nos permitem visualizar, conforme argumenta Lahire (2004), como o indivíduo corporifica e materializa em suas relações os poderes estruturais e os padrões culturais. Entre as estruturas de oportunidades e os padrões culturais que estão disponíveis à uma mulher da floresta, ribeirinha e marajoara do Norte do Brasil, observa-se a capacidade de agência e de construção de uma autonomia que, mesmo com todas as dificuldades que enfrenta, não desiste, criando estratégias para superar as situações. Olhando para histórias como de Socorro, podemos compreender melhor como os indivíduos se constituem como sujeitos, isto é, como as mulheres se autoavaliam e se autodefinem como sujeitos (Pereira & Silva 2023).

Ao analisar as narrativas de Socorro, percebo a sua força de agência, ainda que esta seja atravessada, como não poderia deixar de ser, pelas relações conflituosas consigo mesma, com os filhos e o ex-marido. Porém, essa agência está entrelaçada com a fibra. A fibra tem agência em Socorro e com ela e por ela. Socorro tem agência sobre sua realidade, é matéria em movimento, em fluxo, as coisas têm vida (Ingold 2012). A fibra ganhou forma e significado na trajetória de Socorro, muito além do sentido de matéria-prima que tece lindos *Enfeites* e *Caminhos*, e foi com e pela fibra que ela teceu sua autonomia.

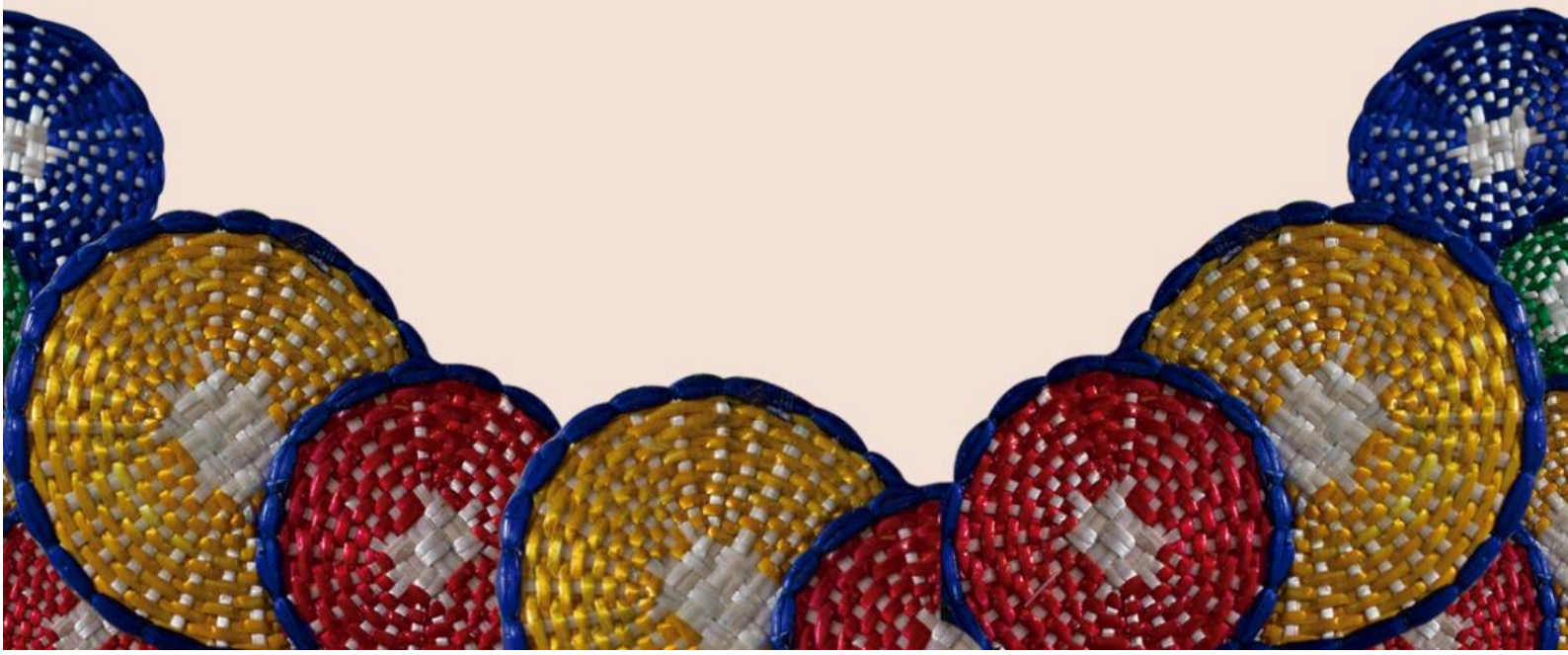
Por toda essa *tecitura*, formamos uma rede de mulheres, fonte de apoio onde se organiza um sistema de solidariedade feminina, uma rede de apoio mútuo. Nesse processo, mudamos e fomos mudadas. Essa rede de solidariedade, fundada na interdependência construída entre mulheres, é um suporte fundamental para mulheres de grupos marginalizados. O entrelaçamento do conhecimento de cada uma de nós: designers, artesãs, amigas, mães, irmãs, ribeirinhas, marajoaras, constituiu uma *tecitura* coesa e forte que resistiu e se fortaleceu. Não sou a mesma mulher, nem a mesma designer

e pesquisadora de 2004, nem Socorro é a mesma mulher, tímida e sem perspectivas, daquele primeiro encontro. Toda essa *tecitura* nos moldou, nos entrelaçou e nos teceu, e foi pela fibra do jupati que renascemos outras, mais fortes, mais nós mesmas. Assim, faço minha as palavras de Socorro: *E eu digo mesmo sempre pra senhora, eu me considero uma pessoa que venceu!*<sup>74</sup> Vencemos juntas!

---

<sup>74</sup> Entrevista com Socorro, realizada em sua residência, em 13 de setembro de 2024.

# REFERÊNCIAS



## REFERÊNCIAS

- Achutti, L. E. R. 1997. *Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho*. Porto Alegre: Tomo Editorial: Palmarinca.
- Arantes, A. C. V., Carvalho, L. G., & Nascimento, V. B. (2024). Mudança e (re)organização social no artesanato tradicional de trançados do rio Arapiuns, Santarém, Pará. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 19(1), e20220088.
- Appadurai, A. 2008. *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense.
- Araújo, L.M & A, Sarraf-Pacheco. 2025. *Dos estudos culturais à decolonialidade: pesquisas interdisciplinares na Amazônia Paraense*. Ananindeua: Cabana.
- Banco do Nordeste. (2002). *Ações para o desenvolvimento do artesanato do Nordeste* (2. ed.). Banco do Nordeste.
- Barroso Neto, E. 2004. *Termo de referência*. Programa SEBRAE de artesanato. Brasília: SEBRAE.
- \_\_\_\_\_. 2010. *O que é artesanato: primeiro módulo*. Curso de artesanato. Brasília: SEBRAE.
- Bezerra, M. 2014. As Cores do passado na Amazônia: o patrimônio arqueológico no artesanato da vila de Joanes, ilha do marajó, Brasil. *Amazônica - Revista de Antropologia* (Online) 6 (2): 418-441.
- Bhabha, H. K. 2003. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Boas, F. 1943. Recent anthropology. *Science* 2546(98): 334-335.
- Boni, P. C. & B. M, Moreschi. 2007. Fotoetnografia: a importância da fotografia para o resgate etnográfico. *Doc On-line*, n.03, p. 137-157, dezembro.
- Borges, A. 2011. *Design + Artesanato: o caminho brasileiro*. São Paulo: Editora Terceiro Nome.
- Bosi, E. 1994. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Carvalho, I. C. M. 2003. Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. *Horizontes Antropológicos* 9(19): 283-302.
- Carvalho, L. G. (2011). *O artesanato de cuias em perspectiva – Santarém* (1. ed.). IPHAN, CNFCP.
- Castro, E. V. de. 2002. O nativo relativo. *Mana* 8(1): 113-148.
- Certeau, M. 2002. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. 7. Ed. Petrópolis: Vozes.

Clifford, J. 1999. *Itinerarios transculturales*. Barcelona: Gedisa.

\_\_\_\_\_. 2008. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

Collins, P. H. 2016. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado* 31(1):99–127.

Costa, M. & V. Simões. 2011. *Design de superfície e tradição artesanal: Produtos inspirados no artesanato em fibra de São Sebastião da Boa Vista*. Trabalho de conclusão de curso. Curso de Bacharelado em Design, Universidade do Estado do Pará, Belém.

Costa, D. M. (2021). *Marca coletiva e desenvolvimento local na Amazônia: o caso do sinal distintivo Aíra – Cuias de Santarém (PA)*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém.

Dias, C. 2006. *Panela de Barro Preta: a tradição das paneleiras de Goiabeiras – Vitória-ES*. Rio de Janeiro: Mauad X: Facitec.

Eckert, C. & A.L.C, Rocha. 2008. Etnografia: saberes e práticas. *Iluminuras* 9(21).

Faria, N. 2011. Desafios para a construção da autonomia econômica para as mulheres. In: *Autonomia econômica e empoderamento da mulher: textos acadêmicos*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão. 229-248.

Geertz, C. 2015. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.

Glissant, E. 2005. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora: Editora UFJF.

Gonçalves, J.R.S. 2012. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. *Horizontes Antropológicos*. 11(23): 15-36.

Gonçalvez, M. A.; R. Marques & V. Z. Cardoso. 2012 (org). *Etnobiografia: subjetivação e etnografia*. Rio de Janeiro: 7 Letras.

Halbwachs, M. 2003. *A Memória Coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro.

Heller, Agnes. 2008. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra.

Herrera, J. A.; P. Ramos & J. U. B. Silva. 2014. Novas estratégias produtivas na Amazônia: estudo sobre os produtores agropecuários familiares no sudoeste paraense. *Revista de Economia e Sociologia Rural* 52(1): 223-242.

Hoggart, R. 1973. *As utilizações da cultura: aspectos da vida cultural da classe trabalhadora*. V. 01 e 02. Lisboa: Editorial Presença.

Hooks, B. 2015. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. *Revista Brasileira de Ciência Política* (16):193-210.

Ingold, T. 2012. Trazendo as coisas de volta a vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos* [online]. 18 (37): 25-44.

Jardim, N. R. 2013. *Mulheres entre enfeites & caminhos: cartografia de memórias em saberes e estéticas do cotidiano no Marajó das florestas (S.S. da Boa Vista – PA)*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Federal do Pará, Belém.

\_\_\_\_\_.; M. M. C. COSTA & M. Faro. 2019. Cartografias do Design: Memória e Cotidianidade do Marajó das Florestas em Mobiliário de Jupati. *MIX Sustentável [S.l.]* 5(5): 53-66.

Keller, P. F. 2011. Trabalho artesanal e cooperado: realidades, mudanças e desafios. *Sociedade e Cultura* 14(1): 29-40.

Krag, M. N., & A. C. Santana. (2017). A cadeia produtiva da castanha do-brasil na região da Calha Norte, Pará, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Naturais* 12(3): 363-386.

Lahire, B. 2004. *Retratos sociológicos: disposições e variações individuais*. Porto Alegre: Artmed.

Lévi-Strauss, C. 1996. *Tristes Trópicos*. São Paulo: Companhia das letras.

Lima, R. 2005. Artesanato de tradição: cinco pontos de discussão. In: *Olhares itinerantes: reflexões sobre artesanato e consumo da tradição*. Central ArteSol. 13-26.

Loureiro, V. R. 2007. Educação e Sociedade na Amazônia em mais de meio século. *Revista Cocar* 1(1):17-45.

Malinowski, B. 1976. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural.

Magnani, J. G. C. 2009. Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*. 15 (32): 129-156.

Maneschy, M. C. A. 1999. Pesquisa e participação: relato de uma experiência com mulheres pescadoras do litoral paraense. In: Alvares, M. L.; Santos, E. F. dos (org.). *Olhares & Diversidades: os estudos sobre gênero no Norte e Nordeste*. Belém: GEPEN/CFCH/UFPA; REDOR – N/NE 337-348.

Mariano, S.; L. P. Ferreira & M. Tavares. 2024. Em busca de si: construindo agência e autonomia feminina em contextos de pobreza. *Interações* 25(2) e2523762, abr./jun.

Kofes, S. 2015. Narrativas biográficas: que tipo de antropologia isso pode ser? In: Manica, D. & S. Kofes (Orgs.). *Vida e grafias: narrativas antropológicas, entre biografia e etnografia*. Rio de Janeiro: Lamparina.

Miller, D. 2013. Teoria das coisas. In: \_\_\_\_\_. *Treco, Troços e Coisas*. Rio de Janeiro: Zahar 66-118.

Nascimento, M. A. C. 1995. Submissão e resistência: um estudo entre trabalhadores/as têxteis de Belém. In: Alvares, M. L. M.; D’Incao, M. A. (org.). *A mulher existe? Uma contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia*. Belém: GEPEM. 117-132.

Nora, P. 1993. Entre história e memória: a problemática dos lugares. *Projeto História* (10):7-28.

Norman, D. A. 2008. *Design emocional: por que adoramos (ou detestamos) os objetos do dia-a-dia*. Rio de Janeiro: Rocco.

Oliveira, M.; C. L. C. Campinas & J. M. Albuquerque. 2023. Gênero na amazônia: resistências às violências do capitalismo-patriarcal-racista. *Serviço Social Debate* [s. l.] 6(2): 85-101.

Pereira, A. S. & I. R, Silva. 2023. História de Vida e Feminismos na Amazônia: um estudo de caso. *Educar em Revista*. (39):1-20.

Pollak, M. 1989. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos* 2(3): 03-15.

\_\_\_\_\_. Memória e Identidade Social. 1992. *Estudos Históricos* 5(10): 200-212.

Portelli, A. 2010. *Ensaio de História Oral*. São Paulo: Letra e Voz.

Saffioti, H. 2015. *Gênero patriarcado violência*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular.

Santos, S.B; C.M. Coimbra & V.V. Cavalcanti. 2024. A relevância social e política da história das mulheres no brasil. *Cad. Cedes* 122 (44): 6-16.

Sarraf-Pacheco, A. 2006. *À margem dos “Marajós”: cotidiano, memórias e imagens da “Cidade-Floresta” – Melgaço –PA*. Belém: Paka-Tatu. 303p.

\_\_\_\_\_. 2009(a). *Enel Corazón de la Amazonia: identidades, saberes e religiosidades no Regime das Águas Marajoaras*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

\_\_\_\_\_. 2009(b). História e Literatura no Regime das Águas: práticas culturais afroindígenas na Amazônia Marajoara. *Amazônica* 2(1): 406-441.

\_\_\_\_\_. 2012. Cosmologias afroindígenas na Amazônia Marajoara. *Projeto História* (44): 197-226.

\_\_\_\_\_. A. Corradi & M. N. Balieiro. 2015. A cidade-floresta na pintura da memória: teias visuais e orais em Maria Neco Balieiro. *Revista Moara: Estudos Linguísticos* (43):62-81.

Seixas, J.A. 2002. Os tempos da memória: (dês)continuidade e projeção. Uma reflexão (in)atual para a história? *Projeto História* (24): 43-63.

Schaan, D. P. 2006. Arqueologia, público e comodificação da herança cultural: o caso da cultura marajoara. *Revista Arqueologia Pública* (1).

\_\_\_\_\_. 2007. A arte da cerâmica marajoara: encontros entre o passado e o presente. *Habitus* (5): 99-117.

\_\_\_\_\_. 2012. Entre a tradição e a pós-modernidade: a cerâmica marajoara como símbolo da identidade 'paraense'. In: *Diálogos antropológicos: diversidades, patrimônios, memórias*. Belém: L & A Editora. 119-150.

Silva, A. A.; M. K. V. Santos; J. R. V. Gama; R. Noce & S. Leão. 2013. Potencial do extrativismo da castanha-do-pará na geração de renda em comunidades da mesorregião baixo Amazonas, Pará. *Floresta e Ambiente* 20(4): 500-509.

Simmel, G. 2005. *A filosofia do dinheiro*. Tradução de Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Zahar.

Simonian, L. T. L. 1995. Mulheres seringueiras na Amazônia Brasileira: uma vida de trabalho silenciado. In: Alvares, M. L. M.; D'Incao, M. A. (Orgs.). *A mulher existe? Uma contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia*. Belém: GEPEM. 97-116.

Soares, V. 2011. Mulher, Autonomia e Trabalho. In: *Autonomia econômica e empoderamento da mulher: textos acadêmicos*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão. 281-301.

Sousa, J. R. F.; M. Sá; D. C. Souza & S. K. Silva. 2020. Novos modos de fazer artesanato e desafios à manutenção econômica no Alto do Moura do século XXI. Read - *Revista Eletrônica de Administração* 26(3): 557-585.

Souza, M. F.; Mariano, S. A.; Ferreira, L. P. 2021. Tecendo fios entre interseccionalidade, agência e capacidades na teoria sociológica. *Civitas-Revista de Ciências Sociais* (21):423-33.

Spivak, G. C. 2010. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG.

Timm, F. 2011. A violência contra as mulheres. In: *Introdução Crítica ao direito das mulheres*. Brasília: CEUAD, FUB. 185-190.

Thompson, E. P. 1998. *Costumes em comum – Estudos sobre cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das letras.

Thomson, A. 1997. Reconstituo a Memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. *Projeto História* (15): 51-71.

Uriarte, U.M. 2012. O que é fazer etnografia para os antropólogos. *Ponto Urbe* (11).

Viveiro de Castro, E. 2002. O nativo relativo. *Mana* 8(1): 113-148.

Williams, R. 2000. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

